no abs

BOLETIM DA
SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO BRASIL

28 FEB 1952

ANO XXVI • NOVEMBRO DE 1951 • N.º 297

QUEIMADAS DE CAMPO E DE MATAS

Wanderbilit Duarte de Barros
Eng. Agrônomo

Hábito dos mais antigos no interior do país é a queimada. Ela é prática aceita pacìficamente por quantos labutam nas rudes tarefas agrárias e que vêem no fogo o meio propício, pela rapidez e aparente vantagem, para a limpeza e beneficiamento do solo.

Introduzido pelos primeiros colonos aqui aportados, segundo alguns observadores, embora outras autoridades em matéria de pesquisa histórica afirmem que a queimada constituia tarefa generalizada entre os indígenas, o fogo é empregado em grande escala na quase totalidade das terras no nosso meio rural. Utilizado sem limite, ateado no pasto não aceirado, com o objetivo de eliminar pragas vegetais ou animais daninhos (ratos, cobras e outros), o fogo se alastra dando geralmente desastrosos resultados. A rebrota do capim no pasto é apenas de ligeira vantagem, pois se a forragem pode ser mais alimentar, graças aos tenros rebentos, o solo se torna mais sêco e mais duro, sendo difícil a penetração das primeiras águas de chuvas. Estas deslizam e arrastam o melhor material do terreno, depositam-no vargedos ou os lançam nos cursos dos córregos e rios. O solo perde de embeber-se, não se enriquecendo de humidade e de azoto, em que é pródiga a chuva.

Quando a queimada atinge a mata suas consequências tornam-se mais desagradáveis. O material sacrificado atinge, em tôda a parte, calculado em dinheiro e prejuízo, a cifras consideráveis que aumentam as perdas do capital de tôda a Nação. Madeiras de utilidade variada, muitas das quais já hoje raras, perecem sem outro aproveitamento que não para a carvoaria. Tôda a flora é sacrificada, sofrendo a natureza inteira os efeitos dêsse trabalho. Morrem, com o fogo, os vegetais, os animais de tôdas as formas e, o que é mais sério, o próprio solo. Há estudos perfeitos demonstrando que a temperatura do solo, notadamente nos países tropicais, como o Brasil submetidos ao fogo das queimadas, atinge a altos graus térmicos, suficientes para prejudicarem a vida de vermes, micróbios e insetos, que levam existência no interior da terra.

A temperatura do solo, a 2,5 centímetros de profundidade, alcança durante a queimada 250°, menos 200 que a temperatura da superfície no mesmo momento, enquanto que, entre os 22 e 23 centímetros de profundidade, o grau térmico alcança a 40°, muito alta para, entre o solo e essas profundidades, permitir boa existência de sêres necessários à formação e manutenção de fertilidade do solo.

Excluídos êsses inconvenientes todos, uma outra desvantagem da queimada reside no fato de ficar a superfície exposta ao ressecamento pela acelerada evaporação determinada por falta de proteção contra os ventos. Aceitável apenas em uma ocasião, quando se realiza a coivara, o fogo deve, nos demais casos, ser evitado pelo que de pernicioso nas gerais conseqüências tem para as nossas terras.

Aliás, com o intúito de prevenir a ação dos incendiários, o Código Florestal Brasileiro preceitua penalidade severas. Isto, porém, não é primordial, pois o que deve o poder público fazer é despertar a atenção do roceiro, do fazendeiro, dos homens do interior, para os perniciosos efeitos das queimadas, indicando-lhes que elas sobrecarregarão em "deficit" as condições futuras do solo da propriedade. Êste é o meio certo de combater, nesta época de fogo, as queimadas de nossas terras.

(Coperação da Prefeitura Municipal de Campinas)

CALÇADA E TEMPERADA NA FABRICA NÃO LEVE AO FOGO!

TEMPERA 2½ ESPECIAL

Enxada Dragão prova *na terra* o seu valor!

Experiências feitas no *trabalho da terra* provam que a Enxada DRAGÃO dura mais que qualquer outra! E rende também mais, porque resiste, aos choques e está sempre afiada, apresentando um equilíbrio que facilita o trabalho e evita o cansaço provocado pelas enxadas comuns. De polimento e acabamento perfeitos, mantém-se *nova* por muitas e muitas safras. Trabalhe melhor seu torrão com a Enxada DRAGÃO.

Enxada Dragão

Se notar qualquer defeito na Enxada DRAGÃO, ela será trocada por outra, inteiramente nova e perfeita!

Fabricada e garantida pela

Cia. Mechanica e Importadora de São Paulo

fabricantes há mais de meio século

RUA FLORÊNCIO DE ABREU, 210 - TEL. 32-7185 - SÃO PAULO

Standard

Ford UM TRATOR PARA MUITOS SERVIÇOS

Fazendeiros se manifestam entusiasmados com a versatilidade do Trator Ford

TRECHOS DE CARTAS QUE RECEBEMOS DE TODO O BRASIL:

IRMÃOS BASTOS CRUZ, **Avaré, S. P.:**

"... vimo-nos forçados a retirar o Trator Ford do amanho das terras para — ante a gravíssima crise de energia elétrica que então atravessávamos — colocá-lo como acionador de nossas máquinas de beneficiar café, onde se portou com a mesma bravura com que prepara nossos terrenos".

SR. BRUNO JOENCK, **Brusque, Sta. Catarina:**

"Havia a necessidade de desviar um rio do seu curso normal para beneficiar as minhas terras. Lembrei-me em experimentar a abertura de uma valeta larga e profunda com o escavador montado no meu Trator Ford, para nela conduzir depois as águas do rio. O resultado dos serviços do escavador foi verdadeiramente surpreendente, pois, além de poupar tempo, economizei muito dinheiro, que me teria custado o serviço manual".

COOPERATIVA DOS SUINOCULTORES DE ENCANTADO LTDA., **Encantado, R. G. S.:**

"O Trator Ford economiza presentemente 20 operários, executando diversos trabalhos como: transporte de terra; terraplanagem; transporte de lenha, ao mesmo tempo que serra a lenha para uso da caldeira; transporte de suinos e, principalmente, sua função principal que é lavrar a terra, onde temos constatado os melhores e mais proveitosos resultados".

Peça uma demonstração no Revendedor Ford mais próximo

FORD MOTOR COMPANY

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto do Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA
Sede: Largo da Misericórdia, 24

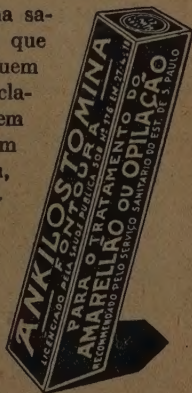
Ano XXVI	NOVEMBRO DE 1951	Número 297

Sumário

AGORA ELE É

OUTRO HOMEM

Hoje ele parece outro! Trabalha satisfeito e sente-se feliz em ver que tudo corre bem! E se vê alguem sofrer como ele sofria antes, esclarece e aconselha: "O que você tem é devido aos vermes que infestam seus intestinos! Faça como eu, um tratamento com a ANKILOSTOMINA FONTOURA!"

Estes são os sintomas terriveis do amarelão: palidez - falta de apetite - calor na bôca do estômago. Consulte um médico e ele lhe dirá que as drágeas de ANKILOSTOMINA FONTOURA, tomadas de oito em oito dias, resolvem os casos comuns de amarelão ou opilação.

ANKILOSTOMINA

FONTOURA

DESTRÓI E ELIMINA OS VERMES DO AMARELÃO!

Internacional

TEMOS PARA PRONTA ENTREGA:

- Superfosfato simples 20/21%
- Superfosfato triplo 45/47%
- Cloreto de potassio 60%
- Sulfato de potassio 50%
- Sulfato de amônio 20,5%
- Farinha de ossos
- Farelo de Mamona

VENDAS A VISTA
E A PRAZO

Análise GRATUITAS de terra, em 24 horas. Fornecemos instruções para colheita de terra para exames.

CONSULTE-NOS

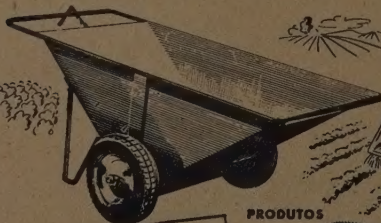
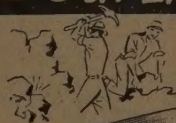
50% DE DESCONTO nas remessas pelas estradas de ferro da União ou arrendadas.

IMPORTADORA AGRO-PECUÁRIA

Rua Itapura de Miranda, 23 - Fones 33-3674 - 33-4687 - End. Tel. "Garôa"
SÃO PAULO

A GRANDE DUPLA!

Carrinho MÓCA

É indispensável. Reduza a mão de obra, baixe o custo da safra, empregando o carrinho MÓCA, fabricado especialmente para receber o café lavado e espalha-lo pelo terreiro numa ação rápida e altamente económica.

Carrinho CASTOR

Para todo o serviço leve ou pesado e com durabilidade eterna, o carrinho CASTÓR, é construido inteiramente de aço sem emendas, reforçado, com rodas patenteadas Nielsem e estudado para não sofrer qualquer desgaste.

Fabricantes: INDÚSTRIAS GASTÃO PINATEL
Construções Mecânicas e Metálicas Ltda.
EXPOSIÇÃO E LOJA:
Rua Dom Bosco, 148 — Fone 3-4609
SÃO PAULO

ASPECTOS DO PROBLEMA CAFEEIRO

GANHAM TERRENO OS ESTADOS "NOVOS"

J. TESTA

Depois de haver atingido, no quatriênio 1923-26, à alta porcentagem de 71,67% em valor, no total das exportações brasileiras, o café decaiu progressivamente nos quatriênios seguintes até chegar, em 1939-42, a 31,47%.

A partir daí, reagiu, subindo no quatriênio 1943-46 a 34,95% e no de 1947-50 a 49,71%. Nos últimos anos, o aumento dessa porcentagem continua progressivo, sendo ela a seguinte, de 1947 até o primeiro semestre de 1951:

Porcentagem do valor do café no total das exportações brasileiras

1947	35,99%
1948	41,57%
1949	57,61%
1950	63,85%
1951 (1.º semestre)	76,48%

O primeiro semestre do corrente ano assinala, com 76,48%, uma porcentagem recorde do valor do café no total em nossas exportações.

Muito se tem discutido sôbre se representa um bem ou um mal essa predominância do café em nosso intercâmbio. Entretanto, a discussão é até certo ponto acadêmica, pois os fatos são os que são, e a predominância do café não se verifica porque o desejemos, e sim porque é êle, ainda, nosso principal artigo de exportação.

Não se tem, à vista qualquer outro produto capaz de substituí-lo: com a sua vitalidade, o seu alto valor unitário, sua adaptação às nossas condições, sua facilidade de comercialização, o café reune condições dificìlmente superáveis.

* * *

As quantidades produzidas e exportadas diminuiram, a partir de 1941, devido principalmente ao declínio de produtividade dos cafèzais paulistas, em virtude das grandes geadas e secas de 1940 a 42, sendo que as secas têm prosseguido quase ininterruptamente. Além disso, o envelhecimento da generalidade dos nossos cafèzais póde ser também responsabilizado por essa queda da produção. Êsse declínio, mais acentuado em S. Paulo e Estado do Rio, mas que também se verifica em tôdas as zonas

"velhas" de Minas, Espírito Santo e outras, não consegue ser compensado pela grande produtividade dos cafèzais que se têm plantado nas zonas "novas" do Paraná, do Espírito Santo e de Goiás.

Felizmente, porém, os preços reagiram, mercê de vários fatores que têm sido a seu tempo apreciados, e dentre os quais sobressaem a liquidação dos antigos estoques do D.N.C. e a posição estatística do produto, que continua favorável, com a procura mundial sempre superior à produção.

Eis a ascenção dos preços, nos últimos tempos:

Preço médio por saca posta a bordo, em cruzeiros:
— Ano civil —

Ano	Preço	Ano	Preço
1935	140,69	1944	286,18
1936	157,31	1945	299,24
1937	178,13	1946	417,06
1938	134,18	1947	519,02
1939	105,42	1948	515,57
1940	131,93	1949	559,45
1941	182,51	1950	1.072,31
1942	270,03	1951 (1.º sem.)	1.211,60
1943	277,16		

* * *

Fato digno de acentuar-se é o estacionamento ou declínio da produção nos Estados "velhos" (Rio, Minas e S. Paulo) e o aumento nos "novos" (Paraná, Espírito Santo, Goiás e Mato Grosso).

Nas safras de 1929-30 a 1933-34, a produção total do Brasil foi a seguinte, com as respectivas produções por Estado:

Produção total de café do Brasil 1929-34

Estados	1929/30	1930/31	1931/32	1932/33	1933/34
S. Paulo ...	19.490.000	10.097.000	18.829.000	11.689.000	21.850.000
Minas	5.135.000	3.200.000	5.226.000	2.131.000	4.062.000
Paraná	596.000	347.000	604.000	380.000	600.000
Esp. Santo .	1.579.000	1.532.000	1.800.000	1.050.000	1.859.000
Rio	1.115.000	909.000	1.370.000	850.000	905.000
Goiás	138.000	19.000	75.000	58.000	24.000
Bahia	407.000	330.000	390.000	250.000	184.000
Pernambuco	482.000	137.000	250.000	150.000	150.000
Total	**28.942.000**	**16.571.000**	**28.544.000**	**16.558.000**	**29.634.000**

Atualmente (quinquênio 1946/47 a 1950/51) são êsses os totais:

Produção total de café do Brasil 1946-47

Estados	1946/47	1947/48	1948/49	1949/50	1950/51
S. Paulo	8.875.000	6.520.000	11.203.000	7.391.000	8.018.000
Minas	2.177.000	2.753.000	2.413.000	3.214.000	2.745.000
Paraná	1.137.000	1.550.000	1.885.000	2.318.000	4.010.000
Esp. Santo .	1.207.000	2.042.000	1.032.000	2.543.000	1.387.000
Rio	271.000	446.000	142.000	586.000	210.000
Goiás	78.000	69.000	158.000	28.000	44.000
Bahía	162.000	101.000	89.000	102.000	115.000
Pernambuco.	113.000	88.000	41.000	100.000	94.000
M. Grosso .	200	1.000	19.000	18.000	7.000
Total	**14.020.200**	**13.570.000**	**16.982.000**	**16.300.000**	**16.630.000**

Nota: — 1946/47 a 1948/49: S. Paulo cifras da S.S.C.; outros Estados cifras do D.N.C.
1949/50 a 1950/51: cifras do D.N.C.

Estudando-se a produção dos diversos Estados, em face das porcentagens de cada um no total da safra do país, verifica-se, de 18 anos a esta parte, o seguinte:

Na safra recorde de 1933/34, por exemplo, a produção estivera assim distribuida, entre velhos e novos Estados produtores:

Safra 1933/34

		Sacas		
"Velhos"	São Paulo	21.850.000		
	Minas Gerais	4.062.000		
	Rio de Janeiro	905.000		
	Baía	184.000		
	Pernambuco	150.000	27.151.000	(91,62%)
"Novos"	Paraná	600.000		
	Espírito Santo	1.859.000		
	Goiás	24.000	2.483.000	(8,38%)
	Total do Brasil		29.634.000	

Os velhos Estados produtores haviam figurado, nêsse ano de 1933, com 91,62% e os novos com 8,38%, sendo que S. Paulo com 73,73% do total.

Para 1951/52 a produção brasileira foi calculada como se segue, pela Divisão de Economia Cafeeira:

Safra 1951/52 (Avaliação da D.E.C.)

		Sacas		
"Velhos"	S. Paulo	7.700.000		
	Minas Gerais	3.200.000		
	Rio de Janeiro	500.000		
	Bahia	100.000		
	Pernambuco	90.000	11.500.000	(68,38%)
"Novos"	Paraná	3.000.000		
	Espírito Santo	2.300.000		
	Goiás	50.000		
	Mato Grosso	7.000		
	Santa Catarina	1.500	5.358.500	(31,62%)
	Total do Brasil		16.948.500	

Verifica-se que a participação dos Estados "velhos" é, nessa safra 1951/52, de 68,38% e a dos "novos" de 31,62%. S. Paulo figura com 45,43% do total, sendo de notar que a produção está se revelando inferior à calculada.

O que se conclue é que de 1933 a 1951 (18 anos) os Estados "novos" passaram de 8,38% a 31,62%, enquanto os "velhos" cairam de 91,62% a 68,38%.

Não se trata de safras escolhidas a propósito para obter êste resultado. Nos últimos anos a porcentagem de uns e outros é mais ou menos a mesma de 1951/52. E tende a acentuar-se o declínio dos **velhos,** com o grande aumento de produção dos **novos.**

É claro que o critério aqui adotado, com referência a **velhos** e **novos** Estados cafeeiros, é relativo. Em Goiás cultiva-se café desde fins do século XVIII e em Mato Grosso já existiam cafèzais pelo menos ao tempo da guerra do Paraguai.

O Espírito Santo viu suas terras invadidas pelo exército dos cafèzais desde começos do século XIX. Só o Paraná é realmente novo em cafeicultura. Mas, acontece que a lavoura cafeeira se mantinha estacionária em Goiás, Mato Grosso e Espírito Santo, e sòmente agora se verifica, nêles, um surto de novos plantios, capaz de os destacar na produção brasileira. São áreas novas, que se abriram ao Sul de Mato Grosso e ao norte do Espírito Santo. Daí o fato de poderem ser chamados, com propriedades, "novos".

Com os novos e racionais processos que vem adotando a cafeicultura nas zonas velhas, é de se esperar que consignem elas certa recuperação nas safras vindouras. Mas, por enquanto o fato constatado é o crescimento gigantesco das zonas novas, para o qual não se vê limite à vista..

TRATOR FERGUSON

Uma só unidade para todos os trabalhos de sua fazenda

TRATOR FERGUSON equipado com Roteador — uma criação Ferguson para o preparo de sementeiras, renovação de pástagens, lavra profunda; evita muitas vezes o trabalho de lavrar com arado.

Quer Va. Sa. compre um trator para cargas máximas, quer para executar as inúmeras tarefas cotidianas da fazenda, não deixe de ir ver o TRATOR FERGUSON em ação.

Verá nele mais fôrça para o trabalho, em uma só unidade compacta, do que jamais julgou possível. Fôrça gerada por um motor de válvulas na cabeça, especialmente desenhado; fôrça utilizada ao rendimento máximo pelo único e legítimo SISTEMA FERGUSON!

Não só Va. Sa. adquire tôda a fôrça necessária para as cargas máximas, como também consegue **fôrça flexível, econômica, que poupa combustível**, para as tarefas ligeiras.

Graças ao perfeito Sistema Ferguson, acabou-se o pêso "excessivo" que roubava potência e devorava combustível. Faça questão de ver um TRATOR FERGUSON em ação. Solicite uma demonstração e certifique-se de sua excelente qualidade.

ASSISTÊNCIA MECÂNICA EFICIENTE • COMPLETO ESTOQUE DE PEÇAS
A MAIS COMPLETA LINHA DE IMPLEMENTOS AGRICOLAS

•

DISTRIBUIDORES NO BRASIL:

VARAM MOTORES S. A.

Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, 1099 — Caixa Postal, 8102 — São Paulo

SISTEMA FERGUSON DE MECANIZAÇÃO DA LAVOURA

A AGRICULTURA AFRICANA VISTA POR UM AGRÔNOMO BRASILEIRO

O. T. MENDES SOBRINHO
Engenheiro-agrônomo, Subdivisão de Estações Experimentais, Instituto Agronômo, Campinas

(Continuação)

2.5.3.5 — Experimentação e fomento

a) **Estabelecimentos de pesquisa e trabalhos em andamento.** Data de 1898 o início da experimentação agrícola no Protetorado de Uganda Tão logo o govêrno inglês assumiu a direção política e administrativa do país, criou o primeiro estabelecimento de experimentação. Teve êste a finalidade de ensaiar, pela primeira vez, as culturas cujos produtos tivessem possibilidades de exportação, bem como as que se destinassem à alimentação indígena, com o fim de dar um balanço às possibilidades do desenvolvimento econômico-agrícola da nova possessão. Anteriormente àquela data, a agricultura nativa se limitava a uma precária produção de alimentos para uso doméstico dos povos locais. A primeira "fazenda para observações" foi estabelecida em Entebe, e se acha hoje transformada em jardim botânico. Ao fim da primeira década do presente século, o govêrno do Protetorado já havia instalado mais seis campos experimentais, para observações, em diversos pontos da área até então sob sua jurisdição, com o propósito de conhecer as reações de cada uma dessas regiões às culturas ensaiadas. Na Fazenda Experimental de Cacumiro, no ocidente de Uganda, foi experimentada a cultura do cafeeiro, das espécies **C. arábica** e **C. canephora,** ao lado da seringueira. Pela mesma época outros ensaios sôbre plantas tropicais já vinham sendo realizados em Entebe, enquanto o algodoeiro era submetido a experiência nas fazendas de observação de Singa e de Nomenague, respectivamente nas Províncias de Buganda e Oriental. Em 1920, com o desenvolvimento da cultura algodoeira, foi criada a Estação Experimental de Bucalasa e de Serere, à qual já nos referimos. Logo a seguir foi estabelecida a Estação Experimental de Bugusege, especialmente para as pesquisas relacionadas ao cafeeiro da espécie **C. arábica.** Após uma sondagem de 30 anos acêrca da ecologia do país, o Departamento da Agricultura de Uganda chegou à conclusão de que um tão grande número de pequenas estações representava uma forma de dispersão nociva á pesquisa, pela dificuldade de bem dotar materialmente e de pessoal técnico, pequenas unidades experimentais. Passou-se daí a adotar uma política oposta, do que resultou o fechamento das pequenas estações e a concentração das atividades experimentais nas entidades centrais. Cavanda e Serere, são estabelecimentos dessa ordem. Hoje, a organização experimental de Uganda obedece a seguinte gradua-

FIGURA 5 Aspectos de Uganda. "A" — nativos transportando fardos de fumo, rodovia Cabale-Quisoro, montanhas do Distrito de Quiguesi, Província Ocidental, 28-6-50; "B" cafeeiro robusta, variedade erecta, Estação Experimental de Cavanda, Província de Buganda, 21-6-50; "C" — cafeeiro robusta, variedade normal, Estação Experimental de Cavanda, 21-6-50; "D" — ramo de cafeeiro robsta, sítio do nativo Nassanayd Sary, arredores de Campala, 20-6-50.

ção: **estações centrais** autônomas, estações de **segunda ordem** e estações **de terceira ordem.** Estas duas últimas categorias não possuem autonomia e subordinam-se às centrais ou de primeira ordem. As entidades principais distinguem-se das demais por possuirem técnicos especializados em botânica, entomologia, agro-geologia, com laboratórios bem instalados e por cuidarem também da experimentação agro-pecuária. As de ordens inferiores têm funções especializadas, quer no terreno agrícola quer no pecuário. As duas centrais têm ainda secções educacionais, para formação de africanos auxiliares de fomento. Na Estação Experimental de Serere há um interessante serviço de fomento baseado no princípio de locação de famílias de agricultores nativos em pequenas áreas de 3 a 5 ha. Nessas pequenas granjas (small-holgings), o indígena dispõe de uma casa do tipo local, porém com alguns melhoramentos do ponto de vista higiênico, de seis bois para tração, de um arado, duas vacas leiteiras, galinhas, paiol e gaiola para prender as aves durante a noite. Alí praticam culturas alimentares e de algodão, segundo um programa de rotação técnico-econômico, orientado e dirigido pelo diretor de Serere. A família nativa ali permanece por dois anos, findos os quais regressa à sua própria terra. Durante os primeiros tempos, os agentes de fomento mantêm frequente contacto com êstes elementos e observam o aproveitamento que tiveram o efeito que produzem sôbre os seus vizinhos.

Uganda possui uma rêde de estações experimentais distribuidas pelo país, da seguinte forma:

Categoria das estações	Nomes	Distritos
Primeira ordem	Cavanda	Mengo
Primeira ordem	Serere	Teso
Segunda ordem	Bucalasa	Mengo
Segunda ordem	Negueta	Lango
Segunda ordem	Cachevencano	Quiguesi
Segunda ordem	Bugusege	Buguichu
Terceira ordem	Quiembogo	Toro
Terceira ordem	Bulindi	Bunioro
Terceira ordem	Buvunga	Masaca
Terceira ordem	Cacumiro	Mubende
Terceira ordem	Cameniamigo	Masaca

Na localização das estações, os inglêses não se afastaram da sua linha de bom senso, e se orientaram segundo um critério extritamente técnico, visando resolver os problemas gerais da produção agro-pecuário da nação. Coube, portanto, aos técnicos do Departamento de Agricultura, exclusivamente, deliberar sôbre a distribuição das mesmas, sem predileção de qualquer ordem, por esta ou aquela zona.

Embora não esteja subordinado ao Departamento de Agricultura do Protetorado, não desejamos deixar sem menção o maior centro de pesquisas com algodoeiro na Inglaterra Colonial, que é a Estação Experimental de Namulonge, organismo experimental autárquico extipendiado e dirigido pela "Empire Cotton Growing Corp.". Conforme se

FIGURA 6. Aspectos de Uganda, "A" — cafeeiros da variedade Kent, Estação Experimental de Cavanda, Província de Buganda, 21-6-50; "B" — cafeeiros da variedade Kent, com 18 anos, a pleno sol, árvores deformadas pela ausência de sombreamento, Estação Experimental de Bugusege, Mbale, Província Oriental, 23-6-50; "C" — o nativo Nassanayd Sary, sua família, vendo-se ao fundo a sua casa e o cafèzal sombreado, arredores de Campala, Província de Buganda, 20-6-50; "D" escolares africanos da "Busesa Provincial School", rodovia Jinja-Mbale, Província de Buganda 23-6-50.

pode verificar pelo roteiro em Uganda, em nosso programa de visitas foram incluídos quatro dos principais estabelecimentos experimentais e dos que mais interessavam à nossa missão: Cavanda e Bugusege, especializados em café, Serere em algodão e recuperação agro-pecuária e Namulonge a que acabamos de nos referir. Os planos de trabalho experimentais em execução nas estações são julgados por um conselho técnico composto do agrônomo da província, do botânico, do entomologista, da estação de primeira ordem e por mais três especialistas. Os encarregados das estações de "segunda" e de "terceira ordem", são meros executores de planos de trabalhos e acumulam as funções de agentes de fomento. Os julgamentos dos resultados dos ensaios são realizados nas estações centrais. Notamos que as estações por nós visitadas não possuiam fitopatologistas. Pareceu-nos também haver uma falta de entrosamento de trabalhos técnicos, ou melhor, uma ausência de trabalho de equipe, na investigação agronômica.

As pesquisas relacionadas ao cafeeiro, em Cavanda e Bugusege, resumem-se nos seguintes planos de trabalho:

Experimentação com o cafeeiro robusta — Cobertura do solo (mulch,), cultura de cobertura, efeito de diferentes tipos de sombreamento, estudos sôbre poda do cafeeiro e das árvores de sombra, estudos sôbre pragas e moléstias.

Melhoramento e seleção do cafeeiro robusta — Há anos começaram a seleção do cafeeiro **canephora** em Uganda, tanto da variedade **erecta,** importante de Java, como com a variedade **normal,** ou **nganda** dos indígenas, que é o representante do cafeeiro selvagem do país. Com o fim de obter progênies de **canephora,** que muito facilitaria o melhoramento das suas variedades, os inglêses vêm fazendo em Campala, há 18 anos, tentativas com o fim de conseguir a autofecundação do robusta em escala razoável, de modo a permitir a continuidade dos trabalhos de melhoramentos em moldes práticos. Sabe-se que o **canephora** é pràticamente auto-estéril, fator êsse que limita a aplicação dos trabalhos de genética a essa espécie de cafeeiro. Os métodos de polinização empregados foram os seguintes: a) polvilhamento das flores com pólem, por meio de pinceis de pêlo de camelo; b) emprêgo de abelhas (prèviamente lavadas para retirada do pólem de cafeeiros selvagens) nos envoltórios protetores dos ramos com flores. Dos dois processos, o mais eficiente foi a da polinização á mão com os pinceis de pêlo de camelo. As autofecundações na variedade **erecta** resultaram quase imfrutiferas, em muitos casos não passavam da modesta taxa de 0,5% de pagamento. Entretanto, tentativas com a variedade **normal (nganda),** resultaram em uma média de frutos autofecundos de 28%, o que é notável para as formas do **canephora.** Verificou-se, contudo, que só uma loja se fertilizava. A alta proporção de autopolinização da variedade **nganda,** foi confirmada pelo fato de se verificarem produções de robusta em árvores antigas e isoladas de qualquer outro cafeeiro. A autopolinização do **canephora, nganda,** abre pois, campo fácil ao melhoramento dos cafeeiros dessa espècie, pela obtenção de linhagens de árvores grande produtoras.

Experimentação com o cafeeiro arabica — Os trabalhos estão concentrados em Bugusege e, em resumo, são os seguintes: emprêgo

de cobertura (mulch), ensaios de espaçamento, de sombreamento, de poda e de preparo do café (despolpamento, fermentação e séca à sombra). Não há trabalho de genética aplicada ao melhoramento do cafeeiro. Existem, contudo, projetos cuja execução estará a cargo do futuro centro de pesquisas agronômicas da África Oriental Inglêsa, que é a estação experimental de Nuguga, a 12 km de Nairobi, em Quênia, para onde estão sendo transferidos material e técnicos da tradicional estação de Amani, em Tanganica, fundada pelos alemães. Nuguga será um dos estabelecimentos autárquicos a cargo da Alta Comissão da África Oriental Inglêsa. Como êste centro terá a seu cargo a solução de problemas de ordem geral, o Ministério das Colônias entendeu livrá-lo da burocracia governamental, a fim de que as pesquisas agronômicas não sejam embaraçadas pela subordinação financeira e do pessoal à administração pública comum.

b) **Fomento da cultura do café.** Não há, em Uganda, um serviço especializado de fomento da cultura do cafeeiro. O serviço de extensão do Departamento da Agricultura é geral abrange todos os setores das atividades agro-pecuárias do país.

Organização do pessoal — Os agentes do fomento estão hirarquicamente distribuídos em escala descendente, da seguinte forma: **agrônomo de província** (Provincial Agricultural Officer), obrigatòriamente europeu, é a mais alta autoridade em cada província e reside na séde dessas divisões territoriais; **agrônomo de distrito** (Agricultural Officer), imediato do anterior, obrigatòriamente europeu, tem a seu cargo os serviços da respectiva circunscrição territorial; **assistentes de agrônomos** (European Agricultural), também europeus, trabalham sob as ordens do agrônomo de distrito e residem nas sédes de distritos; **assistente agrícola africano** (African Agriculture Assistent), são indígenas, auxiliares imediatos dos "European Agricultural". Êstes africanos são formados pelo "Makerere College", onde fazem um curso de cinco anos, depois do que completam um estágio prático em Serere ou Campala. Êles são obrigados a falar correntemente, pelo menos duas línguas indígenas, visto serem muitos os dialetos a variarem de tríbo para tríbo; instrutor agrícola africano (Agricultural Instructors) africanos, representam o extremo da cadeia de agentes do fomento. Por essa razão é êle o ístimo de ligação entre "extension work" e os agricultores nativos. São os transmissores pessoais dos ensinamentos aos agricultores. Por outro lado, têm a função de auscultar as tendências e necessidades do povo para comunicá-las aos seus superiores hierárquicos. Como vemos, a sua ação é reversível: recebem instruções do centro e levam-nas à periferia, onde ouvem e observam, transmitindo as suas impressões ao centro onde os problemas são estudados. Êstes auxiliares possuem certificado de curso prático de Serere e, obrigatòriamente, residem nos centros rurais de maior movimento.

Territórios geográficos dos agentes do fomento — A esfera de ação de cada um dos agentes do fomento, dentro de cada província, é a seguinte:

Agrônomo de província — tôda a província;
Agrônomo de distrito — todo um distrito;

Agrônomo assistente — 400 km² (em um mesmo distrito);
Assistente agrícola africano — 50 km²;
Instrutor agrícola africano — 5 km².

Meios de locomoção dos agentes do fomento — Os agentes europeus, possuem condução própria, cuja aquisição é obrigatória. O govêrno fornece um automóvel comum, cuja marca ou tipo são da escolha do interessado e cujo pagamento obedece a um plano de 5 anos e os descontos são feitos mensalmente sôbre os ordenados. Os assistentes agrícolas africanos se locomovem em motociceltas, que são obrigados a possuir e cuja aquisição obedece a plano idêntico ao dos automóveis dos agrônomos brancos. O instrutor agrícola africano não possui condução fornecida pelo govêrno, nem é obrigado a possuí-la, pois, dada a sua função, tem de percorrer o seu setôr a pé, para perfeita eficiência do seu mistér.

TÉCNICA DE FOMENTO E MÉTODOS

Método oral direto — A experiência provou aos responsáveis pelo Departamento de Agricultura de Uganda, que não há receptividade do nativo para a propaganda coletiva e que o fomento tem que ser feito de indivíduo para indivíduo. É necessário, pois, que o "instrutor agrícola africano" capte a confiança de cada nativo. Mas, como êstes são tribalizados e acatam cegamente as determinações dos "chefes nativos", a catequese às novas práticas visa a êstes, porque a vitória atinge sempre mais de um nativo, comumente um grupo familiar de agricultores. Há apreciável porcentagem de indiferentes. A êstes, nenhuma atenção é dispensada pelo agente de fomento, porque a prática demonstrou que só se modificam por ação indireta, pois, com o tempo, acabam imitando os interessados que foram objeto de trabalho pessoal dos agentes do fomento. Assim, a metamorfose dos hábitos da massa é feita por ação indireta, como consequência da criação de nova mentalidade em reduzido grupo, por efeito da atuação direta e individual do agente do fomento.

Método objetivo (campos de demonstração): Nos Estados Unidos os campos de demonstração fracassaram como meio de fomento agrícola. Na África, também, esta modalidade de propaganda provou a sua impropriedade como elemento de fomento da modernização da agricultura. Há, da parte do nativo, como da parte do nosso agricultor, uma atitude de desconfiança nos resultados econômicos dos campos de demonstração. A falta de preocupação, nos dois casos, da parte financeira, cria na mente dêsses lavradores o presuposto de que só o govêrno pode sustentar um campo semelhante e o catequizando conclui pela impossibilidade de realização das práticas que contrastam e chocam com aquilo que êle está acostumado a executar. É a pressa de se conseguir um resultado sem se atentar para um meio têrmo, que estivesse mais próximo da rotina a que o indivíduo está condicionado, portanto, dentro de suas reais possibilidades. Visitamos o Campo de Bubuda, em plena zona do Buguicho. O nosso acompanhante, Mr. R. K. Tremellet (Agricultural Officer), foi logo nos advertindo que o "Departamento de Agricultura de Uganda não reconhece, nos campos de demonstração, uma modalidade eficiente de fo-

mento entre os nativos". O citado campo tem 3 ha, representando o tamanho médio de uma propriedade indígena da região e se encontra rodeado por "sítios" de nativos. O campo representa uma tentativa de demonstrar ao prêto como poderá êle se utilizar, racionalmente, de 3 ha de terra. Baseia-se no uso de solo ladeirento por meio da agricultura, com rotação de culturas anuais e também das permanentes, orientadas no sentido de preservar a terra contra a erosão e no de obter um maior rendimento. A configuração geométrica da propriedade era apresentada por um retângulo, cujo eixo maior estava orientado no sentido do maior declive. Longitudinalmente, o terreno estava dividido em duas partes por um caminho, à esquerda do qual havia faixas em nível de culturas anuais e do lado direito, terraços com culturas permanentes. De um lado e de outro do citado caminho partem cordões vegetados com uma grama semelhante à nossa macaé. Na parte inferior do terreno estava a entrada do sítio e na superior a casa do nativo, pontos êsses ligados pelo caminho central. O terreno à esquerda do caminho e destinado à rotação das culturas anuais, obedecia ao seguinte plano de utilização: **1.º ano,** "finger millet", semeado em março e feijão em outubro; **2.º ano,** batata doce semeada em maio e junho; **3.º ano,** metade da faixa semeada em março com "finger millet" e metade com mandioca, semeada no mesmo tempo; **4.º ano,** milho onde existia "millet", semeado em outubro, enquanto a outra metade permanecia com mandioca. Êste esquema era executado simultâneamente em quatro faixas em nível, enquanto que a quinta faixa permanecia vegetada com capim elefante, para pousio. Na lado direito do caminho a rotação era feita também em terraços de nível, vegetadas em seu bordo inferior com vetiver (**Vetiveria zizanioides**), mas com culturas permanentes de café arábica e banana. Três terraços estavam com banana e outros tantos com café, alternadamente. Os cafeeiros em cada patamar estavam dispostos em 5 fileiras, no compasso 1,90 m, entre ruas e entre covas com uma planta. Na barreira de vetiver encontravam-se árvores de sombra para café (**Entada abyssinica**), cada 7 metros. Observamos que êsses cafeeiros com 4 anos apresentavam carga de frutos, estimada em 4 litros de cereja por pé, raras fôlhas atacadas pela hemileia. Alí vimos também um lote de 100 cafeeiros arábica introduzidos do Sudão, com 7 anos e com os seguintes caraterísticos: aspéto geral muito bom, ataque pela hemileia, sem significação econômica, plantas extremamente variáveis, ocorrência de broca quase nula. Conforme informação de nosso acompanhante, nenhum dos agricultores vizinhos do campo de demonstração se impressionou com os resultados aí obtidos e nem procurou imitar qualquer das práticas alí empregadas.

Método objetivo — cinema: Não deu bons resultados porque as cênas são rápidas e não há tempo para o espectador nativo fixá-las. Além do mais, observaram os agrônomos inglêses que tôdas as cênas que não se relacionassem à vida do próprio nativo pouco o interessavam.

Método objetivo — projeções: Provou melhor que o cinema, por haver tempo a explicações e fixação dos motivos. Acresce notar que o trabalho fotográfico é bem mais expedito que o cinematográfico, incompa-

ràvelmente mais barato e por isso póde a propaganda versar com grande facilidade sôbre assuntos locais, que são os de maior interêsse para o indígena.

Método escrito — folhetos: A distribuição de folhetos, embora em língua de cada tríbo, provou ser de ineficiência absoluta.

Método indireto — estímulo à vaidade: O maior sucesso do "extension work" de Uganda foi obtido através da exaltação da vaidade humana. O método que tanto sucesso vem alcançando para a melhoria das práticas agro-pecuárias, se resume no seguinte: concessão de prêmios aos melhores agricultores, cuja entrega é feita durante uma festa, na qual haja grande assistência e publicação, pela imprensa, da fotografia do vencedor. De todos os objetos oferecidos ao vitorioso, os que despertaram mais interêsse foram as taças entregues com solenidade. Vale lembrar que os nossos pequenos agricultores, meeiros, arrendatários e até sitiantes, estão técnica e culturalmente muito mais próximos do nativo africano que do avançado lavrador norte-americano. Os métodos de fomento empregados na África, pensamos, alcançariam um sucesso muito maior entre a massa dos obreiros da nossa produção agro-pecuária, que os métodos americanos. Não nos referimos à forma de fomento que temos praticado em São Paulo, que é a de propaganda para fazendeiros e não para o modesto agricultor da enxada. Não temos forma de fomento direto ao homem que, de fato, trabalha a terra. As noções que lhe chegam são através dos patrões, pois êstes é que demandam às nossas casas da lavoura e não o operário rural. **Fomento da cultura do café** — Como já tivemos ocasião de nos referir, êste se faz em Uganda através da distribuição de mudas, tanto para o café robusta, como para o arábica. Há viveiros instalados pelo Departamento de Agricultura, para a distribuição de mudas de material produtivo. Dada a saturação demográfica das áreas de terras boas para café, especialmente no Monte Elgon, é com parcimonia que o próprio govêrno procura distribuir as mudas de arábica, por causa do receio que a cultura do café venha mover concorrência à de alimentação. Há interêsse dos nativos, das zonas altas, para aumentar as plantações de arábica. O mesmo não se nota pelos da zona baixa, do robusta. No Monte Elgon, os agrônomos inglêses estão estudando a possibilidade de os nativos cultivarem o cafeeiro intercalado com a bananeira, que alí é a principal planta produtora de alimento. Os primeiros resultados obtidos são mais ou menos animadores. Dado que haja sucesso na tentativa e que, com boa vontade, a produção de café arábica de Uganda dobre em pêso e volume, o país passará a contar, então, com mais 50.000 sacas de café de exportação, de 60 quilos. **Melhoria da qualidade do produto** — Nêste particular achamos que os agrônomos inglêses conseguiram muito dos nativos, relativamente ao café arábica no Monte Elgon. Não há muito tempo o café era todo despolpado à mão, por meio de atrito entre dois pedaços de pedra. Hoje, despolpamento e fermentação do café arábica da área do Bugischo estão sendo feitos racionalmente e o resultado é um café de ótima qualidade para exportação. **Visita à Usina de Bululu** — Visitamos esta usina instalada pela "Bugishu Coffee Scheme" e pertencente à "Bugishu Coffee Marke-

ting Company". Até por volta de 1941, o comércio de café estava totalmente em mãos de intermediários indús, que manobravam o mercado à sua vontade, baixando as cotações na ocasião das colheitas e causando prejuízos consideráveis aos nativos. Êstes, por sua vez, com consequência dos preços baixos, não se esmeravam no preparo do produto. O despolpamento era feito por meio de esfregasso, sem fermentação e a séca em terreiros de terra, quase sempre úmidos: o resultado era um café escuro, mal cheiroso, não obstante ser da espécie arábica. Diante dessa situação, naquele ano de 1941, o govêrno do Protetorado chamou a si a tarefa de metodizar o preparo e comércio de café, visando obter um produto de boa qualidade. Como parte do programa de modernização, instalou uma usina central para preparo do café por via úmida. Por outro lado, prossegue o govêrno no estímulo à instalação de pequenas unidades, onde as máquinas são acionadas à mão, em pontos distantes da usina central. A "Bugishu Coffee Marketing Company" é constituída pelos antigos compradores de café da região do Elgon, que foram reunidos nessa organização e que são fiscalizados pelo govêrno do país. O "Plano do Café do Buguicho" terminará em o ano de 1951. Paralelamente à organização dos compradores, procedeu-se à organização dos produtores em cooperativas. O café, que antes era negociado a volume, o é hoje a pêso. A usina a que estamos nos referindo e suas sucursais, trabalham pràticamente tôda a produção de café arábica de Uganda que gira ao redor de 3.100 toneladas exportáveis. A usina central de Bululu, pode ser assim descrita: **a)** Bateria de tanques para recebimento do café e separação do cereja e do sêco; **b)** dois despolpadores de discos, de fabricação John Gordon, de Londres, com capacidade para 27 toneladas de café cereja cada um em 10 horas; **c)** um agitador tubular, por onde passa todo o café dos despolpadores para batedura e eliminação da mucilagem; **d)** um despolpador repassador de marinheiro; **e)** uma peneira tubular, para repasse de cascas, etc.,; **f)** uma bateria de 24 caixas de madeira, para fermentação, com as dimensões de 1,00 m x 2,50 m para a secção transversal, por 1,20 m de altura, disposta em duas linhas de 12 caixas; **g)** um batedor de aspas, cilíndrico, tal como uma turbina, aberto na parte superior, para batedura e lavagem do café saído das caixas de fermentação; **h)** galpões e taboleiros de secagem, para onde o café é levado e nos quais fica exposto ao sol, por espaço de um dia, depois do que, passa para a secagem mecânica; **i)** dois secadores de café, instalados em prédio à parte. São peças tubulares, cilíndricas, colocadas em posição horizontal e suportadas por eixos sôbre os quais giram com velocidade de 2 r.p.m. A capacidade de cada um dos secadores é de 4 toneladas. A movimentação da massa em secagem é feita por meio de um sistema de aspas, semelhantes a canecas, colocadas em posições invertidas, umas em relação às outras e alternadamente. A carga e descarga é feita por meio de 4 bocas, dispostas na periféria do grande cilíndro. O tempo de secagam é de 30 horas, a 72ºC. A temperatura é regulada por termostatos automáticos. O calor é insuflado no interior do secador, por meio de um aspirador-insuflador, que aspira o ar atmosférico, fazendo-o passar por uma câmara de ar quente e o injeta para dentro do secador, através da parte central do eixo que o sustenta. Não há benefício de café em Uganda, para a produção do arábica. Esta é tôda enviada para a capital de Quê-

nia, onde é beneficiada em uma usina central. Dessa usina o café de Uganda, bem como o de Quênia, sai para a exportação em forma de "blends", constituídos de robusta e arábica, meio a meio. Quanto à fermentação do café na usina de Bululu, observámos que o tempo é de 48 horas e se processa da seguinte forma: a caixa recebe o café com água, esta se escoa e o café passa uma noite sem água; na manhã seguinte a caixa é novamente cheia dágua, que fica a correr durante algumas horas; mais uma noite passa o café sem água e está em condições de ir para o batedor, porque a fermentação está finda. O café recebido pela usina é cereja. Não obstante, há uma pequena porção de frutos que secam na árvore, cujo montante anual é de cêrca de 100 toneladas. Êste produto é considerado imprestável, mas é adquirido pela usina para que o nativo não o misture com o café não despolpado, sêco em terreiro. Aos frutos secos na árvore, os indígenas dão o nome de "buni", que não deve ser confundido com o café cereja, sêco em terreiro a que os nativos chamam de "kiboko". Ao café moca, tipo comercial, os inglêses chamam de "pea berry". As peças componentes da usina de Bululu estão dispostas em diversos planos, a fim de que o café transportado pela água, circule por gravidade.

Visita à usina de Campala — Nesta cidade fomos levados a visitar as instalações da "Uganda Coffee Mills Company Ltda", firma indú, compradora de café robusta. Esta usina é a segunda edição da sua congênere de algodão, que visitaramos na mesma cidade. Máquinas antigas, mal instaladas e ineficientes. Representa contraste gritante comparada à de Bululu, onde máquinas, edifícios, etc., se acham em ótimas condições. Em Campala, o prédio é antiquado, as salas são escuras e tudo carece de limpeza. A enorme quantidade de café esparramado pelo chão, sôbre o qual se vai pisando, fortalece a impressão de desalinho. A maquinária é antiquíssima e ineficiente: consta apenas de descascadores e ventiladores, sem monitores de peneiras, para a classificação dos grãos. O conjunto beneficiador é tanto menos eficiente quando o café trabalhado é sêco em terreiro de terra, após ter sido colhido cereja, e, portanto, empastado de terra. A capacidade da usina era de 40 sacos beneficiados em 10 horas. Tal como nas beneficiadoras de algodão, aqui nesta máquina de café, presenciamos a ineficiência das máquinas, suprida por numeroso contingente de pretos, a transportar café por meio de pás manuais, de um lado para outro. Qualquer de nossas máquinas de beneficiar café, de 30 ou 40 anos atrás, brilharia ao lado das antiguidades que o agrônomo de Campala nos levou a visitar. Quanto ao tipo de café, verificamos ser um único: "bica corrida", contendo chatos, mócas, conchas, grãos pretos e tôda a sorte de defeitos, além de uma considerável quantidade de café quebrado pelo descarcador, mal regulado. Interpelamos o gerente da usina sôbre se o café que víramos ensacado seria rebeneficiado e êle informou-nos que o produto estava pronto para exportação. Percebendo, naturalmente, a nossa surpreza, explicou-nos que, sendo café produzido pelos nativos, era sempre mal preparado e não comportava melhor tratamento nas máquinas de benefício. A princípio chegamos a duvidar da afirmativa, porque as partidas de café em côco, que examinamos, davam uma ilusão de melhor qualidade. Entretanto,

aquêle mesmo café, após o descasque e ventilação, se apresentava com péssimo aspecto: escuro, borracha, porcentagem elevada de grãos pretos e ardidos, cheiro de terra e quase nenhum aroma de café. Verificamos, por outro lado, que os brocados eram raros. A embalagem era feita em sacaria de sisal. A impressão geral que se colhe, com respeito à produção de café robusta, é a de que esta não é objeto de cuidados por parte das autoridades governamentais, enquanto que a cultura e preparo de café arábica são alvos de uma série de carinhos especiais, muito embora a exportação de café robusta represente 88% do total do café remetido para fora de Uganda. Inquirimos o agrônomo sôbre qual o destino do robusta de Uganda e êle informou-nos que grande parte era destinada à União Sul Africana.

O PRECEITO DO DIA

CAUSAS DIVERSAS, TRATAMENTOS DIFERENTES

O intestino pode deixar de funcionar por dois motivos: suas paredes estão relaxadas (preguiça intestinal) ou sé contraem tão fortemente que não conseguem movimentar-se. Em ambos os casos, a consequência é a mesma: o intestino deixa de esvasiar-se. Entretanto, porque as causas são diferentes, o tratamento nem sempre pode ser o mesmo.

Para tratar a prisão de ventre, não siga conselhos de qualquer pessoa; procure um médico. — SNES.

SOMBREAMENTO DOS CAFÈZAIS PAULISTAS

William Wilson Coelho de Souza

Segundo revelam as estatísticas, São Paulo perdeu mais de oitocentos milhões de cafeeiros de 1937 até o presente, mantendo suas culturas a pleno sol.

Firmou-se a opinião de que nas terras roxas de S. Paulo não era possível o sombreamento, — as suas condições físico-químicas não permitiam a cultura sob tal regimem. Nêste caso as terras roxas de S. Paulo fariam exceção a todos os países americanos produtores de café, onde a cultura é sombreada em todos os tipos de solo, de clima, de altitude, de longitude.

Do que se sabe a respeito da vida do cafeeiro, a planta vive a custa da camada superficial do solo, onde se desenvolvem suas raízes secundárias, terciárias e as radículas; e onde se acumula a matéria orgânica, da qual se alimenta a planta. Pelos estudos feitos a respeito do cafeeiro êle consome 30 quilos de humos para cada planta e ano. No seu país de origem o cafeeiro sempre viveu dos resíduos orgânicos das florestas nativas. No Brasil, vêmo-lo também prosperando e se multiplicando nas florestas da Gávea, Tijuca, em todo o morro de Santa Tereza, no Rio de Janeiro, e nas matas do Estado do Rio; ainda agora o encontro frequentemente nos matos do município de Trajano Moraes. Naturalmente pelo excesso de sombra do ambiente e pelo estado de abandono em que se encontram, as árvores não apresentam o belo aspecto das que existem nas lavouras, bem formadas; apenas vegetam, frutificam e suas sementes se multiplicam formando novas pequenas árvores.

O fato que ocorre agora nas lavouras sombreadas, é que dá-se às plantas o espaço suficiente para a sua vegetação, a luz de que precisam para a produção, a humidade necessária para a dissolução dos saes nutritivos contidos no solo e na camada de matéria orgânica proveniente da queda das fôlhas dos ingàzeiros, cuja espessura varia de 25 a 35 cms, a fonte permanente de novos e abundantes suprimentos daqueles mesmos saes.

Numa palavra coloca-se o cafeeiro em condições privilegiadas no meio das quais, além de tudo quanto acima dissemos a planta se acha ao abrigo das intempéries. Dêsse conjunto de circunstâncias favoráveis resulta o equilíbrio da vida da planta, que passa a viver em um ambiente no qual os fatores são sempre os mesmos, dando ocasião a regularização da produção e ao melhoramento da qualidade do produto.

Em condições contrárias, como acontece nas lavouras a pleno sol, o sistema radicular da planta se modifica, se reduz a alguns centímetros de solo e disso sucede que a árvore não pode atender as necessidades de sua subsistência.

A modificação que ocorre no sistema radicular, estende-se a forma da copa das plantas, as suas fôlhas, que se tornam cada vez menores, e raquíticas, amareladas, coriáceas, para se abrigar na incidência dos raios solares. Os galhos tornam-se quebradiços, diminue a frutificação, e aparecem os grãos chochos ou os frutos mal granados. A floração torna-se irregular.

Nos cafèzais sombreados pelo ingàzeiro, o chão se mantém sempre coberto de espessa camada de matéria orgânica, como já dissemos; tal como acontece no solo das matas nativas, onde a erosão é quase nula, nas lavouras sombreadas, também não há pràticamente a erosão, porque — a camada humífera, funciona como uma esponja retentora das águas das chuvas e da humidade delas proveniente.

O sistema radicular do cafeeiro desenvolvendo-se fàcilmente a mais de 30 cms., aí encontra os ricos depósitos humíferos, produzidos pelo ingàzeiro, e nêsse ambiente passam a viver 95% das raízes do cafeeiro.

Passaremos agora em revista algumas das lavouras sombreadas de S. Paulo, das quais temos notícia.

Caçapava — É um dos municípios cafeeiros mais antigos. Segundo o mapa do Sr. José Setzer, acha-se compreendido pela zona de clima quente, inverno sêco, com precipitações de 69 milímetros nos meses de junho a agôsto; o seu clima corresponde ao da zona de Orlândia, Ribeirão Preto e Barretos.

Vamos encontrar aqui a lavoura sombreada da Fazenda S. Pedro da família do falecido colega Joaquim de Barros Alcântara, o pioneiro da aplicação do sistema em S. Paulo. E m1941, quando sua lavoura entrava em franca decadência, o citado e ilustre colega resolveu experimentar numa parte o Sombreamento e o fez num talhão de 9.000 pés. O cafèzal ficou completamente restaurado, o seu aspecto hoje é magnífico contrastando com um talhão ao lado da mesma idade, que é de mais de 30 anos, no mesmo tipo de solo; a diferença entre ambos é que um foi sombreado e o outro continua a pleno sol. Na época da produção no primeiro as árvores vergam ao pêso da carga, enquanto o outro horrìvelmente erodido, apresenta árvores em varas sêcas e em forma de repolho e ridícula produção.

O exemplo edificante do cafèzal da Fazenda S. Pedro, que estamos apreciando, demonstra eloquentemente a possibilidade do ingàzeiro poder realizar a recuperação de suas lavouras decadentes e do aproveitamento de outras terras onde houve cafèzais e que hoje se acham transformadas em invernadas sem gado. Quando os proprietários de tais terras compreenderem verdade tão elementar e simples de entender, poderão contribuir para que o vale do Paraíba volte a sua primitiva pujança; e poder-se-á vêr surgirem nas terras desnudas de hoje lindas lavouras cafeeiras.

Bragança. Na zona Bragantina, que limita-se com o Estado de Minas Gerais, encontra-se outro cafèzal sombreado. O seu clima é favorável à cultura cafeeira; é zona quente; de inverno menos sêco que a anterior; as suas precipitações alcançam 125 milªmetros de chuvas nos mêses de junho a agôsto. Os seus solos oriundos do Arqueano são pobres de elementos nutritivos, em razão da queima acelerada do humos, da insolação que esterilizou a flora microbiana útil e da erosão, que o desgasta continùamente.

Na fazenda do Sr. Arthur Siqueira, já falecido, fez-se por iniciativa dêste adiantado agricultor, o Sombreamento em um cafèzal de mais de 80 anos, até então mantido a custa de constantes adubações. O som-

breamento realizou como em outros casos a completa recuperação do solo e das plantas, que ficaram perfeitamente restauradas; enquanto outras lavouras próximas apresentam o mesmo aspecto varas sêcas, as árvores de folhas raquíticas, os ponteiros fanados, em consequência da intensa insolação nos solos desnudos. Na parte sombreada as árvores que se achavam quase mortas, voltaram ao aspecto de quando novas.

A produção tornou-se cinco vêzes maior. Cafèzais cuja produção era de 20 arrobas por mil pés, apresentam aspecto bonito e uma grande carga. Nesta fazenda esperam maiores safras nos próximos anos, porque regularizaram a sombra. Estão procurando ampliar a área dos cafèzais sombreados, pois estão convencidos que êste é o único recurso econômico e fácil para a estabilização da vida do cafeeiro na zona bragantina. Um dos proprietários da Fazenda Caetê declarou: — "Pode ser que o Sombreamento não dê resultado em outras zonas, mas aqui constitue a única solução para a lavoura cafeeira".

Cravinhos. Estamos pràticamente em Ribeirão Preto, pois as terras e o clima dêste município se assemelham aos do segundo, são vizinhos. Os seus solos são de origem basáltica, do Triassico; segundo Setzer, o seu clima é quente e de inverno sêco, com 77 milímetros de chuvas nos mêses de junho a agôsto.

Como se sabe — a região marginada conservou durante duas décadas a hegemonia da produção cafeeira de S. Paulo, Ribeirão Preto cresceu e prosperou a custa do café, o seu apogeu foi de 1910 a 1920. Atualmente desapareceu de suas terras a lavoura cafeeira, de 36 milhões de árvores qua ali existiram, talvez não reste a quarta parte e assim mesmo em condições de produtividade precária.

O Sr. Urbano Bomfim, desejando restaurar a pujança de suas lavouras, adotou na sua fazenda o sombreamento. Aqui também repetiu-se o milagre da restauração das lavouras.

Havia nesta propriedade um cafèzal plantado em 1882, o qual não produzia mais que cinco a seis sacos de café em côco por mil pés, depois de sombreado passou a produzir cincoenta e sessenta, espera o seu proprietário que a produção se eleve a cem sacos brevemente.

Diz o fazendeiro que a terra do cafèzal: "virou sertão", repetindo a opinião dos colonos, tudo em razão da humificação produzida pelo ingàzeiro. Note-se, trata-se de uma lavoura velha em condições de ser abandonada. Imagine-se qual não seria o resultado se tivessem empregado o sombreamento numa lavoura nova do tempo de sua plantação.

Provàvelmente os Ingàzeiros não foram regularmente podados desde a sua plantação, procurando educar melhor a copa para que produzisse a sombra nas melhores condições poss*veis; tanto que recentemente o proprietário desta fazenda mandou proceder a uma poda nos Ingàzeiros, com o fim de levantar mais a sombra e proporcionar melhor entrada de ar e de luz na lavoura. Pretende atingir a sombra ideal de 50%, que espera conseguir depois que os ingàgeiros se tenham refeito da poda agora feita.

Os resultados magníficos obtidos nesta propriedade levarão outros lavradores da região a adotar as mesmas práticas que se vêm usando na fazenda que é objeto desta apreciação e assim a região poderá recuperar a fertilidade de suas terras e a opulência de suas lavouras cafeeiras.

Dourados: Quase no centro geográfico de S. Paulo, Dourados é zona de terra roxa legítima, dos basaltos do Triassico. O clima é quente, de inverno sêco, tendo apenas 93 milímetros de chuvas nos mêses de junho a agôsto.

Nesta região assinala-se com cafèzais sombreados a Fazenda do Dr. Adalberto de Queiroz Telles Jr. um dos lavradores entusiastas do Sombreamento porque tem estudado muito a respeito da matéria.

Como se sabe as lavouras da região se acham em franca decadência, apesar dos esforços de seus proprietários em tratá-las. O cafèzal de que nos ocupamos poderá ser tomado como exemplo. As árvores têm mais de sessenta anos. Também aqui o ingàzeiro cumpriu galhadamente a sua missão de recuperador da terra e das plantas, enquanto os homens ainda discutem, ou põem em dúvida as suas extraordinárias vantagens.

Nesta propriedade foi empregado o Sombreamento mixto com várias espécies de ingàzeiros, e de outras leguminosas com a Tipuana e o Pesquim.

O ano passado os talhões sombreados deram maior produção que os a pleno sol.

A terra roxa, ávida de humos e com elevado poder de digestibilidade em 4 meses de chuvas, consumiu cêrca de dois quilos de humos, oriundos das folhas dos ingàzeiros por metro quadrado.

Estão procurando corrigir a entrada de luz para 50% como deverá ser. A produção é satisfatória.

Entre Dourado e S. Manoel encontra-se outra fazenda interessante, a "Sta. Clara", do Sr. José Barreto. Nesta, o proprietário fez o Sombreamento, ao contrário de todos os outros, em uma lavoura nova. A plantação foi feita em terra velha, considerada cansada, onde houve cafèzal há pouco tempo; entretanto, a rehumificação considerável que realiza o ingàzeiro permitirá a rápida e completa recuperação da terra.

S. Manoel. As terras dêste município são geralmente roxas e as lavouras encontram-se desprovidas do humos de que tanto carecem. O clima é quente, de inverno sêco, a precipitação da chuvas é de 110 milímetros nos meses de junho a agôsto.

Quero destacar a Fazenda "Olho d'Água" do Sr. Manoel de Sampaio Barros, como daquelas onde o sombreamento está realizando verdadeiro prodígio na restauração das terras cansadas. Os seus resultados são de tal natureza que podem convencer os mais céticos.

Nesta propriedade há cêrca de 80.000 cafeeiros sombreados e o resultado desta medida foi a estabilização da vida da lavoura, preservando-a das intempéries. As partes sombreadas há mais tempo estão com sete anos, e foram plantadas em 1912. A sua formação foi prejudicada pelas geadas constantes; a de 1918, quando tinha sete anos, dizimou a lavoura até quase a raiz.

Em razão dêsses acidentes climatéricos frequentes, o proprietário teve de recorrer às culturas anuais, como o algodão, a mamona e o milho, a fim de ajudar o custeio da Fazenda.

Recentemente as duas geadas de 1942 e de 1944 reduziram as suas árvores a galhos secos. Nesta ocasião o Sr. Sampaio Barros resolveu

sombreá-los, pois estavam condenados ao corte pelo machado. Entretanto, depois de sombreada essa lavoura operou-se a maravilha da sua completa recuperação.

Observando-se uma parte de 10.000 pés, ela apresenta-se com lindo aspecto e forma, sem receber qualquer adubação a não ser o trabalho de rehumificação do solo, pelas folhas dos ingàzeiros. A produtividade pasmou a quantos observaram a lavoura, que era de troncos erosados tendo atravessado mais de 40 anos de adversidade. Esperavam nesta safra mais de cem arrobas por mil pés e o rendimento deverá ser superior a 25 quilos de beneficiado por 100 litros.

Na parte sombreada a lavoura apresenta árvores de forma opulenta, de tamanho e produtividade uniformes. A maturação uniforme que nele se manifesta é indício de que houve uma única florada. O seu proprietário está procurando regular a sombra em 50%, a fim de que se obtenham os melhores resultados.

Nesta demonstração eloquente dos efeitos benéficos do Sombreamento ficou evidente que em cafeeiros robustos, bem nutridos, a infestação das pragas émínima em relação aos talhões a pleno sol. O cercospora ou "olho pardo" não encontra em árvores sombreadas condições de vida favoráveis; o mesmo acontece com as "conchonilhas", o "bicho mineiro", que não podem medrar em árvores vigorosas e sadias. Pràticamente não existe a broca na parte sombreada da Fazenda.

Há em S. Manoel cêrca de uma dezena de experiências de sombreamento com resultados promissores.

Em um cafèzal da Cia. Agrícola Rodrigues Alves, usaram o pesquim para sombreamento; embora os seus efeitos não se comparem aos do ingàzeiros, mesmo assim, influiu favoràvelmente, restaurando um velho cafèzal desta propriedade. A sombra atual é excessiva; de mais de 60%; ainda assim a produção foi estimada em 45 arrobas por mil pés.

Considerando o trato grandemente reduzido e a facilidade com que uma pessoa pode capinar até 600 pés em um dia, vê-se quanto pode baixar o custo da produção.

Na época da florada êste cafèzal também teve uma só carga e disso resulta a homogeneidade da frutificação.

Botucatú. Destacamos a Fazenda "Boa Esperança", situada em terras de formação triássica e pertencente aos irmãos Souza Aranha. O município é de clima quente e inverno sêco, apresentando 138 milímetros de precipitação de chuvas, durante os meses de junho a agôsto; é mais favorecido que o de Bragança, que tem apenas 125 milímetros. E' precisamente mais beneficiado que Caçapava, o qual tem a seu favor 69 milímetros, valendo-nos aqui dos estudos do Dr. José Setzer.

A fazenda que estamos apreciando é tida como das mais velhas do município, as suas lavouras deverão ter cêrca de 70 anos. Quando plantaram os ingàzeiros houve muitas falhas, que não foram replantadas e êsse fato contribuiu para que os resultados do sombreamento não fôssem completos, em relação a restauração dos cafeeiros.

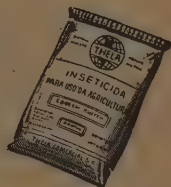
Apesar dessa falta o talhão sombreado foi o que mais produziu o ano passado, dando mais de 60 arrobas por mil pés; tanto que por isso os proprietários da Fazenda se acham muito animados com o sombreamento.

Guia DO LAVRADOR

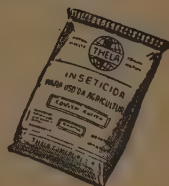
NO COMBATE ÀS PRAGAS DO ALGODÃO

PREVINA-SE CONTRA A INVASÃO DOS PULGÕES

BHC

... da vaquinha furadeira e da broca de raiz, as primeiras pragas que surgem na lavoura algodoeira. Logo após o desbaste, aplique o inseticida BHC "THELA" 2%, repetindo o tratamento 12 a 15 dias depois. Se verificar a existência de ácaros use o 340 ou o 325. É um tiro!

NO FLORESCIMENTO...

THELATOX

... aparecem também os percevejos, o "coruquerê", a lagarta rosada, a lagarta das "maçãs" e os ácaros. É a época de aplicar misturas mais fortes: 3540 ou 2040 a 3 5 25 e a 20 30. Resultado 100% garantido.

NA FRUTIFICAÇÃO...

MISTURAS

... polvilhe a mistura 31040 ou 31025, para que as lagartas não comam as "maçãs". Êstes inseticidas são mais fortes que os anteriores. Garantem boa produção e bons lucros. E assim o "ouro branco" estará livre dos seus grandes inimigos!

USE

A POLVILHADEIRA

"FARQUHAR"

THELA

Consulte o Instituto Biológico ou recorra aos agrônomos da THELA.

Pedidos à

THELA COMERCIAL S. A.

RUA MARIA TEREZA, 149 • TELEFONE: 52-6191 • SÃO PAULO

Filiais: Rio de Janeiro e Curitiba

A determinação da area de terreiro necessaria para a secagem do café

ANDRÉ TOSELLO
Instituto Agronômico do Estado

Atravessamos novo surto de grande intensidade na implantação de fazendas de café, principalmente no norte do Paraná, Mato Grosso, Goiás e mesmo em certas regiões do Estado de S. Paulo.

Temos recebido numerosas solicitações sôbre qual a área de terreiro necessária para a secagem natural do café. Geralmente a pergunta que se faz é a seguinte: qual a área de terreiro necessária para uma fazenda de tantos mil pés de café?

Dafert (1) recomendou um metro quadrado de terreiro para cada arroba de café beneficiado; Ferreira Ramos (2) um metro quadrado de terreiro para cada 12 quilos de café beneficiado; Jean Michel (3), 35 a 50 metros quadrados de terreiro para cada mil pés de café.

A não concordância dêstes dados é em parte devido ao fato de que a área depende de diversos fatôres, tais como: a produção da lavoura, o tempo médio de secagem do café no terreiro, etc.

Não é necessário demonstrar que a produção é extremamente variável de acôrdo com o solo, clima, variedade, ano, etc.

De outro lado, de acôrdo com numerosas observações e grande número de ensaios efetuados (4), o tempo médio de secagem no terreiro varªa de zona para zona. Na Araraquarense e na Noroeste em geral, o café fica menos de 7 dias no terreiro; na Sorocabana e no Norte do Paraná de 7 a 15 dias.

É evidente que, nestas condições a área de terreiro necessária para uma fazenda da Noroeste tem que ser diferente da de uma fazenda no norte do Paraná.

Dos ensaios já citados (4) verificamos que o café da roça na sua primeira esparramação no terreiro, ocupa uma área média de cêrca de 1 metro quadrado para cada 20 litros de café. A medida que se vai secando, a área ocupada vai diminuindo como se pode verificar pelo gráfico I.

Para o cálculo da área de terreiro podemos então, formular as seguintes hipóteses:

a) a colheita se faz em 100 dias.

b) cada 20 litros de café da roça ocupa um metro quadrado de terreiro.

Representando-se:

Q = produção em sacos de 110 litros de café da roça por mil cafeeiros.
K = 20 — número de litros de café da roça por metro quadrado de terreiro.
C = 100 — número de dias de colheita.
T = tempo médio de secagem no terreiro, em dias.
S = área de terreiro para cada mil cafeeiros, em metros quadrados.

Nestas condições a área S. seria dada pela formula

$$S = 110 \frac{qt}{kc}$$

Como k e c são constantes e iguais a 20 e 100 respetivamente, vamos ter:

$$S = 0{,}055 \; q.t \quad (A)$$

Verifica-se, portanto, que para se calcular a área de terreiro de-

vem-se conhecer 2 fatôres: q produção em sacos de 110 litros de café da roça por mil cafeeiros e t — tempo médio de secagem no terreiro em dias.

Vejamos como se procede para determinar os valôres de q e t.

Em geral o problema que mais comumente se apresenta na prática é o seguinte: o fazendeiro vai construir o terreiro para uma fazenda nova. Êle não possue portanto ainda os dados de produção e nem sabe qual o tempo médio de secagem no terreiro. De outro modo, mesmo que possuisse os dados em produção, qual seria a produção tomada para cálculo; a média? a máxima ou a mínima? É sabido que a produção varia de ano para ano consideràvelmente. Para se ter idéia dessa variação basta verificar o gráfico II, que dá as produções de uma fazenda da Sorocabana, nos seus primeiros 10 anos, de produção normal.

Se tomarmos para valor de q no cálculo de s, a máxima produção, iríamos ter sobra de terreiro na grande maioria dos anos; seria um desperdício de capital. Se fizermos o contrário, isto é, tomarmos o valor mínimo de q, na maioria dos anos iríamos ter falta de terreiro e, portanto, arcaríamos com todos os inconvenientes dessa decorrência. Se tomarmos a média das produções para valor de q, iríamos também ficar com falta de terreiro durante muitos anos. Nestas condições, achamos que o melhor critério será tomar, como valor de q, a média das produções máximas, nos primeiros 10 anos de produção. Dêsse modo ter-se-á na maioria dos anos sobra de terreiro e em poucos, deficiência; faltas estas que não seriam muito prejudiciais e perfeitamente sanáveis por serem apenas momentâneas.

Como já vimos, o caso mais provável é de que o interessado na construção do terreiro não possua qualquer dado de produção de sua cultura. Neste caso deve recorrer às fazendas vizinhas, procurando obter informações sôbre os dados de produção da zona.

A escolha do valor de t depende sobretudo da zona em que está localizada a fazenda; por meio de um pequeno inquérito junto aos lavradores vizinhos o interessado poderá ficar sabendo qual o tempo médio de secagem do café no terreiro.

Baseado na fórmula (A) construimos o gráfico III que nos dá a área de terreiro S, em função da produção q e do tempo médio de secagem t.

Para sermos mais compreensíveis vejamos o seguinte exemplo:

Um lavrador estabeleceu uma cultura de 100 mil cafeeiros na zona X e quer saber a área de terreiro necessário para a secagem de todo o café proveniente da sua cultura.

Êste lavrador verificou que nessa região a média das produções máximas nos 10 primeiros anos de cultura é cêrca de 100 sacos por mil cafeeiros e também que o tempo médio de secagem é cerca de 10 dias.

Nestas condições, tomando-se, no gráfico III, na linha horizontal, o ponto A=100 e por êsse ponto levantando-se a vertical até a linha 10, no ponto B, e dêste tirando-se a horizontal até o ponto C=55 m^2 teremos a área necessária para cada 1.000 cafeeiros. Como no caso se quer o terreiro para 100 mil cafeeiros, a área necessária será de 100 x 55 = 5.500 m^2.

* * *

BIBLIOGRAFIA

1) Dafert e Rivinius: Relatório do Instituto Agronômico. Ano 1894-1895, pág. 110.
2) Ramos, Augusto: O café no Brasil e no estrangeiro. Ano 1923, pág. 155.
3) Jean Michel: Citado por Orlando Carneiro em Construções Rurais. 3.ª Edição — pág. 92.
4) Tosello, A. e Aloisi Sob., João — Ensaios sôbre secagem de café no terreiro. Relatório do Instituto Agronômico. Anos de 1947-1948-1949.

Banco do Estado de São Paulo S. A.

CAPITAL REALIZADO: CR$ 100.000.000,00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS
CÂMBIO — COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS
TÍTULOS — COFRES DE ALUGUEL

*

MATRIZ:

PRAÇA ANTONIO PRADO, 6 — SÃO PAULO
CAIXA POSTAL, 789
Enderêço telegráfico: BANESPA

*

70 AGÊNCIAS NO INTERIOR DO ESTADO; UMA NO RIO DE JANEIRO, UMA EM CAMPO GRANDE (Estado de Mato Grosso) — E OUTRA EM UBERLÂNDIA (Estado de Minas Gerais) —

*

AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES
RAPIDEZ — EFICIÊNCIA

(*)

Resumos e Transcrições

SOMBREAR OU SOÇOBRAR

Edgar Teixeira Leite

O exame tranquillo e desapaixonado do problema cafeeiro, no Brasil, leva-nos à convicção do desaparecimento fatal desta lavoura, a menos que se inicie uma vigorosa política de restauração, aproveitadas as terras velhas e as terras cansadas, que eram alguns anos atrás magníficos cafèzais.

É também, quanto ao declínio do café, a opinião do sr. Geremia Lunardelli, grande produtor, conforme se verifica da revista "L'Européo", de 1.º de julho findo, numa reportagem intitulada "Il caffee bruccia il Brasile" e com o subtítulo, "Geremia Lunardelli ha lanciato l'allarme".

Depois de haver mencionado que o café é uma planta que destrói a terra, diminuindo de ano para ano o poder de produção, tornando necessário novas plantações em terras virgens, com novas despesas gerais, com a instalação de cultura de mão de obra e de transporte, informou a reportagem que Lunardelli sustenta que o "café não tem um grande futuro". O problema, comenta o rei do café, é encontrar um produto agrícola que permita ser exportado em quantidades tais que substititua a exportação do café, destinada **fatalmente ao declínio.**

As informações do sr. Lunardelli coincidem com a de todos que têm examinado o problema cafeeiro. Em cêrca de século e meio, a sua lavoura determinou a destruição de milhares de quilômetros de matas virgens da bacia do Rio Paraíba, no território fluminense e paulista, em Minas Gerais, Espírito Santo, no próprio Estado de São Paulo e no Paraná. Hoje já começa a penetrar em Coiás, onde o próprio Lunardelli efetuou grandes plantações.

São Paulo que chegou a produzir 24 milhões de sacas de café, atualmente mesmo numa safra bôa, não vai além de 7.700.000. O Estado do Rio, de cêrca de quatro milhões, está reduzida a quatrocentas mil sacas. A razão desta rápida decadência, (em algumas regiões não durou o ciclo cafeeiro nem cinquenta anos) é que precisa ser cuidadosamente estudada. Do seu exame, deverá se tirar as consequências para as indispensáveis medidas a serem adotadas. Por que o cafeeiro que fez a riqueza da Cantagalo, de Vassouras, desapareceu quase inteiramente desta região?

É que teve, para o seu desenvolvimento, a rica massa de matéria orgânica fornecida pelas florestas que foram destruídas para o seu plantio. Desaparecida a matéria orgânica, abundante, resultante do processo florestal natural, quer pelas enxurradas, quer pela intensa oxidação, comum nas regiões tropicais, o cafeeiro começou a reduzir sua produção, para não raro desaparecer inteiramente.

Assim, para que as terras possam se tornar novamente produtoras, é necessário lhes restituir as mesmas condições, isto é, fornecer-lhe uma massa considerável de matéria orgânica.

Mas onde buscá-la?

O estrume animal, importa na sua obtenção, em dispêndio considerável com a manutenção de rebanho, a sua coleta e a distribuição. Tudo isso exige inversões consideráveis de capital e mão de obra, além da necessidade de sua renovação em períodos curtos.

Daí a necessidade de outra solução, que é aliás a adotada, na quase totalidade de países cafeicultores.

Consiste em fazer o cafeeiro protegido por um vegetal — quase sempre leguminosa — que, além de outras condições favoráveis, fornece, ao solo, massa considerável de matéria orgânica. Esta técnica de cultura é denominada de sombreamento.

Cultivando sôbre a proteção de leguminosas os seus cafèzais, a Colômbia conserva nas mesmas terras, há mais de um século, plantações que foram iniciadas quando começaram as do Estado do Rio.

Assim, enquanto, as colombianas continuam a produzir, as fluminenses desapareceram completamente. Das fazendas cafeeiras da velha província, só restam as construções ciclópicas — casas grandes, vastos terreiros de pedra, tanques de lavar, das tulhas, das máquinas de benefício — cuja utilização não chegou a durar oitenta anos, doloroso exemplo da ilusão sôbre a inextinguível fertilidade do solo.

Enquanto os países de **café sombreado** continuam a aumentar as suas safras, o Brasil que faz suas lavouras a pleno sol, está reduzindo anualmente sua produção. E, disso, temos uma demonstração, no exemplo da Colômbia. Enviando 200.000 sacas para os mercados internacionais, no tempo que o Brasil fornecia cêrca de 8 milhões, está contribuindo hoje com 24% para o consumo norte-americano enquanto o Brasil apenas fornece 51% — isto é, cêrca de 12 milhões, para perto de 6 milhões de origem colombiana. E se o café ainda não teve suas safras ainda mais diminuidas é que, cada ano grandes florestas são destruídas para novas lavouras, mantendo a ilusão da nossa possança cafeeira.

Mas, estas reservas florestais tocam o seu fim. Alguns anos mais, estarão esgotadas as existentes no Paraná e em Goiás.

É indispensável olhar de frente o problema e dar-lhe adequada solução. E esta existe, no plantio de café protegido — lavoura sombreada — cuja prática começa a ser adotada entre nós por homens inteligentes e de iniciativas, utilizando as **terras cansadas.**

No Estado do Rio numerosos plantios dêste típo estão se fazendo e em São Paulo o mesmo ocorre.

Os ensaios realizados, permitem assegurar que o sombreamento, é possível em largas áreas de antigas zonas cafeeiras, no Estado do Rio, Minas, Espírito Santo e São Paulo.

É para esta técnica, que permite, como se sabe, produção de melhor qualidade, e vida prolongada para o cafeeiro, que teremos que apelar. Se não a adotarmos, acabadas as últimas reservas de zonas flo-

restadas — cada dia mais afastadas do centro de exportação, criando dificuldades maiores para o escoamento das safras — o Brasil não terá mais café, para obtenção de divisas, indispensáveis à nossa economia.

As lavouras velhas são pouco produtivas e as novas estão oneradas pelo custo crescente do frete (Goiás é um exemplo). Daí, a necessidade de preços altos, que estão exasperando os consumidores norte-americanos. Já pensam em criar novas fontes de café na África. Esta ameaça, à nossa principal fonte de dólares, coincide com o que me dizia, em Washington, o diretor do Departamento Internacional de Agricultura, sr. Ross E. Moore, examinando comigo a redução da produção brasileira, em face do aumento da produção colombiana. Os norte-americanos, dizia esta graduada autoridade, aumentam cada ano o seu consumo de mais de um milhão de sacas de café. Precisam dêle, e o importarão, do Brasil, se fôr possível, ou **de onde fôr possível.**

Só pela restauração das antigas zonas cafeeiras. — aproveitado todo o imenso capital que representam as instalações existentes e as vias de transporte que as servem — é que poderemos garantir o nosso primado do café, no mercado internacional. E isso, só é possível, com a técnica do sombreamento. E por isso ou o Brasil sombreia suas culturas, ou sossobrará como produtor de café.

Não há senão dois caminhos a escolher: — Sombrear ou sossobrar.

(Do "O Jornal" do Rio de 25 de Outubro de 1951)

O EMPREGO DAS FOLHAS DO CAFEEIRO

SIGMAR KAUFMANN

Nunca é demais chamar a atenção dos lavradores para o emprego das folhas do cafeeiro. Quando em 1945 observei os primeiros efeitos nocivos do "bicho mineiro", pouca gente deu importância à minha alegação, até que chegou o ano de 1948, quando todos se convenceram. Nos primeiros anos, para me defender do "bicho mineiro", empregava como medida preventiva o enterrio das folhas nas covas da adubação, prática aliás muito recomendável para êsse fim.

Acontece, porém, que nos últimos dois anos observei o aparecimento do fungo "Cerocospora" (olho pardo). Este fungo, que constitui a meu ver um perigo muito mais grave do que o "bicho mineiro" ou a broca, ou mesmo os dois juntos, não tem sido devidamente considerado, apesar dos prejuizos que veem causando em muitas fazendas. Chamei a atenção dos inumeros visitantes de minha fazenda e lancei uma advertência neste jornal contra o emprêgo das fôlhas diretamente nas covas.

Constatei os efeitos nocivos desta prática, pois verifiquei um desenvolvimento enorme do fungo nos talhões onde estava empregando as folhas. Descrevi os prejuízos causados por esta praga, prejuízos incalculáveis, visto que se perde uma grande parte da safra pendente (as manchas provenientes do fungo nos grãos de janeiro em diante, que em vez de granar murcham); perdem-se em seguida os ramos onde se encontram os frutos (formam-se manchas pretas na parte verde e os ramos murcham em seguida até na ponta). Grande parte dos cafeeiros fica, assim, aniquilada.

Tendo-se em vista que a "Cerocospora" tem sido observada em muitas fazendas, é preciso cuidar de não empregar as folhas diretamente nas covas, onde se encontram traços desta praga.

Nos países onde os lavradores estão familiarizados com êste fungo (na Colombia o fungo está aniquilando até as árvores de sombreamento, derrubando as folhas dos ingazeiros) usa-se a prática de fazer buracos de um metro de profundidade, onde as folhas são enterradas e cobertas em seguida com cal virgem.

Nos artigos anteriores, enumerei as características que permitem distinguir as manchas do "bicho mineiro" da do fungo. Estamos agora na época da chuva, quando se inicia o desenvolvimento do fungo. As folhas doentes apresentam muitas manchas, no início minusculas, as quais podem ser observadas segurando-se as folhas no ar. Estas manchas que são redondas, desenvolvem-se na umidade. De janeiro em diante, as folhas começam a cair. Quase todas estas folhas provêm do fungo e contêm manchas da "Cerocospora". As folhas do "bicho mineiro" não caem nesta época. As manchas do fungo passam então para os galhos (parte verde) e para os frutos, formando manchas irregulares. A perda da colheita depende da época do ataque nos grãos; quando as manchas se formam precocemente, a maturação ou a granação não prossegue; o fruto fica vazio e pequeno, passando na peneira. Quando fungo ataca no momento em que o fruto se encontra em estado de granação, também uma grande parte fica perdida, devido à queda prematura, geralmente antes ou no momento da ruação (coroação).

Para aproveitar as folhas doentes caídas, como medida de prevenção, e para revigorar os cafeeiros que estão sofrendo um desequilíbrio fisiológico repentino, convém tirar as folhas fora do cafezal para fazê-las sofrer prèviamente uma fermentação forte, seja como mistura no composto ou separadamente. Na minha fazenda pratiquei da seguinte maneira:

Com uma turma de grandes jacás, juntei as folhas com um rastelo de colheita ou chapa no dia seguinte à chuva (folhas secas não se recolhem tão depressa e se economiza o trabalho de molhar as folhas). Um caminhão e três carroças faziam o serviço de recolher as folhas e

descarregar no monte, o qual era formado perto da água. As folhas eram misturadas com terra fina, a qual deve ser preparada prèviamente. No quinto dia o monte desenvolvia uma temperatura de 68ºC. Neste tempo de chuva se economiza o trabalho de molhar e o monte não fica lavado, visto que as folhas formam um isolante. Só depois de oito dias sem chuva é que precisamos regar. Quando o monte está baixando, deve-se furar a 30 ou 40 centímetros de profundidade com uma barra de ferro, numa distância de 20 em 20 centímetros, para ajudar a penetração do líquido e do ar. O rendimento dêste serviço é grande. Acumulei centenas de carroças de folhas em alguns dias.

No fim das águas, de março em diante, pode-se então empregar esta matéria diretamente nas covas. A época, aliás, é a mais favorável para a adubação, especialmente nas terras roxas e argilosas.

As experiências e observações dos últimos anos me ensinaram que não basta saber fazer adubo; é preciso antes de tudo conhecer a sua aplicação certa em determinadas terras e escolher épocas certas, especialmente na adubação profunda. Só depois de observações de muitos anos consegui achar sucessivamente os motivos dos malogros de certos trabalhos. Com a experiência que adquiri, posso agora demonstrar com dados positivos até que ponto muitos lavradores estão perdendo a totalidade de seu trabalho, assunto êste a que espero voltar em breve.

(Da "Folha da Manhã" de S. Paulo, 10 de Nov. de 1951)

O PROBLEMA DO TRATADO DOS CAFÈZAIS

Inumeras experiências promovidas em todo o Estado, seja de Agricultura "Luiz de Queiroz", no Insituto Agronômico de Campinas e em várias fazendas, ou por iniciativa de firmas que se dedicam à venda de inseticidas, fungicidas e ervicidas, estão mostrando que o emprêgo de ervicidas poderá trazer a solução desejada há muito para o problema das capinas manuais ou mecânicas. Há tempos já analisamos o problema dessa prática agrícola, que é das que mais concorrem para o encarecimentodo custo de produção do café. Desde os aureos tempos da cultura do café, todo lavrador sempre fez questão fechada de manter a lavoura no limpo, e em todos os contratos isso constituia ponto capital, exigindo-se tantas capinas quantas se julgavam necessárias. E, em verdade, tal prática favorecia durante todo o ano a distribuição de serviços aos colonos, mantendo assim o pessoal em grande número como garantia para a época do intenso trabalho da colheita. No entanto, essa norma foi perdendo sua razão de ser, pois cada dia o número de trabalhadores ou colonos diminui nas lavouras de café, e não há braço bastante para as carpas, o que deu motivo à adoção de empreitadas extras, com maior despesa, a fim de pelo menos fazer um número mínimo de capinas, mor-

mente na estação das águas — ou quando floresce o café, ou quando em caminho da maturação — pois o florescimento das ervas daninhas provoca verdadeira crise no cafézal em flor ou em frutificação. Hoje ha propriedades de café que gastam cêrca de 80% da despesa total com colonos que, em muitos casos, têm nas capinas o seu principal trabalho.

Já divulgamos também o êxito obtido com novos ervicidas na capina ou limpeza dos canaviais, do trigo, da cevada, do arroz, do algodão e de tantas outras plantas econômicas. Da mesma forma, o "Estado" divulgou os excelentes resultados obtidos com êsses produtos na lavoura de milho em Piracicaba. O que se viu até agora nos autoriza esperar, para todas essas culturas, a introdução dentro de muito pouco tempo de ervicidas adequados, que poderão ser empregados com vantagens técnicas e rendimentos econômicos. Agora, recebemos informações de que em algumas fazendas de café, ao longo das linhas da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, já se conseguiu determinar para alguns ervicidas a dose ideal que, sem afetar em nada o cafeeiro e com apenas duas pulverizações, se tem conseguido manter o solo limpo de tôdas as ervas daninhas, gramineas e outras, e por um custo bem mais barato do que se o trabalho fôsse executado com enxadas ou com capinadeiras mecânicas. As informações que recebemos asseguram que ainda êste ano se disporá de dados muito minuciosos sôbre a quantidade de ervicida necessária para "carpir" mil pés de café, o custo dêsse trabalho, as épocas mais aconselhadas para a sua aplicação, enfim um verdadeiro roteiro que, a partir do próximo ano, permitirá a muitos lavradores realizar suas próprias experiências e concluir se há ou não vantagem em substituir a capina com enxada pela pulverização ou polvilhamento com ervicidas. Ao que parece, há ervicidas que podem ser aplicados de avião, em vôo baixo sôbre os cafezais, sendo o seu poder de ação altamente nocivo apenas para as ervas daninhas, em nada prejudicando o cafeeiro mesmo que atinja em cheio, essa planta.

Aguardemos, pois, os resultados das experiências com os ervicidas em cafezal, porque tudo indica que essa será uma solução tão satisfatória e benéfica quanto a do emprego de inseticidas no combate direto à broca do café.

(Do "O Estado de S. Paulo" de 28 de Outubro de 1951)

DESENVOLVE-SE EM CAÇAPAVA UMA CLÁSSICA EXPERIÊNCIA DE SOMBREAMENTO DE CAFEZAIS

LAVOURA BARATA, A PRINCIPAL CARACTERÍSTICA — ATIVIDADE QUASE QUE DE EXTRAÇÃO — CONFRONTO FAVORÁVEL COM A PRODUÇÃO A PLENO SOL

O problema do sobreamento do café não vem sendo encarado com a devida serenidade. As discussões sobre o assunto, que a princípio nasciam do desejo de efetuar novas experiências em nossa cafeicultura e de lutar contra o mau rendimento e a decadência dos cafèzais, acabaram apaixonando e nem sempre se baseiam em dados científicos. Sabe-se que o Instituto Agronômico já possui indicações a esse respeito, que deverá divulgar brevemente. Parece que as conclusões daquele orgão de pesquisa são pessimistas e colocariam o problema do sombreamento na dependência de retenção de água no solo: os cafèzais sombreados seriam mais desvantajosos, nesse sentido para a maioria das zonas cafeeiras do Estado.

A CLASSICA EXPERIENCIA DE CAÇAPAVA

No entanto, os técnicos oficiais não negam a existência de experiencias bem sucedidas em materia de sombreamento. Uma delas, que vem sendo geralmente aceita, é a da Fazenda Fazendinha, em Caçapava, iniciativa do agronômo Joaquim de Barros Alcantara e hoje explorada, na parte do cafézal sombreado ,por um seu sobrinho, o sr. Ciro Manoel Cembraneli. Cerca de 8.000 pés foram sombreados com o ingazeiro, a partir de 1940. Trata-se de plantação efetuada há cêrca de 25 anos e que, a pleno sol, vinha decaindo, como as demais da fazenda, pois alem de as condições de clima e solo não serem favoraveis, a crise dos preços, na decada de 1930, não tornava interessante um tratamento bom.

MATERIA ORGANICA EM ABUNDANCIA

Parece que o objetivo principal da experiencia de Barros Alcantara foi o de manter o cafézal produzindo bem, mediante um custeio barato. Durante a fase de introdução do ingá, a fazenda continuou a efetuar despesas com adubação e carpas. A partir de certo periodo, porem, cessaram os tratos culturais. A atividade agrícola limita-se praticamente à colheita, que é feita no pano, para evitar a coroação. Desde 1946 não se verifica nenhuma adubação. A materia organica depositada nos cafèzais, com a queda das folhas do ingá, e espessa, atingindo cêrca de 20 centímetros sôbre o solo, e impede o crescimento do mato. A umidade no terreno é constante e os nodulos de bacterias nitrificantes do ingazeiro, que é uma leguminosa, enriquecem consideravelmente o solo. O ambiente é quase de mata.

SIMPLIFICAÇÃO DO TRABALHO NO CAFEZAL

Alem da colheita, duas outras atividades dominam no cafézal sombreado: a poda anual dos ingazeiros, para regular grau de sombra e impedir abafamento completo do cafèzal (peneiração) e o arrancamento de mudas, que nascem espontaneamente nas ruas da plantação, em virtude da queda de grãos na operação da colheita. Nesta fase do ano, quando visitamos o cafézal, o número de mudinhas era apreciável. Varios plantadores da região tem utilizado mudas extraidas do cafézal sombreado de São Pedro.

LAVOURA BARATA

Não conseguimos dados sôbre o custo do trato anual. Entretanto, a propria lenha dos ingazeiros deverá cobrir a despesa da poda. Sem a necessidade de carpas, coroação, esparramação e adubação, a atividade torna-se praticamente extrativa. O arrancamento de mudas é efetuado pelos proprios interessados em utilizá-las; alem disso não podem desenvolver-se muito de modo que concorram com os cafeeiros, não exigindo por isso uma catação rigorosa. Combate à broca não há, pois a praga não tem atacado. Também não se observou nenhuma atuação nociva do bicho mineiro. Os proprietarios acreditam que inimigos biológicos das pragas tenham tido oportunidade de desenvolvimento no cafézal sombreado. Ocorre também que a colheita no pano impede a permanencia de frutos de uma safra para outra, como hospedeiros da broca. A despesa, assim, limita-se à colheita, que segundo nos informaram, custa Cr$ 2,00 por lata de 18 litros. (Os salários em Caçapava são baixos em relação ao nível de outras zonas do Estado).

51 ARROBAS POR MIL PÉS NA ULTIMA SAFRA

Não adiantaria porém, uma lavoura barata que não produzisse satisfatoriamente. Nesse ponto, a experiencia de Caçapava também apresenta resultados convincentes. Na ultima safra rendeu 51 arrobas em coco por mil pés, o que deve significar um rendimento bruto minimo de 5.000 cruzeiros. As cargas têm variado de ana para, segundo as condições gerais. E apesar da boa safra anterior, tivemos noticia, depois de nossa presença no cafézal, de que a florada abriu de maneira promissora, esperando a fazenda uma colheita dos melhores. Estando o cafézal com otimo aspecto vegetativo (muito mais bem vestido que as lavouras a pleno sol da fazenda) promete duração indefinida; e com os rendimentos observados até aqui e os pequenos gastos no custeio, a exploração pode ser considerada bastante econômica. Talvez a experiencia revele a conveniencia de adubação mineral, e o sr. Cembraneli já está ensaiando em duas ruas o emprego de potassio, para verificar os resultados. Parece, porém, que esse acrescimo de despesa não alterará o dado fundamental do café sombreado de Caçapava: custos muito baixos.

VANTAGENS LOCAIS SÔBRE O CAFÉ A PLENO SOL

Embora possa equilibrar-se a rendimentos de fazendas velhas de zonas antigas, a pleno sol, a produtividade do cafèzal de Caçapava, para convencer precisaria de confrontos locais. Esse cotejo vem sendo efetuado, com plantação a pleno sol da propria fazenda, e, pelos dados que nos foram fornecidos, o sombreamento leva vantagem. É o que se verifica do quadro abaixo:

CAFÉ SOMBREADO		CAFÉ A PLENO SOL	
Ano	Rendimento em coco	Ano	Rendimento em coco
1946	55 arrobas/1.000 pés	1946	25 arrobos/1.000 pés
1947	32 " " "	1947	15 " " "
1948	35 " " "	1948	20 " " "
1949	45 " " "	1949	14 " " "
1950	não tem dados	1950	16 " " "
1051	51 arrobas/1.000 pés	1051	18 " " "

Segundo nos informaram, o cafézal a pleno sol vem recebendo os tratos normais numa lavoura bem cuidada.

ALARGA-SE A EXPERIENCIA

O atual proprietário da "Fazendinha" (a antiga propriedade São Pedro, dos Irmãos Alcantara, foi dividida em duas, uma para a família do agrônomo Barros Alcantara e outra para a de seu irmão) está plantando mais café e oportunamente, quando as plantas atingirem certo desenvolvimento, introduzirá o ingá. Vem sombreando cafés já antigos e talvez sombreie todo o restante da cultura a pleno sol. A experiência é ali encarada como de resultados definitivos, gerando pouca despesa e trabalho, assegurando longa vida ao cafeeiro e permitindo produtividade e rendimento econômico compensadores. — M.M.G.

Folha da Manhã — S. Paulo, 26 de Outubro de 1951

"PANCOMTEL"
COMTELBURO LTD. — PANAMEURO S/A.
Agência especializada nas informações de mercados nacionais e estrangeiros a saber:
CAFÉ — ALGODÃO — BORRACHA — TÍTULOS — CAMBIO
METAIS — AÇÚCAR — CACAU — JUTA — TRIGO
COUROS — ETC.
Assinaturas e mais informações nos seguintes endereços:
RIO DE JANEIRO: Rua Beneditinos, 17 - 4.º andar Fone: 23-0012
SÃO PAULO: Rua Libero Badaró, 488 - 2º andar Fone: 3-4976
SANTOS: Praça Azevedo Junior, 14 - 4.º andar — Fone: 2-7278
(p) Agências nos principais Estados do Brasil

CRESCE A EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

REGISTROU-SE, TODAVIA, DECLINIO NO PORTO DE SANTOS

Entre janeiro e setembro de 1951, o Brasil exportou 11.476.000 sacas de café para os diversos mercados, o que significa elevação superior a 6% sôbre o movimento de igual periodo do ano de 1950. O aumento é devido especialmente à diminução acentuada de nossas remessas durante o primeiro semestre do ano passado, por influencia da campanha Gillette e das manobras baixistas dos importadores.

Os Estados Unidos observem 7.616.000 sacas do total exportado, figurando assim com mais de 66% sôbre o nosso movimento de remessas. Após os países da América do Sul considerados em conjunto, que figuram com 433.000 sacas, ou quase 4% sôbre o total, coloca-se a Suécia, com 396.000 sacas, ou 3,5% sôbre o total. Aquele país escandinavo vem sendo na verdade, o segundo comprador da rubiacea brasileira neste ano. Vêm, a seguir, a Bélgica, a França, a Grã-Bretanha, a Holanda, a Itália, Alemanha e a Dinamarca.

É digno de nota que as exportações diminuiram pelo porto de Santos. O acrescimo registrado para o total do país se deve a maiores saídas pelos outros portos, especialmente Paranaguá e Rio. É o que se verifica do quadro abaixo:

Portos	% + ou — em 1951 (primeiros nove mêses)
Santos	— 17,4
Rio	+ 32,0
Paranaguá	+ 125,7
Outros	— 121

A queda das exportações em Santos explica-se pelo fato da resistência operária naquela praça em face das ofertas efetuadas pelos compradores. Com o objetivo de comprar mais barato, os exportadores operavam através dos portos do Rio e Paranaguá. O novo regulamento de embarques, que entrou em vigor em julho, estabelecido o regime de cotas, veio dificultar aquelas manobras. Contudo, tendo esgotado as suas cotas legais e obtido suplementos, enquanto Santos não realizou as suas, aqueles dois portos deverão manter as vantagens obtidas até o fim do ano. (Números absolutos de George Gordon Paton).

PRECONIZADA A ORGANIZAÇÃO DE UM SERVIÇO DE PROPAGANDA DO CAFÉ NOS MERCADOS DA EUROPA

Nesse sentido o sr. Jacob Guyer apresentou comunicação à Sociedade Rural Brasileira

O sr. Jacob Guyer apresentou comunicação à Sociedade Rural Brasileira, sôbre a conveniencia de organizar-se um serviço de propaganda do café na Europa, com a participação de todos os interessados nesse produto.

Informa s.s., a esse proposito, que nos intendimentos que manteve no Havre, verificou que seria ali recebido com agrado um "consorcio", nos moldes do existente nos mercados norte-americanos, e de que fariam parte a Federação Nacional do Comercio de Cafés Verdes do Havre, a Federação dos Torradores de Café de Paris, o comércio varejista e finalmente os proprios países produtores. Adiantou que a propaganda do café em Paris já é feita em pequena escala, pelo rádio, por iniciativa de torradores, estando em estudo um plano de maior alcance, com a colaboração dos produtos coloniais.

Na Europa e especialmente em França é de supor que os únicos interessados em plano mais sistemátizado de propaganda seria os produtores brasileiros e os da África Colonial Francesa, uma vez que os da América Central não encontram ali mercado.

O "consorcio" teria exatamente, como acontece nos mercados norte-americanos, a incumbência de promover a propaganda em favor do aumento de consumo da rubiacea em geral, combatendo os sucedaneos, estimulando o uso do café por todas as formas, inclusive gelado, como bebida estimulante no verão.

A PROPAGANDA DO CAFÉ BRASILEIRO

Depois de estudar a relação entre os tipos e qualidades de cafés dos varios produtores mundiais e o mercado consumidor europeu, conclui o sr. Jacob Guyer que o café brasileiro seria o único que reune condições especiais para a conquista de todos os mercados europeus. Lembra que teve oportunidade de registrar, no Havre, observações a esse respeito; uma das consequências da propaganda do café seria reeducar o paladar do consumidor francês, adulterado com o uso de sucedaneos e do café "robusta", durante os longos anos em que perdeu contato com o produto brasileiro.

Acentua o sr. Jacob Guyer que a instalação de café em Paris não representam encargo oneroso, pois esse gênero de comércio é considerado dos mais prosperos, devendo o assunto ser considerado no plano de propaganda.

FISCALIZAÇÃO DA PROPAGANDA

Sôbre a fiscalização dos serviços de propaganda, a comunicação do sr. Jacob Guyer observa:

"Achando-se extintas as agencias do Instituto do Café de São Paulo na Europa, as quais tinham a seu cargo o controle e fiscalização de todos os serviços de propaganda, seria conveniente criar-se futuramente um departamento que tivesse aquela mesma finalidade, que seria assim uma especie de inspectoria, cujos funcionários teriam o encargo de visitar todos os mercados quando em viagem de retorno, para a sede no Brasil.

A inspeção, sempre renovada entre os seus funcionários, prestaria excelentes serviços não só quando à fiscalização como ainda pelas observações que os mesmos fizessem nos mercados visitados, podendo fazer sugestões a esse respeito e propiciar o exito da propaganda do café brasileiro no exterior".

O PRECEITO DO DIA

CENAS MALÉFICAS

O comportamento dos pais reflete-se, profundamente, no moral dos filhos. Assim, na formação da personalidade dêstes, têm efeito maléfico acessos de raiva, preocupações exageradas, discussões e cenas de nervosismo que as crianças assistem em casa.

Procure formar em seu filho uma personalidade normal, evitando cenas desagradáveis no lar. Tanto quanto possível, esconda-lhe até seus aborrecimentos, contrariedades e apreensões. — SNES.

A FORMAÇÃO DE NOVOS CAFÈZAIS NAS ANTIGAS ZONAS PRODUTORAS

(Da Folha da Manhã de S. Paulo 2 de Nov. 1951)

Após mais de cem anos de cultura cafeeira feita exclusivamente com base na fertilidade natural da terra, encontram-se os produtores da valiosa rubiácea em situação verdadeiramente privilegiada, não só devido à alta de preços consequente do chamado equilíbrio estatístico, mas também devido ao adiantado estado dos trabalhos agronômicos referentes ao melhoramento dessa planta. A maior parte das antigas lavouras cafeeiras foi formada sem nenhuma base técnica, com sementes colhidas em geral do cafèzal vizinho, sem cuidado algum na escolha das melhores plantas, combate à erosão, etc. Apesar de tôdas as deficiências da antiga cafeicultura, pode-se dizer que ao café devemos em grande parte o desenvolvimento e o progresso da nação.

NOVOS RUMOS PARA A PRODUÇÃO CAFEEIRA

Hoje, porém, as terras estão cansadas e esgotadas, exauridas pela ação implacável da erosão e pela falta de fertilização e outros métodos conservacionistas. As lavouras não apresentam a exuberância que caracterizavam os antigos cafèzais e a produção média acha-se sensìvelmente reduzida. Para os lavradores progressistas, a alta dos preços deve representar uma grande oportunidade para a restauração das velhas lavouras e até formação de novos cafèzais nas terras velhas e cansadas.

POMARES DE CAFÉ

Para isso, os novos cafèzais deverão ser verdadeiros pomares, instalados com todos os requisitos da moderna agronomia, desde a escolha da variedade e plantio de sementes selecionadas até a defesa do solo contra a erosão, as adubações sistemáticas orgânicas e químicas, as pulverizações contra as pragas, etc. Os cafèzais instalados em terras velhas devem ter o carater de uma cultura intensiva. As culturas altamente econômicas de uva, figo, pessêgo e citros das zonas velhas e terras cansadas constituem exemplos de como deverão ser constituidos os futuros pomares de café nas antigas zonas produtoras. Naturalmente, este novo tipo de cultura intensiva limitará a extensão das plantações. As grandes lavouras de milhões de pés darão lugar aos pequenos pomares de 10 a 15 mil pés, ou quando muito 100 mil, cuidadosamente tratados e altamente produtivos, como está ocorrendo em Campinas e outros municípios.

VARIEDADES MAIS PRODUTIVAS E RESISTENTES

Variedades selecionadas, defesa do solo contra a erosão e aplicação anual e intensiva de matéria orgânica devem constituir os pilares da formação de novos cafèzais em terras velhas.

Felizmente, os agricultores já podem contar com diversas variedades ou linhagens de café, muito mais produtivas e resistentes do que os cafés existentes nas velhas lavouras. As linhagens de "Bourbon amarelo", "Bourbon", "Sumatra" e "Caturra", produzidas pelos agronomos do Instituto Agronômico de Campinas, apresentam qualidades que assegura o futuro da cafeicultura paulista. Ao contrário do que sucedia em outros tempos. Os lavradores possuem atualmente orientação segura quanto à escolha da melhor variedade. A fim de dar uma idéia sôbre esta importante questão, vejamos os resultados médios obtidos em ensaios realizados durante doze anos nas estações experimentais do Instituto Agronômico:

Variedade	Produção em Quilos
"Bourbon amarelo"	98.680
"Bourbon"	91.800
"Sumatra"	80.315
"Amarelo de Botucatu"	63.747
"Típico"	63.487
"Maragogipe"	56.886

Vê-se, pois, que a diferença de produção entre as variedades "Bourbon" e a variedade "Típico", predominante nas antigas lavouras, atingiu naquele período a mais de 35%, o que representa uma vantagem que não pode ser desprezada na formação de novos cafèzais.

A variedade "Caturra", de introdução mais recente no Estado, não figura naqueles ensaios, mas os agrônomos especialistas já têm dados para assegurar as suas qualidades e defeitos. A grande vantagem do "Caturra" é apresentar pequeno porte, permitindo melhor aproveitamento da área cultivada. Por outra lado, o seu defeito é produzir muitos grãos pequenos e frutos chochos, diminuindo o rendimento no beneficiamento. Os trabalhos do Instituto Agronômico estão sendo feitos on sentido de eliminar êsses defeitos, havendo já linhagens muito superiores dessa promissora variedade.

É PRECISO CONTROLAR A EROSÃO

Nenhuma lavoura de café deve ser formada sem um sistema adequado de contrôle da erosão. No mínimo, as linhas dos cafeeiros devem acompanhar o nível do terreno. Êste serviço é extremamente fácil e pode ser executado por qualquer operário com o auxílio de um nível de borracha ou de trapezio, que pode ser até improvisado na fazenda.

Não basta instalar o cafèzal em curvas de nível para que esteja assegurada a conservação do solo. É preciso também que as práticas culturais sejam feitas tendo em vista êste importante fator.

Para determinar a eficiência das práticas conservacionistas em cafèzal, o Instituto Agronômico realizou diversos ensaios nas estações experimentais de Pindorama e Ribeirão Preto, ensaios êsses de que já se têm alguns dados preliminares, isto é, ainda não definitivos, porque essas

experiências datam de poucos anos. Em média compensada para os três principais típos de solo do Estado, a ordem decrescente de perdas de solo por erosão é a seguinte: 1) enleiramento permanente; 2) testemunhas; 3) cordões em contorno; 4) sem arruação; 5) encordoamento do mato; 6) coveamento; 7) sombreamento em formação. 8) cùltivos mecânicos; 9) alternância de capinas; 10) adubação verde permanente; 11) cobertura com palha; 12) mato selecionado; 13) adubação verde anual; 14) ceifa do mato. Em tais tratamentos, as perdas oscilaram de 5,3 a 0,7 toneladas por hectare, anualmente.

Também foram realizados ensaios para determinação das principais práticas conservacionistas sôbre a produtividade do cafèzal. Não há conclusões definitivas sôbre êsses ensaios, mas como indicação preliminar foram os seguintes os resultados obtidos no segundo ano, por ordem decrescente de produção: 1) cordões em contorno; 2) encordoamento do mato em contorno; 3) coveamento; 4) adubação verde anual; 5) testemunha; 6) cultivos mecânicos; 7) enleiramento permanente; 8) cobertura com palha; 9) sem arruação; 10) alternância de capinas; 11) ceifa do mato; 12) adubação verde permanente; 13) mato selecionado.

MATÉRIA ORGÂNICA PARA A PRODUÇÃO CAFEEIRA

Já tivemos ocasião de relatar nestas colunas o verdadeiro milagre operado na fazenda Banharão Velho pela aplicação sistemática de "composto", ou seja, tôda a sorte de matéria orgânica devidamente preparada e transformada em humus. Muitos outros exemplos já estão aí para comprovar o efeito extraordinário do composto na restauração e manutenção da produção cafeeira.

Os lavradores em geral conhecem os efeitos benéficos da matéria orgânica sôbre o cafèzal, principalmente do estêrco de cocheira, palha de café ou torta de algodão. as, a maioria ignora a existência de muitas outras fontes de matéria orgânica, entre as quais o capim, tôda a sorte de restolhos, raspagem de terra, táboa, casca de arroz, de mamona, etc. Não há fazenda que não possua essa variada fonte de matéria orgânica, a qual poderá ser transformada em composto, isto é, em magnífica fonte de humus para a produção cafeeira.

Nenhuma lavoura poderá ser formada ou restaurada nas zonas velhas sem base nas adubações orgânicas, principalmente através da preparação adequada do composto, de que com justa razão tanto se tem falado ùltimamente.

O café visto nos Estados Unidos

(Cartas Semanais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York)

N.° 746 CARTA SEMANAL DO MERCADO 11 de Outubro de 1951

SITUAÇÃO GERAL: Desde há seis semanas que as cifras de produção e os índices gerais de preços mostram um alto grau de estabilidade que aliás carateriza a economia atual dos Estados Unidos. O país goza atualmente grande prosperidade, a qual é evidentemente baseada nas enormes inversões do programa de defesa em expansão. O total da produção industrial continua muito elevado mas o volume de vendas no varejo não conseguiu atingir, pelo menos até a data, as cifras que se esperavam tanto nos círculos comerciais como entre os elementos do Govêrno em Washington. Como se deverá lembrar, tanto uns como os outros haviam previsto para esta época do ano um forte impulso no movimento inflacionista geral.

A imediata explicação para a presente estabilidade baseia-se, sobretudo, nos seguintes fatores: o país em geral está agora beneficiando da enorme expansão na capacidade industrial que teve lugar nos anos imediatos do após-guerra, expansão essa que foi realizada na expetativa do ressurgimento da procura depois das privações que a guerra impos não só sôbre o consumidor norte-americano como também nos mercados de exportação; esse enorme aumento na produção não podia deixar de saturar alguns mercados específicos se bem que sob condições de grande procura e, com efeito, faz acumular consideráveis inventários de muitos produtos. Por outro lado, o público em geral tem acumulado economias e liquidado dívidas a um rítmo mais acelerado desde que a guerra terminou. Esses fatores, junto ao sistema de controles economicos impostos pelo Governo de Washington, explicam o equilíbrio relativo que atualmente existe entre a oferta e a procura nos mercados em geral.

Muito embora impossível predizer qual vae ser a duração do atual estado de cousas, na imprensa desta manhã apareceram duas notícias que parecem ser sintomáticas de que se surgir uma alteração, essa será possivelmente na direção de firmeza e não de debilidade. Uma dessas notícios referia que os agricultores estão comprando, agora, maquinário e outro equipamento agrícola que só vão necessitar para o próximo ano. Ao passo que a outra notícia informava que a firma General Electric Company já começou a racionar a distribuição de vários artigos que fabrica para o consumo civil, tais como geladeiras, cozinhas, etc., fato que revela a diminuição atualmente em progresso na produção de artigos para o consumo da população civil imposta pelas necessidades urgentes do programa de defesa.

MERCADO DE CAFÉ: A reduzida atividade nos negócios tão manifestamente causada pelo extraordinário interêsse no campeonato de "baseball" que ontem terminou e o fato de que durante a semana ocorreu, também, o feriado judaico de "Yomkipur", contribuiram para o limitado volume de transações quer no termo quer no mercado físico do produto. Acresce ainda que devido ao dia feriado de amanhã, 12 de Outubro, "Columbus Day", os Bancos e os mercados do país estarão encerrados.

No termo local o número de transações durante a semana em revista foi apenas de 117 lotes, ao passo que as cotações unicamente oscilaram dentro de margens imperceptiveis. A posição aberta denota alteração insignificante, sendo

esta manhã de 2.357 lotes ou sejam 7 lotes menos do que a cifra correspondente a sexta-feira da semana passada.

Similarmente, notou-se pouca variação nos mercados do grão, os quais apesar da falta de atividade de que falamos acima, mantiveram-se firmes aos níveis estabelecidos desde há muito tempo. Não resta dúvida que para a semana próxima dever-se-á presenciar uma expansão da atividade e então poder-se-á determinar com maior realismo o nível geral das cotações.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

			Dados Semanais		
	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Destinos Principais Europa	Outros	Total
BRASIL*	6-10-1951	279.000	169.000	10.000	458.000
	29- 9-1951	252.000	124.000	44.000	417.000
	7-10-1951	223.000	228.000	17.000	468.000
COLÔMBIA**	6-10-1951				
	29- 9-1951	86.247	23.546	2.929	112.722
	7-10-1950	86.886	1.717	3.799	92.402
BRASIL*	**Dados Mensais (**)**				
	Setembro, 1951	962.000	444.000	76.000	1.482.000
	Agôsto, 1951	888.000	380.000	151.000	1.419.000
	Setembro, 1950	999.000	556.000	166.000	1.721.000
COLÔMBIA**	Setembro, 1951	351.510	51.805	9.764	413.079
	Agôsto, 1951	255.744	34.445	6.840	297.079
	Setembro, 1950	511.028	16.617	14.603	542.248

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
BRASIL*	Santos	1.520.000	1.462.000	1.945.000
	Rio	311.000	373.000	570.000
	Vitória	106.000	95.000	115.000
	Paranaguá	634.000	647.000	640.000
	Pernambuco	8.000	10.000	14.000
	Bahia	23.000	23.000	24.000
	Angra dos Reis	22.000	26.000	——
	TOTAL	**2.624.000**	**2.636.000**	**3.308.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla		184.532	161.399
	Cartagena		75.004	88.350
	Buenaventura		78.064	111.633
	Cucuta		92.637	92.492
	TOTAL		**430.237**	**453.875**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZENS GERAIS DE NOVA YORK:

Países de origem (sacas de pesos diferentes)

Seman de:	Brasil	Colômbia	Outros	Total
6-10-1951	24.567	98.583	23.806	146.956
29- 9-1951	25.805	103.231	24.114	153.150
7-10-1950	95.018	108.529	40.419	243.966

(*) Dados da Bolsa de Café e Açucar de Nova YoYrk
(**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia
(***) Dados preliminares, sujeitos a retificação

"Convém notar que apesar das exportações terem aumentado, o consumo doméstico tem diminuído consideravelmente. As estatísticas mostram que de um consumo doméstico calculado entre 300 mil e 350 mil sacas, êle baixou para 200 mil sacas de 70 quilos, fenômeno que poderá ser atribuido, principalmente, às misturas de café consumidas dentro do país. À vista do aumento considerável da produção, o Estado terá que intervir para acabar com o uso desmedido de adulterantes no café torrado consumido dentro do México. Considerando a reputação que o México goza produtor de café de alta qualidade, não faz sentido que o produtor consumido dentro de suas fronteiras seja adulterado de tal maneira. Há todos os motivos para acabar com o uso de adulterantes e proporcionar ao público consumidor café puro mexicano. Tudo isso pode ser feito sem alterar o rítmo das exportações. Com o consumo doméstico em 200.000 sacas por ano, depreende-se que o consumo per capita no México é agora de 547 gramas e meia por ano contra o já baixíssimo consumo per capita de 910 gramas por ano em 1947!"

Brasil: Do boletim de George Gordon Paton & Co., de 3 do corrente, reproduzimos o seguinte: "Numa entrevista que tivemos com o Sr. Horacio Lafer, Ministro da Fazenda do Brasil, há umas duas semanas, o Ministro disse-nos, claramente, que os preços do café podiam se considerar justos sòmente quando se encontrassem em linha com os preços dos produtos que o Brasil tem de comprar e importar. O Ministro explicou que se por exemplo acontecesse que o Brasil não pudesse conseguir neste mercado senão uma duzia de artigos de qualquer classe pela qual houvesse procura naquele país de duas duzias, o resultado de tal situação seria que o artigo se venderia aos doze compradores que tiver feito o melhor oferta com um provavel aumento nos respetivos preços. Dessa forma e embora tratemos de exercer aqui certo controle de preço sôbre os produtos de exportação que se necessitam ou encontram-se escassos, não existe garantia de que os consumidores em outros países com o Brasil não se vejam obrigados a pagar, eventulmente, preços muito maiores que os impostos. Isso, à vista do que sucedeu em 1940, poderia resultar num clamor tendente a uma alta dos preços do café. Assim, indiretamente, os preços do café poderiam ser afetados no caso dêste país ou outros países não puderem fornecer aos países cafeicultores os artigos que desejarem comprar no próximo ano".

CANADA

Importações de Café: Durante janeiro/ulho do corrente ano, esse país importou um total de 396.450 sacas de café cru em comparação com 338.196 sacas

no mesmo período do ano passado e com 404.817 no mesmo período de 1949. A seguir apresentam-se as cifras de importação no Canadá, desde 1948, distribuidas por meses e com os totais para o ano e para o período Janeiro/Julho:

MÊS	1951	1950	1949	1948
Janeiro	54.674 (sacas)	55.580	71.141	62.880
Fevereiro	66.595	43.147	60.770	68.769
Março	67.058	37.254	43.151	36.905
Abril	60.051	51.491	66.955	46.332
Maio	57.519	56.762	53.387	43.463
Junho	39.759	40.727	55.811	60.959
Julho	50.794	53.235	53.602	51.975
Agôsto		56.825	58.569	63.475
Setembro		69.440	57.163	53.683
Outubro		65.030	69.698	46.981
Novembro		60.653	90.445	64.814
Dezembro		35.697	62.803	61.807
TOTAL, (Ano)		**625.841**	**742.495**	**662.088**
(Jan./Julho)	**396.450**	**338.196**	**404.817**	**371.328**

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

PAÍSES PRODUTORES

México: Sob o título "Importância do Café na Economia de México", apareceu, no "Boletim Semanal" da União Nacional Agrícola de Cafeeiros da Cidade de México, o seguinte artigo que reproduzimos:

"Ninguem ignora a importância que os economistas dão trocas comerciais entre as nações. Os produtos exportáveis de grande procura no estrangeiro contribuem logicamente para uma balança comercial favorável. Entre esses produtos de grande importância econômica para a nação, conta-se o café.

"O café é um dos produtos agrícolas que conseguiu não só satisfazer as necessidades do consumo nacional como também render excedentes para exportação, a qual é tão necessária para o fortalecimento de nossa economia. Com efeito, nossa política agrícola não podia se limitar a incrementar a produção de artigos de consumo doméstico sem prestar atenção aos produtos de exportação, principalmente o café o qual a pouco e pouco está conquistando os mercados internacionais.

"Como as vendas ao estrangeiro são pagas em dólares, os exportadores mexicanos devem ter contribuido para o tesouro nacional, no ano de safra 1950/51, cêrca de US$ 61,630,416.00 como resultado de suas vendas de café no mercado mundial. Apesar dessa elevada cifra, os cafeicultores não vivem, porém, em prosperidade devido, principalmente, ao alto custo de produção o qual bem podia ser atribuído ao baixo rendimento por unidade que, em muitas ocasiões, e perante as flutuações nos prêços de venda, tornam a cafeicultura deseconômica forçando frequentemente o seu abandono em proveito de culturas mais remunerativas.

Esse fato dá lugar, segundo disse Roberto Amorós Guiot, a uma deformidade econômica na indústria ao ter que apoiar-se em duas bases falsas: preços altos de venda e baixo nivel da vida dos trabalhadores. O ideal seria o aproveitamento máximo da capacidade de rendimento da terra para se atender a imperativos de justiça social e suportar as flutuações nos preços de venda.'

"A importância do café na economia nacional, pela sua influência nas condições favoráveis da balança comercial, é realçada em relação a muitos outros produtos agrícolas, de vez que a rubiacia constitue, depois do algodão, o primeiro produto agrícola de exportação. A cafeicultura contribue, por outro lado, e de uma forma generosa, para a satisfação de outras necessidades coletivas diretamente da responsabilidade do Estado. Por exemplo, o exportador de café paga ao Tesouro, sob a forma de imposto federal, 1.411 pesos por quilo bruto, o que monta a cêrca de 74 milhões de pesos por ano.

"É inegável a influência benéfica exercida pela produção de café no enriquecimento do Estado e bem assim sua repercusão na vida nacional cujo nível é indubitavelmente mais elevado naquelas regiões que dispõem de suficiente numerário para atender e satisfazer necessidades coletivas de várias classes. A satisfação dessas necessidades, quer dizer, o consumo, constitue a finalidade da produção. Daí o fato de que seja do mais alto interêsse para a economia nacional o equilíbrio entre ambos fatores: produção e consumo. A destruição dêsse equilíbrio conduz, em muitos casos, às piores crises as quais, quando devidas à falta do segundo fator e a excesso do primeiro provocam a derrocada dos preços com suas inevitáveis consequências econômicas e sociais.

"Favorecendo de maneira notável a nossa economia doméstica e existindo a cafeicultura em várias regiões como "exploração racional da terra", o México está já realizando programas de produção intensiva e extensiva sob o patrocínio da Comissão Nacional de Café. Essa entidade está atualmente dedicando-se a melhorar a cultura e a incrementar a produção por meio da implantação de uma técnica moderna, pois é evidente que para se conseguir uma boa produção cafeeira deve se aplicar uma técnica na exploração da terra. Uma boa técnica agrícola implica, também, a localização inteligente das plantações. Dessa forma, México conseguirá em poucos anos um aumento consideravel em sua produção de café.

N.º 747 CARTA SEMANAL DO MERCADO 19 de Outubro de 1951

SITUAÇÃO GERAL: Durante a semana em revista os índices dos vários mercados domésticos, tanto o de valores como os de produtos primários, foram particularmente sensitivos aos acontecimentos internacionais em contraste com a situação que existia nas últimas semanas quando os acontecimentos nacionais foram os fatores predominantes no panorama econômico do país.

Se bem que oscilando dentro de margens relativamente estreitas, o mercado de valores mostrou certa instabilidade durante a semana devido, sobretudo, aos acontecimentos no Egito e à incerteza que paira sôbre o curso eventual das relações anglo-egípcias. Por outro lado ,nos mercados de produtos primários notám-se as tendências de firmeza, evidentes desde há algum tempo, particularmente naqueles produtos como o algodão, a lã, a borracha e os cereais que sempre mostram maior sensibilidade aos acontecimentos políticos internacionais.

No que respeita à situação interna do país, deve-se notar que a falta de aprovação, por parte do Congresso, do projeto de aumento dos impostos federais não

afetou os mercados tanto com seria de esperar, de vez que a impressão geral que predomina a tal respeito, é que impostos maiores são inevitáveis e que a ação negativa da Câmara dos Deputados constitue, em última análise, um gesto puramente político.

Entrementes, o volume de vendas no varejo continua em expansão, se bem que de uma forma moderada, e o mesmo poder-se-ia dizer do índice correspondente à atividade industrial do país. Ambos fenômenos são um sintoma da estabilidade atual e quiça indiquem aquela firmeza que as autoridades de Washington esperam em meses vindouros.

MERCADO DE CAFÉ: Observou-se, durante a semana em apreço um certo aumento na atividade de compra e venda, principalmente, no mercado físico do produto. A êsse respeito, deve-se notar que os disponíveis locais foram alvo de maior atividade devido ao fato dos torradores mostrarem desusual interêsse nesse mercado à vista da extensão gradual da greve dos estivadores que, neste momento, está afetando o porto de Nova York. O resultado imediato dêsse maior interêsse dos torradores pelos disponíveis locais, foram os ganhos sensíveis registrados nas cotações dêsses cafés, ao passo que os preços dos cafés sôbre água e para embarque imediato se mantêm mais ou menos iguais aos níveis que predominam desde há tempo.

Por outro lado, as cotações na Bolsa de Café de Nova York mostraram certa debilidade em comparação com os níveis da semana anterior, fato aliás que foi atribuído à probabilidade do Brasil liberalizar o seu sistema de quotas de exportação.

O volume de operações no Contrato "S" do têrmo local registrou sensível expansão, havendo atingido um total de 315 lotes em comparação com 117 lotes negociados na semana anterior. A posição aberta também aumentou e, para esta manhã, era no total de 2.397 lotes, ou sejam mais 40 lotes do que a cifra correspondente a sexta-feira da semana passada.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: Tal como dissemos há pouco, o interêsse dos torradores locais recaiu, durante a semana, principalmente sôbre os cafés disponíveis os quais, conforme mostramos no quadro estatístico junto, conseguiram ganhos que são, em média, de 25 a 50 pontos por centavo.

Por outro lado, as cotações nos demais mercados mantiveram-se, essencialmente, sem alteração, ou sejam, ao redor de 51,25 c/ F.O.B. para o tipo Santos 4, e de 58 a 58,25 c/ para os Excelsos de Colômbia, na base ex-doca Nova York, sôbre água e para embarque imediato.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Dados Semanais			
	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Destinos Principais Europa	Outros	Total
BRASIL*	13-10-1951	201.000	96.000	22.000	319.000
	6-10-1951	279.000	169.000	10.000	458.000
	14-10-1950	241.000	82.000	9.000	332.000
COLÔMBIA**	13-10-1951	54.739	6.780	231	61.750
	6-10-1951	106.479	20.708	2.283	129.470
	14-10-1950	107.652	14.689	5.440	127.781

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em: 13-10-1951	6-10-1951	14-10-1950
BRASIL*	Santos	1.503.000	1.520.000	1.914.000
	Rio	395.000	311.000	664.000
	Vitória	111.000	106.000	106.000
	Paranaguá	150.000	634.000	618.000
	Pernambuco	11.000	8.000	13.000
	Bahia	23.000	23.000	26.000
	Angra dos Reis	34.000	22.000	13.000
	TOTAL	**2.727 000**	**2.624.000**	**3.354.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	171.038	188.681	147.145
	Cartagena	68.504	66.741	76.443
	Buenaventura	89.190	51.734	109.993
	Cucuta	92.637	92.637	91.326
	TOTAL	**421.369**	**399.793**	**424.907**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK:

Semana de:	Países de origem (sacas de pesos diferentes) Brasil	Colômbia	Outros	Total
13-10-1951	25.215	95.650	23.282	144.149
6-10-1951	24.567	98.583	23.806	146.956
14-10-1950	101.710	110.850	46.377	258.937

(*) Dados da Bolsa de Café e Açucar de Nova York.
(**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colombia.

N.º 41 (Vol. VII) O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA 19 de Outubro de 1951

PAÍSES PRODUTORES

Brasil: Da revista "Foreign Commerce Weekly", de 15 do corrente, reproduzimos o seguinte: "Segundo as últimas cifras conhecidas, foram despachadas, até 31 de Julho último, do interior para os portos um total de 16.740.000 sacas de 60 quilos da safra 1950/51. Os dados finais, devem ser, pouco mais ou menos, aqueles mesmos, de vez que os registros de despachos de café destinado ao consumo, não vão causar qualquer alteração significativa. Houve uma redução nas exportações de Junho, as quais foram calculadas em 914.292 sacas, das quais 588.630 destinaram-se aos Estados Unidos. As exportações de Julho revelaram um novo declíneo, tendo atingido unicamente 891.810 sacas."

México: A revista "Foreign Crops and Markets", de 15 do corrente, publicou a seguinte nota sôbre a situação cafeeira naquele país: "Segundo informa o Sr. S. E. Bakewell, da Embaixada dos Estados Unidos em Mexico City, calcula-se que a safra 195152 vai atingir o nível 'record' de 1.210.000 sacas.

Essa cifra representa um volume 10% superior à produção de 1950/51, a qual foi de 1.100.000 sacas. Devido ao fato do consumo doméstico ter baixado para umas 200.000 sacas anuais, espera-se, agora, que a safra 1951/52 proporcione para exportação cêrca de um milhão de sacas.

"Uma boa florada, condições climatológicas excelentes, uma melhor organização nos cafezais e o fato de que as árvores plantadas em 1948 vão estar em plena produção no presente ano agrícola, constituem alguns dos fatores mais importantes para a abundante produção da próxima safra. Muito embora a colheita só atinja seu apogeu no mês de Novembro na maioria das regiões produtoras, o café já começou a ser colhido em Soconusco, Estado de Chiapas.

"Um mercado mundial favorável, terras adequadas e o interêsse e apôio do Govêrno Mexicano, continuam estimulando a expansão da cafeicultura naquele país. Para o fim do presente ano agrícola, espera-se que haverá uns 400.000 acres plantados de café, o que representa cêrca de 5% mais na área sob cultura. A expansão na cafeicultura é mais notável em Veracruz, onde a Comissão Nacional do Café distribuiu grandes quantidades de mudas. Durante a estação de 1950/51, cêrca de dois milhões de arbustos novos foram plantados em todo o país, dos quais aproximadamente a metade foi fornecida pelos 'viveiros' daquela Comissão. Vários fazendeiros grande de Oaxaca e Chiapas prepararam mudas para distribuição aos pequenos lavradores, além daquelas preparadas para uso em seus próprios cafezais.

"Os cafeicultores da região de Soconusco dependem em grande parte da mão de obra que vem de Guatemala durante a época da colheita das cerejas. Todos os anos, cêrca de uns 50.000 índios atravessam a fronteira para ajudar os lavradores mexicanos na colheita das cerejas. As autoridades mexicanas, porém, cobram um imposto de 50 pesos por pessoa que atravessa a fronteira. Êsse imposto é imediatamente pago pelo lavrador que emprega o imigrante. Devido a êsse fato, e como, por outro lado, a maioria dos imigrantes apenas atravessa a fronteira para uma permanência curta de uma ou duas semanas, o custo da mão de obra região aumentou excessivamente. Há agora um movimento entre os cafeicultores da região afetada no sentido de pedir ao Govêrno a eliminação daquele imposto.

"Embora os cafés mexicanos fôssem colocados sob o contrôle de exportação, por decreto de Fevereiro de 1950, com o fim de proteger o suprimento doméstico dos cafés "não lavados", os quais são ordinariamente consumidos dentro do país, a administração daquela lei tem sido, porém,. muito liberal. Consequentemente, grandes quantidades dêsses cafés "não lavados" têm sido exportadas, trazendo como resultado um declíneo considerável no consumo de café puro através do país.

"Certos elementos do comércio cafeeiro local, calculam que as misturas de café que se vendem hoje no México para o consumo local, consistem de 40% de café puro e 60% de sucedâneos, tais como feijão preto, grão e milho torrado."

EUROPA

França: Do boletim sôbre o café que prepara o Sr. Jacques Louis Delamare, de Havre, reproduzimos os seguintes trechos sôbre a situação cafeeira naquele país: "Nos primeiros nove meses do corrente ano a França importou 1.859.945 sacas de café das seguintes regiões:

		Sacas	
a) Territórios Franceses:			
	África Ocidental	593.981	
	Madagascar	327.977	
	Camerun	107.403	
	África Equatorial	53.344	
	Togolandia	40.453	
	Nova Caledônia	16.144	
	Outras Regiões	7.235	
	Total		1.146.537
b) Países Estrangeiros:			
	Brasil	367.017	
	Angola	149.201	
	Congo Belga	56.302	
	África Inglesa	25.854	
	Venezuela	20.618	
	Colômbia	20.355	
	Haití	14.106	
	Etiopia	13.211	
	México	5.058	
	Equador	2.545	
	Índia	2.176	
	Outros	36.965	713.408
	Grande Total		1.859.945

No período de nove meses, correspondente ao ano passado, a França já tinha importado um total de 1.420.000 sacas, das quais 1.075.000 de seus territórios coloniais e 345.000 do Brasil e outros países estrangeiros. Infere-se dessas cifras que as importações das colónias francesas, nos primeiros nove meses de 1951, foram mais ou menos equivalentes às do ano passado, ao passo que as cifras relativas aos países estrangeiros ganharam mais do dôbro. Espera-se que as importações totais do corrente ano vão ultrapassar a cifra de 2.500.000 sacas importadas no ano passado.

O movimento de compras foi muito ativo em Agôsto e Setembro. Pelo menos 350.000 sacas compraram-se ao Brasil, Angola, Congo Belga, África Oriental Inglesa e Venezuela. Se a essa cifra juntarmos as 150.000 sacas que se esperam das colónias antes do fim do ano, e a atual existência de 190.000 sacas, teremos um total de 690.000 sacas nos armazéns ou sôbre água para os três últimos meses do corrente ano, contra um consumo mensal de 220.000 sacas. A procura de cafés estrangeiros continuará provavelmente ativa durante o mês de outubro, mas depois dêsse mês começa a inundação dos Robustas coloniais.

A produção africana francesa de 1951/52 é agora calculada em 1.250.000 sacas exportáveis para a França. O rítmo da chegada dêsses cafés aos portos franceses é o seguinte: 900.000 sacas de Janeiro a Julho e ùnicamente 350.000 sacas de Agôsto a Dezembro. Os cafeicultores coloniais estão pedindo ao Governo para que imponha controles às importações de cafés estrangeiros, tendo em conta o rítmo de embarque dos cafés coloniais. O plano proposto seria, pouco mais ou menos, o seguinte: **de Janeiro a Julho:** coloniais, 950.000 sacas; estrangeiros, 300.000;

de **Agôsto a Dezembro:** coloniais, 300.000 sacas; estrangeiros, 950.000 sacas. Isso quer dizer que para o Natal o francês pode contar com uma chícara de café brasileiro, mas para a Páscua terá que beber Robusta sòmente. Devemos confessar que a política cafeeira francesa é cada dia mais complicada. Os cafeicultores coloniais reclamam da metrópole o seu direito a um tratamento favorecido. Isso é justo, mas tal preferência deverá ser ajustada a uma ampla compreensão do caráter internacional do mercado de café. Bélgica importa só 28% e Inglaterra 45% de sua produção africana, o resto dos Robustas é exportado para outros mercados."

N.º 748 CARTA SEMANAL DO MERCADO 26 de Outubro de 1951

SITUAÇÃO GERAL: Tal como se esperava, o Congresso aprovou, na passada sexta-feira, o novo programa de impostos. Como êsse novo programa contém aumentos sensíveis nos impostos federais quer por parte das companhias e outras entidades comerciais e industriais quer por parte dos indivíduos, a Bolsa de Valores acolheu desfavorávelmente aquela ação do Congresso pois ela vai contribuir para a eventual redução dos lucros do comércio e indústria, pondo assim em perigo o atual nível de dividendos. Aliás, e sob um regime de impostos não tão pesado como o que acaba de ser aprovado pelo Congresso, as emprêsas do país já estão mostrando os efeitos dos altos impostos sôbre os respectivos lucros. Com efeito, as contas trimestrais que as empresas agora revelam, mostram, em muitos casos, lucros menores que os do trimestre anterior, não obstante o seu volume de negócios ter sido muito superior. Nas declarações que acompanham as contas dêste terceiro trimestre, as empresas explicam, porém, que a redução no lucro líquido foi devida aos maiores impostos que tiveram de pagar. Refletindo, pois, essa situação, as cotações na Bolsa de Valores mostram desde há duas semanas uma certa instabilidade a qual foi a companhada, na passada segunda-feira, por uma liquidação de moderadas proporções.

Aparentemente confirmando a unanimidade de vistas sôbre a gradual redução dos inventários, que até agora têm pesado sôbre a economia, o rítmo das vendas no varejo é atualmente mais acelerado. De acôrdo com os dados que acabam de ser divulgados, o volume de vendas nos grandes armazens através do país, aumentou em 10% em comparação com o volume correspondente à mesma semana do ano passado. E em relação com o volume da semana anterior, o avanço em questão é de 5%.

CONVENÇÃO ANUAL DA NATIONAL COFFEE ASSOCIATION: À vista de que a Convenção da indústria cafeeira dêste país só ontem concluiu seus trabalhos, são poucos os detalhes que se conhecem a êsse respeito. Durante o conclave o Dr. Walder Lima Sarmanho, Presidente do Bureau Pan-Americano do Café, pronunciou um importante discurso em que realçou que a presente posição do café como bebida favorita da América, constitue o problema principal tanto para os cafeicultores como para a indústria doméstica nos Estados Unidos. Referindo-se à qualidade do café e à necessidade de fomentar sua preparação adequada, o Dr. Sarmanho declarou que uma bebida de boa qualidade constitue o melhor

vendedor que o lavrador e o torrador têm e que se fôr possível conseguir-se que o café bem preparado seja a regra e não a excepção, o mercado potencial para o produto terá sido aumentado em milhões de chícaras por dia.

O Sr. J. A. De Armond, Presidente da National Coffee Association, declarou em seu discurso que a tarefa principal do Bureau era de Importância vital para a indústria neste país bem como para os países cafeicultores e que sendo o objetivo primordial do Bureau evitar uma diminuição no consumo, a consecução dêsse desideratum seria mais vantajoso através da ativa e consagrada cooperação da indústria doméstica representada na National Coffee Association.

Desde já pode-se dizer que a apresentação feita pelo Bureau de suas atividades de propaganda e investigações sôbre o consumo bem como a exposição de seus projetos para o futuro, constituiram a fase culminante naquela importante Convenção do comércio de café da América.

MERCADO DE CAFÉ: A greve dos estivadores foi o fator dominante nesse mercado pois com a virtual paralização do porto de Nova York a procura pelos cafés disponíveis foi tão premente que fez elevar os preços para os "máximos" permitidos pela Lei. Consequentemente, o tipo Santos 2 foi vendido a preços até 56,50/c ao passo que o Santos 4 chegou a 55,75/c. Os colombianos vendem-se a 60,50/c que é o preço máximo para êsse tipo. Por outro lado, a greve neste porto, que já dura mais de uma semana, reduziu consideràvelmente a atividade nos cafés sôbre água e para embarque F.O.B. e contribuiu para a relativa apatia que predominou no termo local.

Na Bolsa de Café e Açúcar de Nova York o volume de operações, durante a semana em aprêço, foi únicamente de 340 lotes, ao passo que as cotações, em consequência da falta de procura, acusavam, ontem, baixas de 20 a 52 pontos em comparação com os níveis da semana passada. A posição aberta, seguindo as tendências em evidência desde há tempo, continuou seu movimento de expansão e, para esta manhã, era de 2.467 lotes, ou sejam 70 lotes menos do que a cifra registrada na sexta-feira passada, a qual era de 2.397 lotes.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Dados Semanais — Destinos Principais: Estados Unidos	Europa	Outros	Total
BRASIL*	20-10-1951	253.000	138.000	37.000	428.000
	13-10-1951	201.000	96.000	22.000	310.000
	21-10-1950	176.000	200.000	29.000	405.000
COLÔMBIA**	20-10-1951	67.619	2.757	6.388	76.764
	13-10-1951	54.739	6.780	231	61.750
	21-10-1950	117.784	899	1.354	120.037

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em: 20-10-1951	13-10-1951	21-10-1950
BRASIL*	Santos	1.526.000	1.503.000	1.825.000
	Rio	369.000	395.000	577.000
	Vitória	114.000	111.000	102.000
	Paranaguá	802.000	650.000	782.000
	Pernambuco	9.000	11.000	11.000
	Bahia	24.000	23.000	25.000
	Angra dos Reis	30.000	34.000	12.000
	Total	**2.874.000**	**2.727.000**	**3.289.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	168.638	171.038	168.573
	Cartagena	65.980	68.504	86.821
	Buenaventura	109.517	89.190	78.727
	Cucuta	92.637	92.637	90.743
	Total	**436.772**	**421.369**	**424.864**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK:*

Semana de:	Países de origem (sacas de pesos diferentes) Brasil	Colômbia	Outros	Total
20-10-1951	16 523	82.331	24.055	122.909
13-10-1951	25.215	95.650	23.282	144.147
21-10-1950	109.687	115.271	48.792	273.750

(*) Dados da Bolsa de Café e Açucar de Nova York.
(**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.

N.º 42 (Vol. VII) O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA 26 de Outubro de 1951

PAÍSES PRODUTORES

Brasil: A revista "Foreign Commerce Weekly", de 22 do corrente, publicou a seguinte nota sôbre a safra paulista atual: "Segundo as estimativas oficiais, a safra paulista atual continua sendo calculada em 7.400.000 sacas de 60 quilos. Nalguns círculos comerciais predomina a opinião de que tal cifra é demasiado otimista e que a safra corrente não produzirá mais de 6.500.000 sacas. As perspectivas para a safra 1951-52 parecem ser boas e os lavradores parecem esperar uma temporada favorável."

Sombreamento dos Cafezais: Do Boletim da Federação das Associações Rurais do Estado de São Paulo, reproduzimos com a devida vénia, a seguinte nota sôbre aquele problema: "Segundo notícias do Rio, o problema do sombreamento dos cafezais está sendo estudado pelo Departamento Nacional da Produção Vegetal

do Ministério da Agricultura, abrangendo os grandes centros produtores da maior riqueza nacional. Para tanto, aquele departamento está organizando uma agenda sôbre o assunto, que será debatida, em público, com a presença de representantes das classes interessadas e técnicos do Ministério."

Sôbre o mesmo assunto, tomamos a liberdade de transcrever de um recente números da "Revista da Sociedade Rural Brasileira", os seguintes trechos de um trabalho apresentado, àquela prestimosa organização, pelo Sr. Pedro Corrêa Netto: "A produção da lavoura sombreada é bôa e má; depende da vontade do administrador. Na minha última comunicação à Sociedade Rural Brasileira disse que na Sociedade Agrícola Rodriguez Alves, numa lavoura sombreada pelo pisquim, o cálculo da produção atual foi relativamente pequeno — quarenta arrobas por mil pés, devido à muita sombra, 60%, deixada propositadamente para evitar a geada. Soube que, este ano, passado o perigo do frio, vão retirar o excesso de galhos de pisquim para diminuir a sombra. A safra será boa se os pisquim forem podados, mas se não se fizer a poda, a safra ainda será pequena. Na primeira hipótese, os observadores serão favoráveis aos sombreamento; na segunda, serão contra. Por isso, é que convidei os fazendeiros a visitar uma lavoura bem sombreada como a do Sr. Manuel Sampaio de Barros, em São Manuel. Vendo-a bonita, produtiva, bem colonizada pela facilidade do trato, isenta das pragas que estão devastando as fazendas vizinhas, sem necessidade de adubação nem de inseticidas, não deixarão de adotar o referido método, capaz de salvar e de eternizar qualquer lavoura, mesmo que esteja em váras num chão completamente improdutivo...

"Pelas observações feitas por mim, o que está danificando os cafèzais paulistas e mineiros não é tão sòmente o bicho mineiro; êste, pelo contrário do que se pensa, entra com pequena percentagem: o ôlho pardo, que se encontra em profusão, é o maior responsável pela queda das fôlhas do cafeeiro e da diminuição gradativa da produção até que se torne deficitário. O remédio então não é o machado, é o sombreamento que restaura um cafèzal a ponto de ser confundido com uma lavoura nova plantada em terra virgem e bôa."

CANADÁ

Importações de Café: Da revista "Tea and Coffee Trade Journal", edição de Setembro último, reproduzimos o seguinte artigo sôbre as importações e consumo de café naquele Domínio: "O volume das importações de café em Maio foi quase idêntico ao do mesmo mês de 1950. Houve apenas uma insignificante diminuição de 1% em comparação com o ano passado. O total importado, quase todo café cru, foi em Maio dêste ano, 7.632.403 lbs., contra 7.690.577 lbs. em Maio do ano passado. A maior parte do café veio do Brasil, que exportou para êsse mercado, durante o mês em apreço, 3.119.036 lbs. A Colômbia exportou para o Canadá, durante o mesmo mês, 1.504.004 lbs. Dessa forma, os dois países referidos contribuiram com 60% do café importado pelo Canadá durante Maio de 1951. A África Oriental Inglesa, porém, ganhou terreno em comparação com o ano passado. Em maio de 1950 essa região exportou para o Canadá ùnicamente 494.027 lbs., ao passo que em Maio dêste ano exportou 1.443.940 lbs. O resto do café importado pelo Canadá durante o mês em referência, veio de Jamaica, Trinidad, Costa Rica, República Dominicana, O Salvador, México, Nicarágua, Venezuela e outros. O valor das importações de café cru na alfândega em Maio de 1951 foi de $4,250,691 ou seja uma média de 55 c/ por lb.

"As marcas de café nacionais são hoje vendidas no varejo a preços de $1,10 por lb. para cima (em latas). Os grandes armazéns de "cadeia" no Leste do Canadá, es-

tão vendendo suas marcas, mais populares, ao redor de 96 c/ por lb. em sacos de papel. Nos cinco primeiros meses do corrente ano, registrou-se um aumento de 25% nas importações de café em relação com o mesmo período do ano passado.

"Ao passo que as importações de café durante Maio dêste ano, permaneceram mais ou menos estáveis, as importações de chá diminuiram consideràvelmente. As importações de chá em Maio de 1951, foram de 3.691.797 lbs., ao passo que no mesmo mês do ano passado, essas importações foram de 5.666.948 lbs., ou seja uma redução de 35%. Nos cinco primeiros meses do ano em curso, o Canadá importou 19.706.461 lbs. de chá, ao passo que no mesmo período do ano passado, importu 24.928.702 lbs., ou seja uma diminuição de 20%".

EUROPA

Análise das Importações: Do boletim "Cofee Report", de Jacques Louis Delamare, cobrindo Setembro-Outubro de 1951, reproduzimos a seguinte nota sôbre as importações europeias: "Desde o 1.º de Janeiro até ao fim de Setembro dêste ano, o total de sacas de café importadas no Continente, pode-se calcular em 6.400.000. Tomando essa cifra como base, podemos calcular que, para o fim do ano, as importações do ano passado atingiram 8.500.000 sacas sabendo-se que as importações do ano passado atingiram 8.100.000 sacas.

"Entre os principais países importadores, França, Inglaterra, Suiça, e Alemanha vão, provàvelmente, importar quantidades iguais ou superiores ao volume que importaram no ano passado. Bélgica, Itália, Holanda e os países escandinavos, encontram-se atrasados em suas importações ao comparar-se o volume atual com o do ano passado, mas é possivel que êsses países ganhem o terreno perdido até ao fim do ano. É possivel que a Alemanha importe, êste ano, 500.000 a 600.000 sacas. Deve-se lembrar, contudo, que antes de 1938, a média anual das importações alemãs era de umas 2.500.000 sacas. A diferença entre essa alta cifra e o volume corrente das importações da Alemanha, constitue talvez a interrogação mais importante ao considerar-se as perspetivas para o mercado de café na Europa".

Mercado Negro na Alemanha Ocidental: A agência "Associated Press" informa de Berlim o seguinte: "De acôrdo com fontes na Alemanha Ocidental, os países da Europa Oriental estão lançando (dumping) grandes quantidades de café no mercado negro com o fim de arrecadarem os marcos da Alemanha Ocidental. O café em questão, diz-se que é importado do Brasil pelos portos do Báltico, Gydnia e Danzig e depois transportado, aparentemente com a aprovação da Rússia, para Berlim. Diz-se que os alemães do Ocidente pagam dez marcos ($2.30) por uma libra de café cru no mercado negro. O preço legal, com um imposto de luxo de 100%, é 18 marcos (US$4.14). A "Associated Press" diz que essa "campanha" dos países da Europa Oriental foi ideada para coincidir com a escassez de café motivada pelos contrôles mais rígidos impostos pela Alemanha e pelos novos regulamentos dos Estados Unidos que reduziram as vendas de café nos estabelecimentos militares americanos."

CAFÉS COLONIAIS

Produção em Angola: Do boletim de George Gordon Paton & Co., desta cidade, reproduz-se a seguinte nota sôbre a produção naquela colónia portuguesa: "Notícias recebidas de Lisboa, dizem que "é agora um fato estabelecido de que a safra 1951/52 será cêrca de 30% inferior ao que se esperava". Calcula-se, agora, que cêrca de 750.000 sacas será a produção exportável durante 1951/52, das quais Portugal importará umas 200.000. Pensa-se que cêrca de 200.000 sacas serão vendidas aos Estados Unidos e o resto da produção exportável entrará nos mercados europeus".

Estatistica

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

ANO XVIII — São Paulo, 9 de Novembro de 1951 — N.º 310

DADOS COLIGIDOS PELA SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS — SAFRA 1951/1952

E. Ferro	Julho/set.º	1.ª dezena outubro	2.ª dezena outubro	3.ª dezena outubro	Totais
Santos a Jundiaí	75 229	6 705	6 207	4 783	92 924
Sorocabana	655 884	64 154	36 464	43 669	800 171
Paulista	1 604 014	83 112	48 678	50 012	1 785 816
Mogiana	333 632	38 951	26 979	31 971	431 173
Araraquara	514 681	41 240	25 212	22 509	603 642
N. Brasil	1 044 589	69 138	49 733	38 338	1 201 798
C. Brasil	—	—	—	(*)	—
E. Rodagem	—	—	—	—	—
Total	**4 228 029**	**302 940**	**193 273**	**191 282**	**4 915 524**

NOTAS: — Os despachos nas EE. FF. acima incluem os das suas respectivas tributárias.
(*) Não foram recebidos os dados da 3.ª dezena de outubro da E. Ferro Central do Brasil.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

Despachado	Rio de Janeiro		Angra dos Reis		Totais
	Ferroviário	Rodoviário	Ferroviário	Rodoviário	
Julho/set.º	213 508	184 676	4 769	10 219	413 172
1.ª dez. out.º	18 539	17 434	3 963	6 612	46 548
2.ª dez. out.º	14 177	11 920	—	2 010	28 107
3.ª dez. out.º	19 099	13 533	—	4 335	36 967
Total	**265 323**	**227 563**	**8 732**	**23 176**	**524 794**

CAFÉS DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

E. Produtores	Julho/set.º	1.ª dezena outubro	2.ª dezena outubro	3.ª dezena outubro	Totais
Paraná	31 765	3 552	8 127	(*) 1 498	44 942
Minas Gerais	39 965	2 878	3 725	(*) 1 544	48 112
Goiás	11 460	—	—	(*) —	11 460
Goiás (Rod.)	640	100	250	120	1 110
Mato Grosso	2 254	733	2 095	—	5 082
Total	**86 084**	**7 263**	**14 197**	**3 162**	**110 706**

(*) — Incompletos.

SAFRA 1951/52 — (ATÉ 31 DE OUTUBRO DE 1951)
MOVIMENTO DO CAFÉ DESTINADO A SANTOS

Paulista	Despachado	Liberado	Interditado e d. alterado	A liberar
Anteriores	5 492 929	5 410 147	82 782	—
2.ª dez outubro 50	292 016	263 848	27 683	485
2.ª ” ” ”	276 703	250 740	25 395	568
1.ª ” novembro ”	166 797	144 647	21 171	979
2.ª ” ” ”	133 764	111 039	22 523	202
3.ª ” ” ”	164 788	140 850	23 329	609
	113 896	89 092	24 217	587
2.ª ” ” ”	110 322	60 397	19 066	30 859
3.ª ” ” ”	93 180	21 997	13 155	58 028
1.ª ” janeiro 51	32 976	4 827	5 626	22 523
2.ª ” ” ”	40 362	—	3 674	36 688
3.ª ” ” ”	39 389	—	8 815	30 574
1.ª ” fevereiro ”	24 935	—	1 670	23 265
2.ª ” ” ”	17 667	—	3 117	14 550
3.ª ” ” ”	22 404	—	1 950	20 454
1.ª ” março ”	16 776	—	2 500	14 276
2.ª ” ” ”	17 496	—	2 500	14 996
3.ª ” ” ”	20 946	—	2 058	18 888
1.ª ” abril ”	10 203	—	1 501	8 702
2.ª ” ” ”	11 952	—	1 200	10 752
3.ª ” ” ”	9 218	—	500	8 718
1.ª ” maio ”	8 381	—	—	8 381
2.ª ” ” ”	3 027	—	—	3 027
3.ª ” ” ”	20 343	—	—	20 343
Total	**7 140 470**	**6 497 584**	**294 432**	**348 454**
Despolpado	28 528	28 528	—	—
Rodoviário	—	—	—	—
Total Geral	**7 168 998**	**6 526 112**	**294 432**	**348 454**
(Outros Estados) (Até 3.ª dez. maio)				
Paranaense	661 510	269 705	49 905	341 900
Mineiro (*)	353 566	325 690	6 392	21 484
Goiano	44 104	42 275	830	999
Matogrossense	7 395	5 528	—	1 867
Catarinense (V.M.)	1 540	1 540	—	—
Total	**1 068 115**	**644 738**	**57 127**	**366 250**

OBS: — Destino alterado p/ "Rio de Janeiro" 164 070
— Destino alterado p/ "Interior e Cap" 128 609
— Anulado 673
— Interditado 1 080 294 432

— (*) — Mais 50 scs. destino alterado "Marítima" p/ "SANTOS".

SAFRA 1951/52 — (ATÉ 31 DE OUTUBRO DE 1951)
MOVIMENTO DO CAFÉ DESTINADO A SANTOS

Paulista	Despachado	Liberado	Destino alterado	A liberar
1.º dez Julho 51	443 886	436 162	950	6 774
2.º " " "	300 718	193 592	559	106 567
3.º " " "	530 139	—	598	529 541
1.º " agôsto "	447 166	—	72	447 094
2.º " " "	421 301	—	—	421 301
3.º " " "	648 814	—	138	648 676
1.º " setembro "	429 157	—	160	428 997
2.º " " "	552 948	—	170	552 778
3.º " " "	440 488	—	2 263	438 225
1.º " outubro "	302 295	—	—	302 295
2.º " " "	193 273	—	—	193 273
3.º " " "	190 942	—	—	190 942
Total	**4 901 127**	**629 754**	**4 910**	**4 266 463**
Despolpado	14 397	13 912	—	485
Total Geral	**4 915 524**	**643 666**	**4 910**	**4 266 948**
(Outros Estados) (Até 3.º dez. out.º)				
Paranaense	44 942	13 151	—	31 791
Mineiro	48 112	13 286	—	34 826
Goiano	11 460	1 550	—	9 910
Goiano (Rodoviário)	1 110	—	(*) 24	1 086
Matogrossense	5 082	—	—	5 082
Total	**110 706**	**27 987**	**24**	**82 695**

OBS: — (*) — Apreendidas
— Destino alterado p/ "Rio de Janeiro" 1 646
— Destino alterado p/ "Interior e Cap" 3 264 4 910

— Os dados desta publicação retificam as anteriores.

EMBARQUES DE CAFÉ POR PAÍSES, PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE SETEMBRO DE 1951

CONTINENTES	PAÍSES	SACAS	TOTAIS
EUROPA:	Alemanha	8.053	
	Áustria	204	
	Bélgica	28.638	
	Dinamarca	11.699	
	Finlândia	10.000	
	França	51.677	
	Gibraltar	3.332	
	Grã-Bretanha	11.215	
	Grécia	9.386	
	Holanda	3.250	
	Itália	(*) 12.674	
	Portugal	65	
	Suécia	16.073	
	Suiça	1.750	
	Trieste	4.696	
	Turquia	8.047	180.759
AMERICA DO NORTE:	Canadá	9.247	
	Estados Unidos	266.078	275.325
AMERICA DO SUL:	Argentina	34.484	
	Paraguai	450	
	Uruguai	2.850	37.784
AFRICA	Canarias	2.586	
	Egíto	18.164	
	Marrocos Francês	417	
	Moçambique	120	
	Sud. Africano	115	
	Tânger	600	
	U. Sul Africana	4.561	26.563
ASIA	Chípre	975	
	Síria	5.647	
	Transjordânia	331	
	Turquia	3.206	10.159
	Total p/o exterior:		530.590
CABOTAGEM:	Sul	500	500
	Total geral:		531.090

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

SETEMBRO DE 1951

(Sacas de 60 quilos)

PÔRTO DE EMBARQUE	Exterior	Consumo de bordo	Cabotagem	Total
SETEMBRO DE 1951:				
Santos	582 870	130	260	583 260
Rio de Janeiro	530 590	99	500	531 189
Vitória	71 030	—	29 715	100 745
Paranaguá	297 259	—	200	297 459
Angra dos Reis	49 012	—	—	49 012
Salvador	1 547	—	310	1 857
Recife	1 092	—	—	1 092
Caravelas	—	—	—	—
Total	**1 533 400**	**229**	**30 985**	**1 564 614**
Janeiro	1 241 156	224	18 451	1 259 831
Fevereiro	1 598 385	164	18 016	1 616 565
Março	1 489 071	347	33 536	1 522 954
Abril	1 012 218	206	16 258	1 028 682
Maio	1 172 545	351	20 431	1 193 327
Junho	914 292	238	34 608	949 128
Julho	891 810	350	24 176	916 336
Agôsto	1 407 029	290	40 585	1 447 904
Total de Janº. a Setembro	**11 259 906**	**2 399**	**237 046**	**11 499 351**

ENTRADAS DE CAFÉ NO MERCADO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE OUTUBRO DE 1951

VIAS	PROCEDÊNCIA				Total
	Soã Paulo	M. Gerais	R. Janeiro	Esp. Santo	
E. F. C. do Brasil	87.795	72.891	—	—	160.689
E. F. Leopoldina	—	41.922	9.762	17.866	69.550
Regulador	—	—	4.234	43.492	47.726
Rodovviário	57.510	276.136	28.277	63.372	425.595
TOTAIS:	**145.305**	**390.949**	**42.273**	**124.730**	**703.560**

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

I — Detalhe pelos países de destino
JULHO DE 1951

DESTINO	QUANTIDADE (sacas de 60 quilos)	VALOR (cruzeiros)
AFRICA:		
ARGÉLIA: Argel	1 000	992 930
EGITO: Alexandria	12 065	12 946 898
MARROCOS FRANCÊS: Casablanca	3 166	3 341 063
SUOESTE AFRICANO:	**100**	**109 875**
Luderitz Bay	25	26 439
Walvis Bay	75	83 436
TUNISIA: Tunis	8 333	9 264 304
UNIÃO SUL AFRICANA:	**6 764**	**7 380 261**
Cape Town	1 675	1 857 520
Durban	3 715	3 999 257
Mossel Bay	1 024	1 129 760
Port Elizabeth	350	393 724
AMÉRICA CENTRAL:		
CURAÇÃO:	120	130 450
AMÉRICA DO NORTE:		
CANADÁ:	**16 643**	**20 396 103**
Montreal	8 570	10 569 042
Saint John	250	300 812
Toronto	1 450	1 766 045
Vancouver	4 473	5 428 581
Winnipeg	1 050	1 270 267
via Nova York	850	1 061 356
ESTADOS UNIDOS:	**475 474**	**573 694 214**
Baltimore	15 181	18 494 300
Boston	29 680	36 380 221
Charleston	1 560	1 938 639
Filadélfia	7 750	9 493 150
Houston	19 327	23 561 067
Jacksonville	20 850	25 568 364
Los Angeles	11 091	13 589 012
Nova Orleans	164 043	194 530 099
Nova York	135 901	164 525 229
Norfolk	6 759	7 850 072
Oakland	8 836	10 829 917
Portland	5 492	6 663 870
São Francisco	46 104	56 869 548
Seattle	1 900	2 298 232
Tacoma	1 000	1 202 494
AMÉRICA DO SUL:		
ARGENTINA:	**61 978**	**73 034 640**
Buenos Aires	60 378	71 230 340
Rosário	1 600	1 804 300
CHILE:	**5 198**	**5 333 449**
Coquimbo	100	103 849
Corral	300	311 541

DESTINO	QUANTIDADE (sacas de 60 quilos)	VALOR (cruzeiros)
Punta Arenas	635	664 924
Talcahuano	500	502 082
Valparaiso	3 663	3 751 055
PARAGUAI: Assunção	150	178 900
URUGUAI: Montevidéu	5 100	5 934 591
ASIA:		
CHIPRE: Famagusta	300	310 429
FILIPINAS:	**3 950**	**3 831 153**
Cebú	700	631 072
Iloilo	30	27 100
Manilla	3 220	3 172 981
JAPÃO:	**515**	**664 655**
Cobe	31	43 203
Iocoama	417	534 134
Osaca	67	87 318
SÍRIA & LIBANO: Beirute	4 499	4 550 030
TURQUIA:	**3 558**	**3 908 925**
Smyrna	1 500	1 540 043
Stambul	2 058	2 368 882
EUROPA:		
ALEMANHA:	**43 985**	**56 101 174**
Bremen	9 489	12 115 576
Hamburgo	34 496	43 985 598
AUSTRIA: via Hamburgo	676	760 416
BELGO-LUXEMBURGUESA, U. E.:		
Antuérpia	19 195	25 250 317
FINLÂNDIA: Helsink	25 000	21 951 839
FRANÇA:	**22 703**	**24 420 305**
Bordeaux	750	833 760
Dunquerque	3 250	3 446 789
Havre	18 428	19 809 975
Marselha	275	329 781
GRÃ-BRETANHA: Londres	49 339	60 995 129
GRÉCIA: Pireus	8 480	8 542 569
HOLANDA:	**39 625**	**47 685 994**
Amsterdam	31 500	37 933 028
Rotterdam	8 125	9 752 966
ISLÂNDIA: Reykjavik	1 000	1 070 857
ITÁLIA:	**14 685**	**18 908 225**
Bari	202	267 604
Catânia	149	197 483
Gênova	10 343	13 373 330
Monfalcone	1 283	1 660 531
Nápoles	2 407	3 030 573
Palermo	217	270 100
Veneza	84	108 604
IUGOSLÁVIA: Rijeka	5 000	5 775 474
NORUEGA:	**5 750**	**7 005 330**
Bergen	2 750	3 342 510
Oslo	1 000	1 224 000
Trondhjein	2 000	2 438 820
PORTUGAL:	**775**	**909 144**
Leixões	55	64 326
Lisbôa	720	844 818

DESTINO	QUANTIDADE (sacas de 60 quilos)	VALOR (cruzeiros)
SUÉCIA:	43 125	53 373 708
Estocolmo	21 181	26 209 595
Gefle	125	141 000
Gotemburgo	12 819	15 889 712
Helsingborg	4 951	6 121 883
Malmoe	4 049	5 011 518
TRIESTE:	3 135	4 119 658
OCEÂNIA:		
AUSTRÁLIA: Melbourne		
NOVA ZELÂNDIA: Bunedin	374	456 611
	50	66 184
TOTAL GERAL:	**891 810**	**1 063 395 804**

O PRECEITO DO DIA

CAUSA DE CANSAÇO FÁCIL

Quem trabalha em posição forçada cansa-se fàcilmente, porque os órgãos ficam comprimidos e os músculos sujeitos a esforços excessivos. O trabalho torna-se, assim, penoso e improdutivo.

Procure trabalhar em posição cômoda para evitar mal-estar, fadiga e desperdício de energia — SNES.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

I — Detalhe pelos países de destino

AGÔSTO DE 1951

DESTINO	QUANTIDADE (sacas de 60 quilos)	VALOR (cruzeiros)
AFRICA:		
CANÁRIAS: Tenerife	833	766 024
EGITO: Alexandria	625	603 368
MARROCOS ESPANHOL:		
via Tanger	5 335	5 191 619
MARROCOS FRANCÊS: Casablanca	2 000	1 896 401
MOÇAMBIQUE: Lourenço Marques	350	343 886
UNIÃO SUL AFRICANA:	**7 044**	**7 081 334**
Cape Town	1 932	1 924 305
Durban	3 392	3 375 110
Mossel Bay	1 020	1 069 702
Port Elizabeth	500	523 704
via Lourenço Marques	200	188 513
AMÉRICA CENTRAL:		
CURAÇAO: Curaçao	115	121 844
AMÉRICA DO NORTE:		
CANADÁ:	**19 665**	**23 564 315**
Montreal	13 375	15 985 769
Toronto	1 590	1 915 390
Vancouver	4 400	5 304 447
Winnipeg	300	358 709
ESTADOS UNIDOS:	**890 232**	**1 048 326 496**
Baltimore	71 550	85 102 824
Boston	23 995	28 836 777
Charleston	5 000	4 782 420
Corpus Christi	2 500	2 968 522
Filadélfia	7 273	8 810 820
Houston	45 107	54 033 192
Jacksonville	26 400	31 614 474
Los Angeles	20 683	24 522 523
New Orleans	268 267	307 603 097
New York	333 988	396 929 481
Norfolk	9 636	11 081 327
Oakland	14 905	18 193 604
Portland	4 037	4 827 167
San Francisco	52 651	63 929 591
Seattle	3 740	4 503 055
Tacoma	500	587 622
AMÉRICA DO SUL:		
ARGENTINA:	**81 574**	**90 664 873**
Bueno Aires	77 804	86 633 904
Rosário	3 770	4 030 969

DESTINO	QUANTIDADE (sacas de 60 quilos)	VALOR (cruzeiros)
CHILE:	**10 196**	**9 911 489**
Corral	100	90 522
Puerto Montt	150	143 364
Punta Arenas	105	122 385
Talcahuano	1 148	1 059 534
Valparaiso	8 693	8 495 684
URUGUAI: Montevidéu	5 445	6 124 185
ASIA:		
CHIPRE:	**300**	**308 257**
Famagusta	200	208 654
Larnaca	100	99 603
JAPÃO:	**224**	**301 295**
Cobe	49	65 694
Iocohama	175	235 601
JORDÂNIA: Amman	358	345 380
SÍRIA & LIBANO: Beirute	1 666	1 603 487
TURQUIA: Messina	832	800 780
EUROPA:		
ALEMANHA:	**64 399**	**81 650 910**
Bremen	12 994	16 447 976
Hamburgo	50 130	63 578 421
Uerdingen	1 275	1 624 513
AUSTRIA:	**8 883**	**11 070 306**
via Genova	8 000	10 053 304
via Trieste	883	1 017 002
BELGO-LUXEMBURGUESA, U. E.:		
Antuérpia	34 505	37 287 991
DINAMARCA: Copenhague	25 200	29 735 752
FINLÂNDIA: Helsinki	15 000	14 359 216
FRANÇA:	**45 258**	**47 456 614**
Bordeaux	2 425	2 710 570
Dunquerque	5 125	5 446 858
Havre	34 608	35 542 177
Marselha	1 250	1 397 198
Strasburgo	1 850	2 359 811
GIBRALTAR:	6 210	5 928 375
GRÃ-BRETANHA:	**27 682**	**32 769 085**
Liverpool	916	903 835
Londres	26 766	31 865 250
HOLANDA:	**53 607**	**61 860 397**
Amsterdam	46 707	53 538 521
Rotterdam	6 900	8 321 876
ISLÂNDIA: Reykavik	1 425	1 452 957
ITÁLIA:	**13 273**	**15 578 254**
Bari	125	121 736
Gênova	6 608	8 357 402
Livorno	259	326 291
Messina	125	126 452
Monfalcone	1 062	1 156 521
Nápoles	3 368	3 472 797
Palermo	336	356 785
Veneza	1 390	1 660 270

DESTINO	QUANTIDADE (sacas de 60 quilos)	VALOR (cruzeiros)
MALTA: Valeta	50	48 194
NORUEGA:	**19 250**	**28 110 860**
Bergen	1 000	1 217 460
Oslo	15 750	18 867 720
Stavanger	1 000	1 211 550
Trondhjem	1 500	1 814 130
SUÉCIA:	**48 766**	**60 059 678**
Estocolmo	20 520	25 205 037
Gotemburgo	19 692	24 324 573
Helsingborg	5 225	6 427 736
Malmo	3 329	4 102 332
SUÍÇA:	**2 750**	**3 202 371**
via Antuérpia	1 000	1 176 788
via Rotterdam	1 750	2 025 583
TRIESTE:	13 884	14 098 350
OCEANIA:		
AUSTRÁLIA: Melbourne	118	143 755
TOTAL GERAL:	**1 407 054**	**1 637 768 098**

O PRECEITO DO DIA

FALSOS ALIMENTOS

As drogas que a indústria nos oferece, anunciadas como substitutos dos produtos naturais, além de mais caras e de mais difícil assimilação, não valem o que os alimentos nos fornecem.

Faça de sua cozinha sua farmácia, utilizando os princípios que os alimentos contêm. — SNES.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

II — Detalhes pelos portos de procedência

JANEIRO a JULHO DE 1951

PAÍSES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em (sacas de 60 quilos	Valor (cruzeiros)
AFRICA:			
Argelia	Santos	125	149 625
	Rio de Janeiro	1 108	1 103 400
	Total	**1 233**	**1 253 025**
Egito	Rio de Janeiro	12 315	13 234 123
Marrocos Espanhol	Rio de Janeiro	4 350	4 403 466
Marrocos Francês	Santos	625	753 312
	Rio de Janeiro	11 833	12 971 272
	Vitória	3 824	3 992 126
	Total	**16 282**	**17 716 710**
Moçambique	Rio de Janeiro	45	52 397
Sudoeste Africano	Rio de Janeiro	499	583 001
Tanger	Rio de Janeiro	4 500	4 983 989
Tunisia	Rio de Janeiro	24 999	28 462 786
	Vitória	3 834	4 272 534
	Total	**28 833**	**32 735 320**
União Sul Africana	Santos	3 159	3 963 267
	Rio de Janeiro	21 304	24 482 439
	Paranaguá	150	191 203
	Total	**24 613**	**28 636 909**
AMÉRICA CENTRAL:			
Curaçao	Rio de Janeiro	220	247 797
AMÉRICA DO NORTE:			
Canadá	Santos	93 830	116 938 170
	Rio de Janeiro	21 013	25 153 398
	Paranaguá	25 855	31 357 344
	Recife	1 187	1 478 307
	Total	**141 885**	**174 927 219**
Estados Unidos	Santos	3 017 327	3 736 792 338
	Rio de Janeiro	1 147 455	1 328 235 696
	Vitória	67 385	67 505 482
	Angra dos Reis	96 223	116 889 536
	Paranaguá	1 302 780	1 583 121 830
	Recife	6 275	7 421 595
	Total	**5 637 445**	**6 839 966 477**

PAÍSES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em (sacas de 60 quilos	Valor (cruzeiros)
AMÉRICA DO SUL:			
Argentina	Santos	33 410	43 652 236
	Rio de Janeiro	165 602	196 776 782
	Vitória	34 128	38 499 358
	Paranaguá	2 647	3 431 272
	Total	**235 787**	**282 359 648**
Chile	Rio de Janeiro	16 038	18 198 401
	Vitória	11 331	11 850 219
	Total	**27 369**	**30 048 620**
Paraguai	Rio de Janeiro	2 450	3 048 376
Uruguai	Santos	700	893 882
	Rio de Janeiro	22 191	25 805 258
	Vitória	1 430	1 651 344
	Total	**24 321**	**28 350 484**
ASIA:			
Chipre	Rio de Janeiro	1 000	1 050 497
Filipinas	Santos	12 016	14 757 016
	Rio de Janeiro	2 660	2 845 399
	Vitória	45 100	47 833 218
	Total	**59 776**	**65 435 633**
Japão	Santos	581	755 301
	Rio de Janeiro	17	19 460
	Total	**598**	**774 761**
Jordânia	Rio de Janeiro	5 873	6 260 270
Síria e Líbano	Santos	100	126 543
	Rio de Janeiro	13 001	13 121 114
	Total	**13 101**	**13 247 657**
Turquia	Rio de Janeiro	45 186	49 587 211
EUROPA:			
Alemanha	Santos	85 511	113 952 501
	Rio de Janeiro	23 074	28 517 939
	Paranaguá	6 228	8 046 402
	Bahia	144	181 036
	Total	**114 957**	**150 697 878**
Austria	Santos	5 800	7 820 719
	Rio de Janeiro	3 978	4 259 793
	Total	**9 778**	**12 080 512**
Belgo-Luxemburguesa, U. E.	Santos	76 332	99 679 745
	Rio de Janeiro	84 496	98 302 398
	Vitória	20 439	21 952 374
	Paranagua	19 581	24 536 152
	Bahia	30	43 704
	Recife	6 550	8 159 581
	Total	**207 428**	**252 673 954**

PAÍSES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em (sacas de 60 quilos	Valor (cruzeiros)
Dinamarca	Santos	102 794	121 231 946
	Rio de Janeiro	24 572	28 417 008
	Total	**127 366**	**149 648 954**
Finlândia	Santos	3 332	4 500 647
	Rio de Janeiro	110 102	114 663 683
	Total	**113 434**	**119 164 330**
França	Santos	16 639	21 139 418
	Rio de Janeiro	113 977	129 474 103
	Vitória	15 926	16 747 135
	Paranaguá	37 738	44 459 151
	Bahia	3 000	3 373 650
	Recife	20 330	23 550 860
	Total	**207 610**	**238 744 317**
Gibraltar	Santos	677	880 468
Grã-Bretanha	Santos	70 371	90 605 214
	Rio de Janeiro	11 359	12 336 414
	Paranaguá	171 043	207 634 966
	Total	**252 773**	**310 576 594**
Grecia	Rio de Janeiro	45 960	47 438 159
	Paranaguá	1	1 227
	Total	**45 961**	**47 439 386**
Holanda	Santos	175 711	226 202 484
	Rio de Janeiro	37 816	43 701 122
	Paranaguá	29 705	37 570 448
	Bahia	80	94 356
	Total	**243 312**	**307 568 410**
Irlanda	Santos	150	189 597
Islândia	Rio de Janeiro	12 114	12 446 850
Itália	Santos	60 682	80 451 567
	Rio de Janeiro	40 246	44 238 962
	Vitória	6 315	6 243 774
	Paranaguá	2 101	2 689 103
	Bahia	3 741	4 421 604
	Recife	3 956	4 541 295
	Total	**117 041**	**142 586 305**
Iugoslavia	Rio de Janeiro	11 666	13 626 625
Malta	Vitória	200	217 646
Noruega	Santos	90 675	110 680 006
	Paranaguá	28 850	35 098 650
	Total	**119 525**	**145 778 656**
Polonia	Santos	3 666	4 669 750

PAÍSES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em (sacas de 60 quilos	Valor (cruzeiros)
Portugal	Santos	1	1 200
	Rio de Janeiro	1 409	1 664 481
	Recife	140	172 919
	Total	**1 550**	**1 838 600**
Suécia	Santos	251 149	320 733 216
	Rio de Janeiro	46 980	58 700 385
	Paranaguá	23 721	30 021 410
	Bahia	4 724	5 825 518
	Total	**326 574**	**415 280 529**
Suíça	Santos	2 095	2 716 367
	Rio de Janeiro	7 116	8 359 301
	Paranaguá	675	844 504
	Bahia	170	199 662
	Total	**10 056**	**12 119 834**
Tchecoslováquia	Angra dos Reis	1 500	1 869 246
Trieste	Santos	39 101	52 850 033
	Rio de Janeiro	61 555	66 566 136
	Vitória	2 375	2 562 520
	Total	**103 031**	**121 978 689**
OCEANIA:			
Australia	Santos	568	732 931
	Rio de Janeiro	799	973 684
	Total	**1 367**	**1 706 615**
Nova Zelandia	Santos	50	66 184
TOTAL GERAL:		**8 319 467**	**10 062 753 519**

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

II — Detalhes pelos portos de procedência

JANEIRO a AGÔSTO DE 1951

PAÍSES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)
AFRICA:			
Argélia	Santos	125	149 625
	Rio de Janeiro	1 108	1 103 400
	Total	**1 233**	**1 253 025**
Canárias	Vitória	833	766 024
Egito	Rio de Janeira	12 440	13 363 888
	Vitória	500	473 603
	Total	**12 940**	**13 837 491**
Marrocos Espanhol	Rio de Janeiro	4 350	4 403 466
	Vitória	5 335	5 191 619
	Total	**9 685**	**9 595 085**
Marrocos Francês	Santos	625	753 312
	Rio de Janeiro	11 833	12 971 272
	Vitória	5 824	5 888 527
	Total	**18 282**	**19 613 111**
Moçambique	Rio de Janeiro	395	396 283
Sudoeste Africano	Rio de Janeiro	499	583 001
Tanger	Rio de Janeiro	4 500	4 983 989
Tunisia	Rio de Janeiro	24 999	28 462 786
	Vitória	3 834	4 272 534
	Total	**28 833**	**32 735 320**
União Sul Africana	Santos	3 684	4 599 787
	Rio de Janeiro	27 823	30 927 253
	Paranaguá	150	191 203
	Total	**31 657**	**35 718 243**
AMÉRICA CENTRAL:			
Curaçao	Rio de Janeiro	335	369 641
Canadá	Santos	108 845	135 118 144
	Rio de Janeiro	22 013	26 245 128
	Paranaguá	29 505	35 649 955
	Recife	1 187	1 478 307
	Total	**161 550**	**198 491 534**
Estados Unidos	Santos	3 417 164	4 220 871 289
	Rio de Janeiro	1 359 219	1 568 299 401
	Vitória	81 060	80 010 006
	Angra dos Reis	99 523	120 919 567
	Paranaguá	1 563 836	1 890 771 115
	Recife	6 275	7 421 595
	Total	**6 527.677**	**7 888 292 973**

PAÍSES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em (sacas de 60 quilos	Valor (cruzeiros)
AMÉRICA DO SUL:			
Argentina	Santos	37 074	48 369 904
	Rio de Janeiro	221 772	260 402 076
	Vitória	55 868	60 821 269
	Paranaguá	2 647	3 431 272
	Total	**317 361**	**373 024 521**
Chile	Rio de Janeiro	18 093	20 459 299
	Vitória	19 472	19 500 810
	Total	**37 565**	**39 960 109**
Paraguai	Rio de Janeiro	2 450	3 048 376
Uruguai	Santos	700	893 882
	Rio de Janeiro	27 536	31 818 244
	Vitória	1 530	1 762 543
	Total	**29 766**	**34 474 669**
ASIA:			
Chipre	Rio de Janeiro	1 300	1 358 754
Filipinas	Santos	12 016	14 757 016
	Rio de Janeiro	2 660	2 845 399
	Vitória	45 100	47 833 218
	Total	**59 776**	**65 435 633**
Japão	Santos	805	1 056 596
	Rio de Janeiro	17	19 460
	Total	**822**	**1 076 056**
Jordânia	Rio de Janeiro	6 231	6 605 650
Síria & Libano	Santos	100	126 543
	Rio de Janeiro	14 667	14 724 601
	Total	**14 767**	**14 851 144**
Turquia	Rio de Janeiro	46 018	50 387 991
EUROPA:			
Alemanha	Santos	126 163	166 098 391
	Rio de Janeiro	33 416	41 103 587
	Paranaguá	19 633	24 965 774
	Bahia	144	181 036
	Total	**179 356**	**232 348 788**
Austria	Santos	14 154	18 311 078
	Rio de Janeiro	4 507	4 839 740
	Total	**18 661**	**23 150 818**
Belgo-Luxemburguesa, U. E.	Santos	83 580	108 700 656
	Rio de Janeiro	106 903	121 866 393
	Vitória	25 289	26 655 459
	Paranaguá	19 581	24 536 152
	Bahia	30	43 704
	Recife	6 550	8 159 581
	Total	**241 933**	**289 961 945**

PAÍSES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em (sacas de 60 quilos	Valor (cruzeiros)
Dinamarca	Santos	127 794	150 755 470
	Rio de Janeiro	24 772	28 629 236
	Total	**152 566**	**179 384 706**
Finlândia	Santos	3 332	4 500 647
	Rio de Janeiro	125 102	129 022 899
	Total	**128 434**	**133 523 546**
França	Santos	21 064	26 615 963
	Rio de Janeiro	141 790	158 927 997
	Vitória	28 946	29 273 310
	Paranaguá	37 738	44 459 151
	Bahia	3 000	3 373 650
	Recife	20 330	23 553 860
	Total	**252 868**	**286 200 931**
Gibraltar	Santos	677	880 468
	Rio de Janeiro	1 666	1 580 552
	Vitória	4 544	4 347 823
	Total	**6 887**	**6 808 843**
Grã-Bretanha	Santos	87 037	111 395 580
	Rio de Janeiro	15 375	16 265 226
	Paranaguá	178 043	215 684 873
	Total	**280 455**	**343 345 679**
Grécia	Rio de Janeiro	45 960	47 438 159
	Paranaguá	1	1 227
	Total	**45 961**	**47 439 386**
Holanda	Santos	205 711	263 293 676
	Rio de Janeiro	57 673	63 947 790
	Vitória	250	226 583
	Paranaguá	33 205	41 688 402
	Bahia	80	94 356
	Total	**296 919**	**369 428 807**
Irlanda	Santos	150	189 597
Islândia	Rio de Janeiro	13 539	13 899 807
Itália	Santos	67 483	89 144 641
	Rio de Janeiro	46 411	50 805 230
	Vitória	6 516	6 439 715
	Paranaguá	2 101	2 689 103
	Bahia	3 741	4 421 604
	Recife	4 062	4 664 266
	Total	**130 314**	**158 164 559**
Iugoslávia	Rio de Janeiro	11 666	13 626 625
Malta	Vitória	250	265 840
Noruega	Santos	105 675	128 789 746
	Rio de Janeiro	250	285 000
	Paranaguá	32 850	39 814 770
	Total	**138 775**	**168 889 516**

PAÍSES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em (sacas de 60 quilos	Valor (cruzeiros)
Polonia	Santos	3 666	4 669 750
Portugal	Santos	1	1 200
	Rio de Janeiro	1 409	1 664 481
	Recife	140	172 919
	Total	**1 550**	**1 838 600**
Suécia	Santos	287 797	366 202 782
	Rio de Janeiro	49 093	61 228 390
	Paranaguá ...	33 271	41 515 677
	Bahia	5 179	6 393 358
	Total	**375 340**	**475 340 207**
Suiça	Santos	3 345	4 278 601
	Rio de Janeiro	8 616	9 999 438
	Paranaguá ...	675	844 504
	Bahia	170	199 662
	Total	**12 806**	**15 322 205**
Tchecoslováquia	Angra dos Reis	1 500	1 869 246
Trieste	Santos	40 820	55 025 027
	Rio de Janeiro	71 655	76 581 708
	Vitória	4 440	4 470 304
	Total	**116 915**	**136 077 039**
OCEANIA:			
Austrália	Santos	686	876 686
	Rio de Janeiro	799	973 684
	Total	**1 485**	**1 850 370**
Nova Zelândia	Santos	50	66 184
TOTAL GERAL:		**9 726 521**	**11 700 521 617**

CAFÉ DÍSPONIVEL NOS PORTOS DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL

FF 1 9 5 1	Santos	R. Janeiro	Vitória	Bahia	Paranaguá	A. dos Reis	Recife	Total
Janeiro	1 795 666	764 571	53 375	13 335	535 061	15 430	29 012	3 206 450
Fevereiro	1 871 225	745 428	57 426	12 866	538 034	18 869	25 982	3 269 830
Março	1 561 957	604 877	39 728	12 826	519 140	24 075	30 296	2 792 899
Abril	1 591 003	650 954	23 444	13 296	422 871	11 094	26 241	2 738 903
Maio	1 564 710	585 792	19 001	13 437	399 901	10 149	19 957	2 612 947
Junho	1 567 769	498 745	22 307	10 076	278 963	15 660	12 370	2 405 890
Julho	1 477 517	467 167	37 544	10 354	267 352	10 361	12 812	2 283 085
Agôsto	1 373 970	418 616	64 044	10 602	369 157	18 921	10 710	2 266 020
Setembro	1 457 267	303 716	49 694	12 770	591 384	14 452	9 116	2 438 398
SETEMBRO:								
1950	2 023 557	561 649	83 443	24 062	598 935	8 691	15 174	3 315 511
1949	2 029 417	703 528	129 529	49 560	319 889	40 309	20 670	3 292 902
1948	2 107 662	651 276	44 276	72 800	208 404	40 830	29 023	3 154 271
1947	2 216 768	423 062	98 597	81 726	165 484	37 815	69 697	3 193 149

MOVIMENTO DE CAFÉ EM SANTOS

SAFRA 1951/52

MÊSES	ENTRADAS						MOVIMENTO			
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Matogros-sense	Total	Embarques	Despachos	Café retirado do estoque	Existência
Julho	320 910	22 956	5 555	27 791	—	375 212	463 494	465 670	1 070	1 477 617
Agôsto	446 425	30 019	2 331	32 534	300	511 609	613 037	595 291	2 119	1 373 970
Stembro	597 479	26 722	4 567	37 531	1 628	667 927	582 738	621 612	1 895	1 457 264
Outubro	745 505	31 257	4 726	43 582	2 500	827 570	761 542	742 231	1 681	1 521 611
Total	2 110 319	110 954	17 179	141 438	4 428	2 382 318	2 420 811	2 424 804	7 665	—

SANTOS

D	Café retirado do estoque	Est. de Café em Santos em poder do D.N.C. Existência em poder do D.N.C.	Vendas	Existência
1	—	438	15 847	1 447 054
2	—	438	17 108	1 445 491
3	—	438	24 892	1 471 006
4	—	438	24 512	1 482 754
5	1 672	438	39 143	1 500 215
6	—	438	26 023	1 482 406
8	—	438	19 091	1 483 215
9	—	438	21 822	1 503 309
10	—	438	30 588	1 495 959
11	—	438	20 739	1 480 472
12	—	438	23 526	1 490 568
13	—	438	12 233	1 470 461
15	—	438	22 010	1 477 120
16	—	438	19 168	1 492 073
17	—	438	17 183	1 500 488
18	—	438	22 120	1 506 047
19	—	438	24 951	1 523 253
20	—	438	10 533	1 514 796
22	—	438	15 534	1 538 757
23	—	438	23 088	1 560 448
24	—	438	18 557	1 551 244
25	—	438	17 609	1 565 987
26	—	438	30 382	1 559 309
27	—	438	9 554	1 522 060
29	—	438	11 232	1 500 952
30	—	438	20 260	1 504 747
31	9	438	12 468	1 521 611
TOTAL	**1 681**	**—**	**550 173**	**—**

COTAÇÕES DE CAFÉS NO DISPONÍVEL EM SANTOS, RIO DE JANEIRO E VITÓRIA

OUTUBRO DE 1951

(Em Cr$ 10 quilos)

DIAS	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	4 móle	4 duro	descrição 5 sem	7	7
1	195 50	194 50	189 00	156 00	143 40
2	195 50	194 50	189 00	156 00	143 40
3	195 50	194 50	189 00	155 00	143 40
4	195 50	194 50	189 50	155 00	—
5	195 50	194 50	189 50	154 00	143 30
8	195 50	194 50	189 50	154 00	141 00
9	195 50	194 50	189 50	156 00	141 00
10	195 50	194 50	189 50	158 00	141 10
11	195 50	194 00	189 50	157 00	141 30
12	195 50	194 00	189 50	157 00	141 80
15	195 50	194 00	188 50	157 00	141 70
16	195 50	194 00	189 50	157 00	141 70
17	195 00	194 00	189 50	157 00	141 70
18	195 00	194 00	189 50	157 00	142 10
19	195 00	194 00	189 50	156 00	141 80
22	195 50	194 00	189 50	156 00	141 60
23	195 00	194 00	189 50	154 00	140 50
24	194 50	193 50	189 00	154 00	141 00
25	194 50	193 50	189 00	154 00	140 80
26	194 50	193 50	189 00	154 00	140 70
29	194 50	193 50	189 00	154 00	141 50
30	194 50	193 50	189 00	—	—
31	194 50	193 50	189 50	154 00	140 70
Média	**195 15**	**194 04**	**189 33**	**155 55**	**141 69**

COTAÇÕES DE CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONÍVEL DE NOVA YORK

OUTUBRO DE 1951

(Em cents por libra de 453,60 gr.)

DIAS	SANTOS				RIO	
	Tipo 2	Tipo 4	Tipo 2 extra móle	Tipo 4 extra móle	Tipo 7	Tipo 7
1	54 00	53 50	55 50	54 25	—	46 25
2	54 00	53 50	55 50	54 25	—	46 25
3	54 00	53 50	55 50	54 25	—	46 25
4	54 00	53 50	55 50	54 25	—	46 25
5	54 00	53 50	55 50	54 25	—	46 25
8	54 00	53 50	55 50	54 25	—	46 25
9	54 00	53 50	55 50	54 25	—	46 25
10	54 00	53 50	55 50	54 25	—	46 25
11	54 00	53 50	55 50	54 25	—	46 25
12	54 00	53 50	55 50	54 25	—	46 25
15	54 00	53 50	55 50	54 25	—	46 25
16	54 00	53 50	55 50	54 25	—	46 25
17	54 00	53 50	55 50	54 25	—	46 25
18	54 00	53 50	55 50	54 25	—	46 25
19	54 00	53 50	55 50	54 25	—	46 25
22	54 25	53 75	55 75	54 50	—	46 50
23	54 25	53 75	55 75	54 50	—	46 50
24	54 25	53 75	55 75	54 50	—	46 50
25	54 25	53 75	55 75	54 50	—	46 50
26	54 25	53 75	55 75	54 50	—	46 50
29	54 25	53 75	55 75	54 50	—	46 50
30	54 25	53 75	55 75	54 50	—	46 50
31	54 25	53 75	55 75	54 50	—	46 50

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

CAFÉS ESTRANGEIROS

OUTUBRO DE 1951

(Em cents. por libra de 45,360 gr.)

PROCEDÊNCIA	DIAS				
	6	13	20	27	Média
COLÔMBIA:					
Medelin Excelso	(6) 58 1/4	(6) 58 1/4	(2) 58 1/4	(2) 58 1/4	58 1/4
Armenia	(6) 58 1/4	(6) 58 1/4	(2) 58 1/4	(2) 58 1/4	58 1/4
Manizales	(6) 58 1/4	(6) 58 1/4	(2) 58 1/4	(2) 58 1/4	58 1/4
Cucutá	(6) 58 5/8	(6) 58 5/8	(2) 58 00	(2) 58 00	58 5/16
Bogotá	(6) 58 5/8	(6) 58 5/8	(2) 58 00	(2) 58 00	58 5/16
Tolima	(6) 58 00	(6) 58 00	(2) 58 00	(2) 58 00	58 00
Ocana	(6) 58 00	(6) 58 00	(2) 58 00	(2) 58 00	58 00
COSTA RICA:					
Hard	(X) 58 3/4	(X) 58 3/4	(—) 58 1/2	(—) 58 1/2	58 1/2
Fine Atlantic	(X) 58 3/4	(X) 58 3/4	(X) 58 1/4	(X) 58 1/4	58 1/2
EQUADOR:					
Lavado	(2) 55 3/4	(2) 55 3/4	(2) 56 00	(2) 56 00	55 7/8
Extra não lavado ..	(2) 48 1/4	(2) 48 1/4	(2) 47 1/2	(2) 47 1/2	47 7/8
GUATEMALA:					
Antigua	(2) 59 1/4	(2) 59 1/4	(2) 59 1/4	(2) 59 1/4	59 1/4
Exta prime	(6) 58 1/2	(6) 58 1/2	(—) 58 00	(—) 58 00	58 1/8
Lavado bom	(6) 56 1/4	(6) 56 1/4	(X) 57 1/4	(X) 57 1/4	56 3/4
Bourbon	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	(X) 56 1/4	(X) 56 1/4	55 3/8
HAITÍ:					
Lavado bom mole ..	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	54 1/2
Catado à mão	(6) 52 1/2	(6) 52 1/2	(6) 51 3/4	(6) 51 3/4	52 1/8
HONDURAS:					
Lavado bom	(2) 56 00	(2) 56 00	(2) 56 00	(2) 56 00	56 00
Tipo 5 - Comum duro	(2) 47 1/2	(2) 47 1/2	(2) 47 1/2	(2) 47 1/2	47 1/2

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

CAFÉS ESTRANGEIROS

OUTUBRO DE 1951

PROCEDÊNCIA	DIAS				
	6	13	20	27	Média
MÉXICO:					
Coatepec	(—) 57 00	(—) 57 00	(×) 57 1/4	(×) 57 1/4	57 1/8
Maragogipe	(—) 56 00	(—) 56 00	(×) 57 1/4	(×) 57 1/4	56 5/8
NICARÁGUA:					
Matagalpa	(—) 55 3/4	(—) 55 3/4	(—) 56 1/4	(—) 56 1/4	56 00
Lavado primeira ...	(—) 55 1/4	(—) 55 1/4	(—) 55 3/4	(—)55 3/4	55 1/2
EL SALVADOR:					
Lavado primeira ...	(6) 58 1/4	(6) 58 1/4	(6) 58 1/4	(6) 58 1/4	58 1/4
S. DOMINGOS:					
Lavado bom mole ..	(—) 53 1/2	(—) 53 1/2	(=) 53 3/4	(=) 53 3/4	53 5/8
VENEZUELA:					
Maracaibo	(—) 58 00	(—) 58 00	(=) 58 1/4	(=) 58 1/4	58 1/8
CONGO BELGA:					
Lavado robusta	(6) 57 00	(6) 57 00	(6) 58 00	(6) 58 00	57 1/2
Natural robusta ...	(6) 46 1/2	(6) 46 1/2	(6)47 00	(6)47 00	46 3/4
MOOCA:					
Mooca (Arábia)	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	55 1/2
N.E.I.:					
Genuino Java Lavado.	(6) 64 1/2	(6) 64 1/2	(3) 64 1/3	(3) 64 1/3	64 1/2
UGANDA:					
Washed lavado	48 1/4	48 1/4	(2) 48 1/2	(2) 48 1/2	48 3/8

(1) C. & F. - U.S.A. (Nova York
(2) Desembarcado à vista líquido
(3) Disponível
(4) F.O.B. Nova York
(5) F.O.B. País de Procedência
(6) Nominal
(—) Embarques em Dezembro/Janeior
(×) Embarques em Novembro/Dez.
(=) Embarques em Novembro.

Cotações de Café a Têrmo em Nova York

(E cents por libra de 453,60 gr.) — Contrato "U"

NOVEMBRO DE 1951

DIAS	Dezembro		Março		Maio	
	A	F	A	F	A	F
1	N/cot.	52 65	N/cot.	50 85	N/cot.	N/cot.
2	"	52 65	"	59 90	"	"
5	"	52 75	"	51 00	"	"
7	"	52 80	"	51 20	"	"
8	"	53 00	"	51 55	"	"
9	"	52 90	"	51 45	"	"
13	"	52 65	"	51 15	"	"
14	"	52 40	"	50 95	"	"
15	"	52 45	"	51 00	"	"
16	"	52 60	"	51 15	"	"
19	"	52 40	"	50 95	"	"
20	"	52 40	"	51 00	"	"
21	"	52 50	"	51 15	"	"
23	"	52 55	"	51 25	"	"
26	"	52 75	"	51 55	"	"
27	"	52 90	"	51 55	"	"
28	"	52 80	"	51 40	"	"
29	"	52 50	"	51 25	"	"
30	"	52 35	"	51 00	"	"
Média	"	**52 63**	"	**51 17**	—	—

Cotações de Café a Têrmo em Nova York

(Em cents por libra de 453,60 gr) — Contrato "S"

OUTUBRO DE 1951

DIAS	Dezembro		Março		Maio		Julho		Setembro	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
1	52 90	53 13	51 20	51 65	50 50	50 70	49 80	49 95	49 00	49 15
2	53 05	53 15	51 65	51 64	50 90	50 79	50 20	49 94	49 01	49 14
3	53 05	53 22	51 55	51 80	n/cot.	51 00	49 75	50 05	48 80	49 23
4	53 11	53 18	51 65	51 71	50 80	50 88	50 05	50 00	49 21	49 19
5	53 15	53 19	51 65	51 74	50 85	50 91	50 05	50 10	49 30	49 29
8	53 00	52 99	51 50	51 56	50 70	50 76	50 10	49 96	49 00	49 07
9	52 85	53 00	51 48	51 51	51 55	50 79	49 80	49 98	49 07	49 10
10	52 85	52 97	51 55	51 57	50 70	50 76	49 85	49 95	49 00	49 11
11	52 90	53 14	51 60	51 60	51 69	50 80	50 83	50 00	49 25	49 16
15	53 06	53 10	51 67	51 60	51 78	50 78	50 00	49 97	49 15	49 11
16	52 95	52 99	51 50	51 53	50 70	60 68	49 83	49 80	49 00	49 04
17	53 00	53 00	51 50	51 55	50 65	50 70	49 90	49 85	49 00	48 90
18	53 00	52 85	51 52	51 40	50 55	50 46	49 70	49 57	48 75	48 62
19	52 80	52 70	51 15	51 18	50 25	50 20	49 23	49 23	48 35	48 32
22	52 60	52 30	50 99	50 70	50 05	49 70	49 05	48 73	48 05	47 80
23	52 30	52 55	50 60	50 85	49 60	49 87	48 50	48 87	47 75	47 95
24	52 50	52 74	50 90	51 10	49 90	50 11	48 85	49 15	48 00	48 16
25	52 50	52 65	50 90	51 02	49 90	50 02	48 90	49 05	48 00	48 00
26	52 50	52 80	51 02	51 18	50 02	50 18	49 10	49 23	48 20	48 28
29	52 90	52 90	51 10	51 20	50 00	20 20	49 05	49 25	48 00	48 31
30	52 90	52 50	51 02	50 83	50 00	49 83	49 00	48 83	48 11	47 85
31	52 45	52 48	50 66	50 70	49 65	49 68	48 60	48 68	47 60	47 70
Média	**52 88**	**52 89**	**51 29**	**51 35**	**50 50**	**50 45**	**49 55**	**49 56**	**48 62**	**48 66**

Média diária de CÂMBIO LIVRE, afixada pela Bolsa Oficial de Valores de São Paulo, no mês de Outubro de 1951

DIAS	Inglaterra	Est. Unidos	Uruguai	Holanda	Suiça	Suécia	Dinamarca	Espanha	Portugal	Bélgica	França
1	52,4160	18,72	—	—	4,34—	—	—	—	—	0,3778	0,0535
2	52,4160	18,72	—	—	4,3301	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
3	52,4160	18,72	—	—	4,3320	—	2,7353	—	—	0,3778	0,0535
4	52,4160	18,72	—	—	4,3310	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
5	52,4160	18,72	—	—	4,3310	3,6209	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
6	52,4160	18,72	—	—	4,3310	3,6209	2,7353	—	—	0,3778	0,0535
8	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
9	52,4160	18,72	—	—	4,3310	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
10	52,4160	18,72	—	—	4,3310	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
11	52,4160	18,72	—	—	4,3282	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,3778	0,0535
12	52,4160	18,72	—	—	4,3272	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
13	52,4160	18,72	—	—	4,3272	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
15	52,4160	18,72	—	—	—	3,6309	2,7353	1,7096	—	—	0,0535
16	52,4160	18,72	—	—	4,3262	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
17	52,4160	18,72	—	4,9196	—	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
18	52,4160	18,72	—	4,9196	4,3196	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
19	52,4160	18,72	—	—	4,3215	—	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
20	52,4160	18,72	—	—	4,3205	—	2,7353	—	—	0,3778	0,0535
22	52,4160	18,72	—	—	—	—	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
23	52,4160	18,72	—	4,9177	4,3196	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
24	52,4160	18,72	—	—	4,3215	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
25	52,4160	18,72	7,8181	4,9197	4,3205	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
26	52,4160	18,72	—	—	4,3205	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
27	52,4160	18,72	—	—	4,3252	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
29	52,4160	18,72	7,8163	—	—	3,6209	2,7353	—	—	—	0,0535
30	52,4160	18,72	—	—	4,3196	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
31	52,4160	18,72	—	—	4,3189	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
Média	**52,4160**	**18,60**	**7,8172**	**4,9192**	**4,3260**	**3,6209**	**2,7353**	**1,7096**	**6,6572**	**0,3778**	**0,0535**

CÂMBIO

1951

Resumo das operações de Câmbio, efetuadas pelos Bancos, durante o mês de OUTUBRO

MOÊDAS	COMPRAS	VENDAS
Libras	2.411.877	4.431.932
Dólares	38.927.035	50.970.624
Franco Francêeses	908.503.038	993.211.124
Escudos	572.455	876.330
Pesetas	404.267	1.670.836
Francos Suiços	1.649.396	6.426.921
Francos Bélgas	119.933.411	105.201.221
Pesos Argentinos	—	17
Pesos Uruguaios	13.200	856
Corôas Tchecas	—	1.279.414
Corôas Euécas	6.238.467	7.103.777
Corôas Dinamarquesas	2.350.739	3.555.214
Florins	81.591	7.497
CONVÊNIOS		
U$S — Alemão	3.246.480	4.001.369
U$S — Austriaco	614.451	603.825
U$S — Chileno	20.018	1.069.181
U$S — Italiano	1.493.202	2.449.941
U$S — Japonês	891.462	699.899
U$S — Polonês	86.472	200.000
U$S — Português	184.904	216.264
U$S — Tcheco	115.765	81.038
U$S — Uruguaio	273	325.756
U$S — Yugoslavo	—	821
Brasileiro - Argentino	Cr$ 220.128,50	Cr$ 643.288,90
Brasileiro - Holandês	Cr$ 100,00	Cr$ 918.542,90
Brasileiro - Noruegés	Cr$ 8.538,00	Cr$ 668.370,30

RESUMO DOS NEGÓCIOS REALIZADOS NO MÊS DE OUTUBRO DE 1951

MOÊDAS	Quantidade	Valor em Cr$
Corôas Dinmarquesas	4.750.960	12.995.303,00
Côroas Suécas	11.560.887	41.680.818,00
Corôas Tchecas	18.798	7.038,00
Dólares	78.208.483	1.464.062.807,00
Escudos	713.304	468.784,00
Florins	125.491	617.316,00
Francos Bélgas	158.503.838	59.882.750,00
Francos Francêses	1.712.931.850	91.641.854,00
Francos Suiços	7.731.380	33.618.994,00
Libras	4.808.515	252.043.123,00
Pesetas	1.638.519	2.801.213,00
TOTAL		1.960.000.000,00

Total em Libras e Dólares de acordo com a média mensal à vista sôbre a Inglaterra e Estados Unidos, afixada este mês por está Bolsa.

£ .... 37.393.162 = 52,4160
U$S .... 104.700.854 = 18,72—

Total computado em Outubro de 1950 .... 1.174.000.000,00
Total computado em Setembro de 1951 .... 1.464.000.000,00
Total computado em Outubro de 1951 .... 1.960.000.000,00

Secretaria da Bolsa, em 31 de Outubro de 1951

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

I — MERCADO LIVRE — VENDAS Á VISTA

NOVEMBRO DE 1951

DIA	Londres Libra	Nova York Dolar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Peso Chile	Côroa Suécia
1	52,41 60	18,72 00	4,33 98	0,65 72	1,31 74	7,84 91	n/cot.	3,62 09
3	52,41 60	18,72 00	4,33 98	0,65 72	1,31 74	7,83 26	"	3,62 09
5	52,41 60	18,72 00	4,33 98	0,65 72	1,31 74	7,83 26	"	3,62 09
6	52,41 60	18,72 00	4,31 77	0,65 72	1,31 09	7,88 21	"	3,62 09
7	52,41 60	18,72 00	4,31 77	0,65 72	1,29 91	7,96 60	"	3,62 09
8	52,41 60	18,72 00	4,31 77	0,65 72	1,29 82	8,03 43	"	3,62 09
9	52,41 60	18,72 00	4,31 77	0,65 72	1,29 73	8,01 71	"	3,62 09
10	52,41 60	18,72 00	4,31 77	0,65 72	1,29 73	7,98 29	"	3,62 09
12	52,41 60	18,72 00	4,31 77	0,65 72	1,29 73	7,98 29	"	3,62 09
13	52,41 60	18,72 00	4,31 77	0,65 72	1,29 46	7,89 87	"	3,62 09
14	52,41 60	18,72 00	4,31 77	0,65 72	1,29 37	7,89 87	"	3,62 09
16	52,41 60	18,72 00	4,31 77	0,65 72	1,29 57	7,89 87	"	3,62 09
17	52,41 60	18,72 00	4,31 77	0,65 72	1,29 37	7,94 90	"	3,62 09
19	52,41 60	18,72 00	4,31 77	0,65 72	1,29 37	7,94 90	"	3,62 09
20	52,41 60	18,72 00	4,31 77	0,65 72	1,29 37	7,93 22	"	3,62 09
21	52,41 60	18,72 00	4,31 77	0,65 72	1,29 37	7,94 90	"	3,62 09
22	52,41 60	18,72 00	4,31 77	0,65 72	1,30 45	7,94 90	"	3,62 09
23	52,41 60	18,72 00	4,31 77	0,65 72	1,30 45	7,94 90	"	3,62 09
24	52,41 60	18,72 00	4,31 77	0,65 72	1,29 46	7,98 29	"	3,62 09
26	52,41 60	18,72 00	4,31 77	0,65 72	1,29 46	7,93 29	"	3,62 09
27	52,41 60	18,72 00	4,31 77	0,65 72	1,29 46	7,93 22	"	3,62 09
28	52,41 60	18,72 00	4,31 77	0,65 72	1,29 46	7,91 54	"	3,62 09
29	52,41 60	18,72 00	4,31 77	0,65 72	1,29 73	7,91 22	"	3,62 09
30	52,41 60	18,72 00	4,31 77	0,65 72	1,30 73	7,84 91	"	3,62 09
Média	**52,41 60**	**18,72 00**	**4,32 05**	**0,65 72**	**1,30 00**	**7,92 90**	"	**3,62 09**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

II MERCADO LIVRE — COMPRAS À VISTA

OUTUBRO DE 1951

DIAS	Londres Libra	N. York Dolar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Chile Peso	Suécia Côroa
1	51,46 40	18,38 00	4,21 82	0,63 64	1,29 07	7,13 79	n./cot.	3,55 51
2	51,46 40	18,38 00	4,21 82	0,63 64	1,28 62	7,16 57	”	3,55 51
3	51,46 40	18,38 00	4,22 19	0,63 64	1,27 82	7,23 62	”	3,55 51
4	51,46 40	18,38 00	4,21 82	0,63 64	1,28 08	7,29 37	”	3,55 51
5	51,46 40	18,38 00	4,21 82	0,63 64	1,28 08	7,36 67	”	3,55 51
6	51,46 40	18,38 00	4,21 82	0,63 64	1,27 55	7,51 74	”	3,55 51
8	51,46 40	18,38 00	4,21 82	0,63 64	1,27 55	7,51 74	”	3,55 51
9	51,46 40	18,38 00	4,21 82	0,63 64	1,27 55	7,41 13	”	3,55 51
10	51,46 40	18,38 00	4,21 82	0,63 64	1,27 55	7,41 13	”	3,55 51
11	51,46 40	18,38 00	4,21 82	0,63 64	1,26 67	7,41 13	”	3,55 51
12	51,46 40	18,38 00	4,21 45	0,63 64	1,26 32	7,44 15	”	3,55 51
13	51,46 40	18,38 00	4,21 45	0,63 64	1,26 32	7,44 15	”	3,55 51
15	51,46 40	18,38 00	4,21 45	0,63 64	1,26 32	7,44 15	”	3,55 51
16	51,46 40	18,38 00	4,21 27	0,63 64	1,26 32	7,42 63	”	3,55 51
17	51,46 40	18,38 00	4,20 90	0,63 64	1,27 29	7,44 13	”	3,55 51
18	51,46 40	18,38 00	4,20 90	0,63 64	1,27 29	7,41 13	”	3,55 51
19	51,46 40	18,38 00	4,20 90	0,63 64	1,27 29	7,44 13	”	3,55 51
20	51,46 40	18,38 00	4,20 73	0,63 64	1,27 37	7,45 64	”	3,55 51
22	51,46 40	18,38 00	4,20 73	0,63 64	1,27 37	7,45 64	”	3,55 51
23	51,46 40	18,38 00	4,20 90	0,63 64	1,28 08	7,50 20	”	3,55 51
24	51,46 40	18,38 00	4,20 90	0,63 64	1,28 08	7,51 74	”	3,55 51
25	51,46 40	18,38 00	4,20 72	0,63 64	1,27 82	7,47 15	”	3,55 51
26	51,46 40	18,38 00	4,20 72	0,63 64	1,27 29	7,48 68	”	3,55 51
27	51,46 40	18,38 00	4,20 72	0,63 64	1,27 29	7,48 68	”	3,55 51
29	51,46 40	18,38 00	4,20 72	0,63 64	1,28 08	7,53 98	”	3,55 51
30	51,46 40	18,38 00	4,20 72	0,63 64	1,28 62	7,50 20	”	3,55 51
31	51,46 40	18,38 00	4,20 72	0,63 64	1,28 62	7,50 20	”	3,55 51
Média	**51,46 40**	**18,38 00**	**4,21 28**	**0,63 64**	**1,27 69**	**7,42 46**	**”**	**3,55 51**

ÍNDICE

COLABORAÇÃO:

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

ESTATÍSTICA:

PARA ANÚNCIOS NESTE BOLETIM

Dirijam-se à Rua Xavier de Toledo, 266, 9.º andar, sala 95
Fones, 32-8357 e 32-9579
R. PASTORE

TABELA DE PREÇOS

Página de capa interna (2.ª e 3.ª de capa)....	1 página,	Cr.$2.000,00
Página de texto	1 "	Cr.$1.500,00
" " "	½ "	Cr.$ 800,00
" " "	¼ "	Cr.$ 500,00

——— Os agentes autorizados são portadores de apresentação ———

Estando esgotadas, por motivo de fôrça maior, as edições da maioria de nossas "Separatas" relativas a assuntos agrícolas, comunicamos aos nossos leitores que se encontram suspensas as remessas, até segunda ordem.

Em devido tempo, comunicaremos o restabelecimento da distribuição.

Aos numerosos e distintos leitores, do país e do estrangeiro, aos quais, com o melhor de nossos esforços, temos procurado prestar um serviço que julgamos útil, agradecemos as amáveis referências com que nos têm distinguido.

— AVISO —

Estando esgotada a capacidade de distribuição de nosso Boletim, e havendo numerosos pedidos de remessa a serem atendidos, pedimos aos nossos atuais assinantes a gentileza de nos comunicar, dentro de 30 dias, se lhes interessa continuar a recebê-lo.

Decorrido êsse prazo, cancelaremos a remessa para aqueles de que não tenhamos recebido resposta.

Tipografia Aurora Ltda. — São Paulo

CAFÉ
SANTOS
DE
CONSUMO
MUNDIAL